horace walpole

O CASTELO DE OTRANTO

HORACE WALPOLE

O CASTELO DE OTRANTO

EDITORIAL ESTAMPA

Título do original

THE CASTLE OF OTRANTO

Tradução e introdução por
Manuel João Gomes

Capa de
Soares Rocha

ÍNDICE

APRESENTANDO WALPOLE E O SEU CASTELO GÓTICO

1. Obra de um dilettante; 2. **A invenção de um fértil género literário;** 3. **Enquadramento político; 4. Fala-se de Sade e de** Lautréamont.

1

As literaturas fantástico-frenéticas que encheram todo o século XIX, que foram e são a corrente mais popular da literatura de sempre, têm dois troncos independentes: um inglês e outro francês.

O francês radica na história do **Diabo Enamorado** de Cazotte (ver n/ versão, ed. **Arcádia**), escrito em 1772, praticamente a primeira demonstração da literatura fantástica no Ocidente, fonte a que irão beber Hoffmann, Nerval e todos os onírico-fantásticos, de Nodier a Kafka.

O tronco inglês radica impreterivelmente no **Castelo de Otranto**, cinco magros capítulos narrativos, escritos em 1765 por Sir Horace Walpole, conde de Orford, e fonte a que vão beber Ann Radcliff, Maturin, Walter Scott, Bram Stoker e, afinal, toda a literatura gótica do século XIX, como também a policial e a de «suspense» dos nossos dias.

Ora, sabereis que Sir Horace Walpole não era escritor profissional, nem o passou a ser depois deste livro. Era um aristocrata, um político por tradição familiar, membro do Partido Liberal até 1747 e deputado da Câmara dos

Lordes. Ser inglês e do partido liberal em 1740 e tal significa estar implicado no nascimento do capitalismo... O facto, todavia, de este conde se ter retirado da política aos 50 anos, implica quiçá uma certa renúncia a tão sinistra paternidade. E Walpole fez mais que retirar-se da política (com tudo o que isso acarreta: alguma desilusão perante o sistema capitalista que ajudou a erguer, alguma autocrítica ao racionalismo liberal que ao iluminismo nascente se liga, etc.) Walpole fez mais do que isso, porque se retirou para a Idade Média...

Reconstruiu a casa barroca em que morava, em Strawberry, dando-lhe aspecto de castelo gótico. Passou a dedicar todos os seus conhecimentos e capitais à Idade Média; determinou de coleccionar objectos medievos e de viver num cenário existencial rigorosamente arcaico, o mais próximo possível da Meia Idade. Resolveu finalmente escrever um romance medieval, com linguagem, gestos, personagens, mentalidades e cenários aturadamente reconstituídos pelo figurino medieval. Quem leu os romances de Scott e de Herculano, talvez pergunte: mas que mérito teve o Walpole? Teve o de ter escrito antes de Scott e de Herculano, que literariamente falando, são seus filhos.

2

Talvez nunca ninguém venha a saber se foi o modo de vida de Walpole que deu origem ao livro, se foi o livro que o forçou a perfilhar tão excêntrico modo de vida.

Ao certo, sabemos hoje que Walpole, mercê desse livro, se tornou um grande escritor.

O certo é que Walpole se içou à categoria de escritor único, inventor de um género, de uma fórmula, tal como Einstein o é do seu **Emc²**.

Inventor talvez do ovo de Colombo da literatura — o romance gótico —, mas a verdade é que, antes dele, ninguém se tinha lembrado de tal.

Os cenários negros em que os seus dramas se desenvolvem, representando, **grosso modo**, criptas, escadarias, pórticos, cárceres, átrios, galerias assombradas, tumbas e claustros em ruínas, esses cenários (que dão o nome de **gótico** ao género walpoliano) virão a manter o seu funéreo e fascinante fulgor durante séculos, em literaturas e autores de todo o mundo, até dos nossos dias, como adiante se verá.

Das boas (ou más) intenções do autor de **O Castelo de Otranto**, falam mui sabiamente os eruditos prefácios e as polémicas introduções com que faz anteceder a 1.ª e a 2.ª edições do livro, introduções em que fala do seu conceito de realismo e não realismo, do seu conceito de imaginação, do seu conceito de moral, do seu conceito de literatura, e até de linguística comparada... Baste-nos a nós, por agora atentar em 2 ou 3 pormenores que dão a estes textos mais consequência do que seria intenção do seu autor.

Se Sir Horace Walpole mais não intentava que costurar um paciente tricô de cenas medievais, mas ao gosto da modernidade, a verdade é que inventou, com o seu **Castelo**, a mais popular e a mais bem conservada literatura do seu século, do século seguinte, e do século presente. Deu-lhe, com plena consciência, uma gramática (que afirma copiada de Shakespeare, e com certa razão). Estabeleceu-lhe os limites, como o leitor certamente verificará depois de ler — e é obrigatório que o faça! — os prefácios que antecedem a narrativa.

A literatura de terror, a literatura narrativa romântica, Walter Scott, os ultra-românticos,

Ann Radcliff, **Sade**, Balzac, Jane Austen, os folhetinistas como Sue, Dumas, Vidocq e Ponson du Térrail, Edgar Poe, Mathurin, as irmãs Bronte, o casal Shelley, os Drácula, Alexandre Herculano, o jovem Camilo (**Anátema**), Fantômas, Arsène Lupin, o cinema de Hitchcock, Polanski e das sessões da meia-noite, a literatura policial anglo-americana... toda essa importante fatia da cultura ocidental tira a sua paternidade de excêntrico Walpole, do **dilettante** conde de Orford, e do seu romance melodramático, da sua estrutura em que tudo parece frágil, em que todas as personagens se nos afiguram ridículas e piegas, em que nenhuma linha corta a direito, mas onde afinal tudo se encaixa com o máximo rigor.

3

Se considerarmos que Walpole era uma personagem excêntrica, um político **blasé**, um capitalista-liberal renegado, um intelectual por vários modos contestatário do sistema político e social de que chegou a ser cúmplice (quer por ser filho de um primeiro-ministro, quer por ter sido ele próprio deputado); se considerarmos que o seu romance é uma fuga ao mundo que o rodeia, uma construção confessada e conscientemente ousada, erigida à margem da sociedade e da literatura em que viveu, uma mistela de real e de inverosímil; se considerarmos tudo isso, não andaremos longe de concluir que Walpole tem tudo para ser olhado como protótipo do **escritor-anti**: antiliteratura, anticultura, antiacima-de-tudo — (e por inverosímil que pareça) — capitalista [1].

---

[1] E se disséssemos o escritor que, com o surrealismo, conquista o seu estatuto adentro da Instituição Cultural?

Tal porém não se faz sem contradições gravíssimas.

Ao nivelamento das classes que o sistema liberal iluminista supunha, Walpole contrapõe uma desigualdade original entre príncipes e servos, estes sempre ridículos, aqueles sempre nobres.

Ao crescente desdém pelos direitos feudais, desdém que é um princípio básico do capitalismo nascente, contrapõe Walpole o «sagrado» e ancestral direito às heranças milenárias.

E seria um nunca mais acabar: as concessões ao «ancien-régime» são em Walpole fruto do desdém pelo regime nascente, pelo radicalismo mais ou menos cego, pelas novas injustiças que o «nouveau-régime» arrastava consigo. A servir tal regime, Walpole optou por recolher-se ao seu castelo gótico, sendo as suas opções bastas vezes feudalófilas...

4

Concluamos:

Dos grandes escritores ingleses do seu tempo, nenhum logrou conquistar destino mais glorioso, chamem-se eles embora Fielding, Samuel Johnson e Lawrence Sterne, tenham eles embora escrito obras tão importantes como o aliás fastidioso **Tom Jones.** A verdade é que nenhum logrou erigir uma estrutura-narrativa-paradigma como a do **Castelo de Otranto** nem impressionar tanto o público e os escritores (autêntica legião!) que de algum modo o plagiaram, ampliaram, reescreveram...

Falámos de Sade: por estranho que pareça, é aos escritores góticos que o maior escritor francês da Revolução deve o «esqueleto» dos seus aristocratas libertinos e perversos, dos seus condes, marqueses e princesas, esquele-

tos que se encarrega de revestir de libido. É dos autores góticos que saem as inocentes donzelas sacrificadas no altar de perversão a que soe chamar-se **sádicas**. O leitor terá neste volume oportunidade de ver que o sadismo é tanto criação do divino Donatien-Alphonse François de Sade, proscrito e preso na Bastilha e no hospício de Charenton, como do nobre sir Horace Walpole de Orford, retirado em seu castelo gótico de Strawberry, à volta com mil sonhos de elmos gigantes e manoplas descomunais.

E, se o divino marquês colhe da literatura negra os tipos dos tiranos e das virgens mai-los cenários claustrais e medievos, não terminaremos sem notar que é também ao género inventado por Walpole que Lautréamont arranca Maldoror, personagem liberrimamente decalcada do jovem Teodoro, o trota-mundos quase impalpável que, de pirata a fantasma, passando por amante e conquistador de donas, passa por todos os modos de vida, rocambolesco e imaturo, heróico e inocente, sedento de sangue e virgem, psicologicamente inverosímil, apaixonadamente contraditório, suspenso entre o bem e o mal, de que Zeus nos livre e ámen.

M. J. G.

BIBLIOGRAFIA

Mario Praz — Introductory Essay, in **Three Gothic Novels**, Penguin Books.

B. Ifor Evans — **História da Literatura Inglesa**, Portugália Editora.

Marcelin Pleynet — Le Roman est un genre faux, in **Lautréamont par lui même**, Ed. Seuil.

Horace Walpole — Madalena or The Fate of the Florentins, in **Great British Tales of Terror**, Pinguin Books.

Horace Walpole — **Walpoliana**, B. N. L. (ver **Apêndice** a este volume).

DATAS GÓTICO-NEGRAS

1717 — Nasce Horace Walpole, filho do primeiro-ministro britânico Robert Walpole. Reina Jorge I e a maioria parlamentar é liberal.

1727 — Nascimento de Mary Coke, a quem é dedicado o livro.

1739 — Viagem de Walpole à França, na companhia do poeta Thomas Gray (1716-1771). Regressam em 1741.

1740 — Nascimento de Sade.

1742 — Walpole entra no Parlamento.

1745 — Morte do pai.

1747 — Walpole passa a habitar em Strawberry Hill, onde adquire um castelo barroco que começa a decorar ao gosto gótico.

1757 — Funda no castelo uma tipografia (o que no tempo equivale a uma editora) onde edita as **Odes** de Gray e algumas obras suas, de carácter histórico.

1759 — Nasce William Beckford, aristocrata e escritor, autor de **Vateck** (1787), narrativa que, com o **Castelo de Otranto**, cria a fórmula do género negro.

1760 — Subida ao poder dos conservadores e de Jorge III. Absolutismo.

1764 — Nasce Ann Radcliff, principal cultora do romance gótico.

1765 — 1.ª edição do **Castelo de Otranto**, sob o pseudónimo de Onuphrio Muralto e apresentada como tradução do italiano.

1767 — Walpole retira-se do Parlamento para o Castelo de Strawberry-Hill.

1771 — Nasce Walter Scott, fundador do romance histórico que, em boa verdade, foi inventado por Walpole.

1775 — Nasce Lewis, autor de **O Monge**, obra em que o gótico atinge o auge. Os cenários são os mesmos que Walpole criou no **Castelo de Otranto.**

1782 — Nasce Maturin, autor de **Melmoth**, obra que obedece aos esquemas cénicos e narráticos do **Castelo**, mormente na personagem de Teodoro.

1783 — Independência dos EUA, ao cabo de sete anos de luta com a Inglaterra.

1789 — Revolução Francesa. Sade escreve os **120 Dias de Sodoma.**

1797 — Morte de Horace Walpole. Sobe ao poder Napoleão Bonaparte.

PREFÁCIO DO AUTOR À PRIMEIRA EDIÇÃO

A presente obra foi encontrada na biblioteca de uma velha família católica do norte da Inglaterra. Foi impressa em Nápoles, em caracteres góticos, no ano de 1529. Não é fácil perceber há quanto tempo terá sido escrita. Os episódios principais dão-nos a impressão de terem tido lugar nas mais obscuras idades da Cristandade; mas a linguagem e os comportamentos pouco têm a ver com barbarismo. Está escrita no mais puro estilo italiano. Se a história foi de facto escrita na altura em que é suposto que tenha acontecido, situá-la-emos entre 1095, época da primeira cruzada, e 1243, data da última, ou quiçá um pouco depois.

A obra não apresenta quaisquer outros sinais que possam levar-nos a adivinhar em que período se situa a cena: os nomes dos actores são evidentemente fictícios, ou mesmo propositadamente ocultos. Mas os nomes espanhóis dos criados parecem mostrar que a obra não foi escrita antes do estabelecimento dos reis de Aragão em Nápoles, facto que tornou os ditos nomes espanhóis vulgares nesse reino. A beleza da escrita e o zelo do autor (ainda que moderado por singular juízo a respeito dos factos) concorrem para que eu possa convicta-

mente situar a data da composição em tempo muitíssimo anterior ao da sua impressão. As letras atravessavam então na Itália um período muito brilhante, tendo contribuído muito para a dissipação do império das superstições, nessa altura tão atacado por parte dos Reformados. É bastante provável que um padre habilidoso tudo fizesse para virar contra os inovadores as próprias armas destes, aproveitando-se da sua própria habilidade literária para confirmar a populaça nos seus erros e superstições ancestrais. Se tal era o seu ponto de vista, conseguiu-o com assinalável êxito.

Uma obra como esta convence muito mais as almas simples do que metade das obras apologéticas escritas desde o tempo de Lutero até aos dias de hoje.

A verdade porém é que uma tal interpretação das razões do autor não passa de mera conjectura nossa. Fossem todavia quais fossem os seus pontos de vista, fosse qual fosse o efeito que viessem a produzir, não há dúvida de que, hoje em dia, para o público, uma obra destas não passa de um entretenimento. Facto que não nos dispensa de a comentar. Os milagres, as visões, a necromancia, os sonhos e outras coisas sobrenaturais são hoje assunto explorado mesmo fora dos romances. No tempo em que o nosso autor escrevia, as coisas não eram assim; muito menos o seriam na época em que se supõe que a história tenha acontecido. A crença em toda a casta de prodígios estava tão enraizada nessas épocas obscuras que autor que não os referisse era infiel aos costumes do tempo. Não era obrigado a acreditar, mas tinha de representar os seus actores como crentes.

Posta de parte esta **aura de miraculoso,** não há dúvida de que o leitor nada mais encontrará que não seja digno de leitura atenta. A partir

do momento em que admitamos a possibilidade dos factos, teremos de concordar que os actores se comportam como qualquer pessoa se comportaria em situações idênticas. Não há coisas bombásticas, nem grandes alegorias, nem floreados e digressões ou descrições desnecessárias. Tudo tende para a catástrofe. A atenção do leitor nunca sofre afrouxamento. As regras do drama são sempre seguidas ao longo do desenrolar da peça. As personagens são desenhadas com mestria e segurança. O terror, que é o principal artifício do autor, evita que a história alguma vez decaia em vivacidade; tem na piedade um tal contraponto que a mente é obrigada a fixar-se constantemente na luta entre paixões tão adversas.

Talvez algumas pessoas achem que as personagens dos criados são demasiado pouco sérias, se comparadas com o nível geral da história. Mais do que na oposição às personagens principais, o engenho do autor é bem visível no modo como pinta os subalternos. Há na história muitas passagens essenciais que, só pela **naiveté** e simplicidade deles, podiam ser trazidas à luz: mormente, no último capítulo, o terror tipicamente feminino e a fraqueza de Bianca, que, progressivamente, se ergue até ao auge da catástrofe.

É natural que o tradutor se prejudique a si mesmo em favor de uma obra que adapta. Muitos serão os leitores imparciais a quem as belezas desta obra não impressionarão tanto como me impressionaram a mim. Nem eu sou tão cego que não veja os defeitos do autor que traduzo. Eu gostaria mais que ele tivesse baseado o seu plano numa moral mais útil que aquela em que se baseia: **serem os pecados dos pais castigados na pessoa dos herdeiros, até à terceira e quarta geração.** Duvido de que, naquele tempo, ao contrário do que hoje su-

cede, a ambição refreasse os seus desejos de domínio, por recear uma tão distante punição. Mas tal moral fica ainda mais enfraquecida com a menos directa insinuação de que a devoção a S. Nicolau pode evitar semelhantes anátemas. Nesse aspecto, o frade leva de facto a melhor sobre o próprio pensamento do autor.

De qualquer modo, apesar de todas essas falhas, tenho a certeza de que o leitor inglês há-de gostar de ler este trabalho. A piedade reinante em cada página, as lições de virtude que o livro inculca, a rígida pureza de sentimentos, tudo isso isenta este livro das censuras a que no geral os romances são sujeitos.

Se o êxito desta obra for como espero, talvez me abalance a publicar o original italiano, ainda que isso signifique uma depreciação para o meu próprio labor. A nossa língua é muito inferior, quer na variedade quer na harmonia, à encantadora língua italiana. Esta é excelente sobretudo nas narrativas simples. Em inglês, é muito difícil **narrar** sem se descer demasiado baixo ou subir demasiado alto, falta que é evidentemente ocasionada pelo pouco cuidado com que falamos a nossa língua na conversação comum. Todos os italianos e franceses, seja qual for a sua posição social, se esforçam por falar selecta e correctamente a sua língua. Nesse aspecto, não posso gloriar-me de ter feito justiça ao autor que traduzi; o seu estilo é tão elegante quão magistral é a sua descrição das paixões. Pena é que ele não tenha aplicado tantos talentos naquilo para que eles são evidentemente mais apropriados: o teatro.

Não roubarei ao leitor mais tempo e limitar-me-ei a uma última observação. Apesar de o enredo ser inventado e os nomes imaginários, estou em crer que o essencial da história se baseia em factos verídicos. A cena passa-se evidentemente num castelo verdadeiro. O autor,

sem querer, descreve frequentemente locais concretos: **o quarto do lado direito, a porta do lado esquerdo, a distância que vai da capela aos aposentos de Conrado.** Estas e outras passagens são forte indício de que o autor tem diante de si uma edificação autêntica. Os curiosos que tenham vagar para tais pesquisas podem certamente procurar nos escritores italianos a base sobre o qual o nosso autor edificou a sua obra. E se se descobrir que teve lugar alguma catástrofe semelhante à que deu origem a esta obra, isso contribuirá para interessar o leitor, fazendo de **O Castelo de Otranto** uma história ainda mais patética do que já é [1].

---

[1] Todo este prefácio foi escrito para desorientação do leitor, como o demonstra o prefácio à 2.ª edição e as nótulas que noutros locais Walpole deixou escritas, algumas das quais podem ler-se no **Apêndice** a este volume. O único facto verídico de que o autor parte é a sua inegável erudição em assuntos medievais, que, segundo ele próprio, lhe «enchiam a cabeça». Numa carta escrita em 1765, Walpole confessa ter sonhado com um castelo gótico («sonho natural em quem, como eu, tem a cabeça cheia de História gótica»), com uma escadaria e um balaústro sobre o qual se via uma enorme manopla. Tal é a origem da narrativa. — **(N. do T.)**

PREFÁCIO DO AUTOR À SEGUNDA EDIÇÃO

O modo favorável como esta pequena obra foi recebida pelo público exige que o seu autor explique em que bases foi composta. Antes porém de expor estas razões, virá a propósito pedir aos seus leitores desculpa por lhes ter apresentado o seu trabalho sob a falsa designação de tradutor. Como a pouca confiança na sua habilidade e na singularidade do cometimento a que se entregou, foram as únicas razões de um tal disfarce, julga-se digno de desculpa. Apresentou a sua obra ao imparcial juízo do público; determinou de a deixar sepultada nas trevas, caso aquele não desse provas de que a apoiava, mantendo o maior segredo até que os melhores juízes lhe asseverassem que podia, sem corar, assumir a autoria da peça.

Grande cometimento é querer combinar dois géneros de romance, o antigo e o moderno. Naquele tudo é imaginação e inverosímil; neste, há sempre a pretensão, por vezes conseguida, de copiar fielmente a natureza. Não há falta de imaginação; mas têm sido condenados os grandes recursos da fantasia, em favor de uma rigorosa obediência à vida quotidiana. A razão de nesta última espécie de romance a Natureza ser impecilho à imagina-

ção, a razão está no facto de querer desforrar-se por, nos antigos romances, ter sido completamente posta de lado. Os actos, sentimentos e falas dos heróis e heroínas de antigamente eram tão pouco naturais como os mecanismos que os moviam.

Achou o autor da presente obra que era possível reconciliar esses dois géneros. Desejando deixar aos poderes da fantasia liberdade para se espraiarem pelos reinos ilimitados da invenção, criando a partir daí situações mais interessantes, houve o autor por bem descrever os mortais agentes do seu drama de acordo com as normas da verosimilhança, ou seja, pô-los a pensar, a falar e a agir como é suposto que devem agir todos os homens e mulheres que defrontam situações extraordinárias. Sempre notara que, em todos os escritos sacros, as personagens que são testemunhas de milagres e de fenómenos estupendos nunca perdem a aparência do seu carácter humano; em certas histórias românticas, pelo contrário, um acontecimento improvável nunca deixa de ser acompanhado por diálogos absurdos. Os actores como que perdem a razão no momento em que as leis da natureza falham à norma.

Uma vez que o público apoiou o seu cometimento, não tem o autor necessidade de dizer que sempre se sentiu incapaz de desempenhar a contento a tarefa que se propunha. Mas, se esta nova estrada por ele aberta puder facilitar o caminho a homens de mais brilhantes talentos, o autor não deixará de reconhecer, com todo o gosto e modéstia, o facto de sempre também ter tido a consciência de que o seu esquema era passível de um embelezamento superior ao que a sua imaginação e a sua pintura das paixões lograram conseguir.

A respeito do comportamento dos criados, a que já me referi em prefácio anterior, seja-me

permitido acrescentar mais umas palavras. A simpleza dos ditos criados, que quase tende para o ridículo e que a princípio parece em desacordo com a seriedade da obra, sempre se me afigurou, mais do que apropriada, muito adaptada ao fim em vista. A minha norma era ser natural. Embora sejam graves, importantes e merencórias, as sensações dos príncipes e dos heróis não apresentam, nos seus criados, cunho idêntico; pelo menos, estes últimos não exprimem nem podem exprimir as suas paixões com idêntica dignidade. Na minha humilde opinião, o contraste entre o sublime de uma coisa e a **naiveté** da outra coloca o carácter patético dos primeiros em maior evidência. A impaciência sentida pelo leitor que é obrigado a demorar-se nas rudes facécias dos comparsas, que não o deixam tomar mais rápido conhecimento da catástrofe por que espera, que porventura receia, essa impaciência é uma prova de que está interessado e que compreende bem o que lhe está a ser narrado. Mas, mais importante que a minha opinião a esse respeito, é a desse grande mestre do natural, Shakespeare, cujo modelo eu copiei. Deixai que vos pergunte se as tragédias de Hamlet e de Júlio César não perderiam uma parte considerável do seu espírito e das suas maravilhosas belezas no caso de o humor dos coveiros, as tolices de Polónio e as facécias desajeitadas dos cidadãos romanos serem omitidas ou transformadas em falas heróicas? Não serão a eloquência de António e o nobre e comovidamente simples discurso de Bruto, artificialmente exaltados pelos berros tão naturalmente saídos das bocas dos seus auditores? Recorde-se aquele escultor grego que, para comunicar a ideia de Colosso, utilizando as dimensões de um sinete, inseriu no desenho um rapazinho que media de altura tanto como o polegar do Colosso.

Diz Voltaire na sua apresentação da obra de Corneille que esta mistura de burlesco com solene é intolerável... Voltaire é um génio [1] mas um génio menor do que Shakespeare. Para não ter que recorrer a autoridades contestáveis, vou apelar para o próprio Voltaire. Não perfilho os encómios que o crítico francês faz ao nosso maior poeta: já por duas vezes ele falou de Shakespeare em termos idênticos, mas há anos fazia-o com admiração e hoje em dia fá-lo com ironia. Lamento tanto mais o facto quanto me parece que o seu juízo vai enfraquecendo

[1] A presente observação nada tem a ver com o assunto que nos ocupa, mas é desculpável num inglês convencido de que as severas críticas de um escritor tão perfeito como Voltaire ao nosso imortal compatriota são mais resultado de precipitação que de um juízo atento. Quer-nos parecer que a sua habilidade crítica a respeito da força e possibilidades da nossa língua terá sido algo tão incorrecto e incompetente como o conhecimento que ele tinha da nossa História... A respeito desta, a pena de Voltaire falha nos mais flagrantes factos. No seu prefácio à peça **O Conde de Essex** de Thomas Corneille, monsieur de Voltaire afirma que nessa peça a verdade histórica foi grosseiramente violada. Mas desculpa o autor dizendo que, quando Corneille escrevia, a nobreza francesa era pouco lida em História da Inglaterra; hoje em dia, porém (acrescenta o comentador), numa altura em que ela é devidamente estudada, tais atropelos seriam impensáveis... Admitindo embora que esse período de ignorância cessou e que já não é necessário proceder a sério estudo, Voltaire resolve, após exuberantes leituras, informar a nobreza do seu país de um facto relacionado com os favoritos da rainha Isabel, o principal dos quais (diz ele) era Robert Dudley, sendo o conde de Leicester o segundo... Acham os meus leitores que será necessário informar monsieur de Voltaire de que Robert Dudley e o conde de Leicester era uma e a mesma pessoa? **N. do T.**: Note-se que Voltaire era ainda vivo quando Walpole escreveu este polémico prefácio. Walpole não o poupava e são numerosas as referências que lhe faz, por exemplo no livro **Walpoliana**, de que falamos no **Apêndice** a este volume.

quando devia ir amadurecendo. Vou pois citar as suas próprias palavras a respeito do teatro em geral, quando a sua pretensão não era louvar ou denegrir Shakespeare e os seus métodos. Numa altura, portanto, em que ele era imparcial. No prefácio ao seu **Enfant prodigue**, uma bela peça a que tributo a maior admiração e que jamais intentarei ridicularizar, viva eu embora vinte anos, escreve, falando da comédia (mas tudo isto se aplica à tragédia, se esta for, como de facto deve ser, uma pintura da vida humana; por mim, não acho que se devam banir da cena trágica facécias ocasionais, como não devem banir-se das comédias cenas patéticas e sérias): **«On y voit un mélangue de sérieux et de plaisanterie, de comique et de touchant**; souvent même une seule aventure **produit tous ces contrastes. Rien n'est si commun qu'une maison dans laquelle** un père gronde, une fille occupée de sa passion pleure; **le fils se moque des deux et quelques parents prennent part differemment à la scène, &c. Nous n'inferons pas de là que toute comédie doive avoir des scènes de bouffonerie et des scènes attendrissantes: il y a beaucoup de très bonnes pièces où il ne règne que de la gayté; d'autres toutes sérieuses; d'autres melangées; d'autres où l'atendrissement va jusques aux larmes**: il ne faut donner l'exclusion à aucun genre; **et, si l'on me demandait quel genre est le meilleur, je répondrais celui qui est le mieux traité.»** [1] É claro que, se uma comédia pode ser **toute sé-**

[1] «Há-de notar-se a mistura de sério e de divertido, de cómico e de comovente; por vezes uma mesma aventura produz ambas as coisas, em contraste. Nada mais comum que uma casa de família em que o pai ralha e a filha chora, entregue à sua paixão, isto enquanto um filho zomba de ambos, ao mesmo tempo que outros parentes participam na cena dos modos mais diversos, etc... Não se infira daqui que uma

rieuse, também numa tragédia há-de ser permitido, ponderadamente, o sorriso. Quem poderá impedi-lo? Poderá o crítico que, em sua legítima defesa, diz que ambas as modalidades podem ser utilizadas na comédia,, ditar depois leis a Shakespeare?

Quer-me parecer que o prefácio de onde citei algumas passagens deveria atribuir-se menos a monsieur de Voltaire do que ao seu editor: mas quem é que não sabe que o editor e o autor era a mesma pessoa? Ora, onde há editor tão perfeitamente possuído do estilo do escritor e da sua facilidade para argumentar? Não duvidamos de que semelhantes passagens representam o genuíno sentir deste grande escritor. Na sua epístola a Maffei, que serve de introdução ao **Mérope**, o autor apresenta-nos uma opinião parecida, imbuída porém de alguma ironia, parece-me. Vou citar essas palavras e depois explicarei o motivo por que as cito. Ao mesmo tempo que traduz uma passagem do **Mérope** de Maffei, monsieur de Voltaire acrescenta o seguinte: **«Tous ces traits sont naïfs: tout y est convenable à ceux que vous introduisez sur la scène** et aux moeurs que vous leur donnez. **Ces familiarités naturelles eussent été, à ce que je crois, bien reçues dans Athènes; mais Paris et notre parterre veulent une autre espèce de simplicité.»** ([1])

---

comédia tem que ter cenas burlescas e cenas comoventes; são muitas as boas peças em que só reina alegria; há outras que são muito sérias; outras são uma mistura; outras há em que a comoção é levada até às lágrimas. Nenhum género pode ser excluído; e se alguém me perguntasse qual é o género melhor, eu responderia que é aquele que for mais perfeitamente tratado.»

([1]) «Todas as suas características são ingénuas, como convém às personagens que colocais em cena e aos costumes que lhes atribuís. Essa familiaridade natural, estou em crer que seria muito bem recebida em Atenas; mas Paris e as suas plateias exigem outro género de simplicidade.» **N. do T.: Mérope** é uma peça italiana de Scipione Maffei, que Voltaire adaptou em francês.

Devo dizer que não sei se, nesta como noutras passagens da dita epístola, não haverá um tudo-nada de sarcasmo; mas a força da verdade não é prejudicada pelo facto de nela haver cambiantes de ridículo. Maffei pretendeu escrever uma história grega; é claro que os atenienses eram tão competentes para julgarem os métodos gregos e o melhor modo de os representar como a **parterre** de Paris. Pelo contrário, no dizer de Voltaire (com um raciocínio que não posso deixar de admirar) Atenas tinha dez escassos milhares de habitantes, enquanto Paris tem oitocentos mil, entre os quais es contam trinta mil apreciadores de obras dramáticas, se não forem mais... Se tão numeroso tribunal existe, é por certo o único que alguma vez teve pretensões como esta: que trinta mil pessoas que vivem dois mil anos depois da época em questão se declarem melhores juízes do que os próprio gregos, quando se trata de saber quais devem ser os métodos de uma tragédia baseada numa história grega.

Não vou agora discutir a **espèce de simplicité** que a **parterre** de Paris exige, nem as correntes com que esses **trinta mil juízes** amarram uma poesia cujo mérito principal, como ouso inferir de várias passagens do **Novo Comentário sobre Corneille**, consiste em erguer-se muito alto, sem sentir o peso de tais grilhetas, mérito esse que, a ser autêntico, reduziria a poesia, de alto esforço da imaginação que é, a um pueril e reles labor — **dificiles nugae** — perante uma testemunha.

Não posso deixar de mencionar uma estrofe, que para os meus ouvidos de inglês sempre

soou como o mais fraco e trivial exemplo de exactidão circunstancial, mas que Voltaire, crítico que tão severamente trata nove de cada dez partes da obra de Corneille, seleccionou e muito defendeu em Racine:

De son appartement cette porte est prochaine,
Et cette autre conduit dans celui de la reine.

(Perto está a dita porta dos aposentos seus.
E aqueloutra conduz-nos ao quarto da rainha.)

Pobre Shakespeare! Se tu tivesses posto Rosencrans a informar o seu companheiro Guildenstern sobre a arquitectura do palácio de Copenhague, em vez de nos apresentares um diálogo moral entre o príncipe de Dinamarca e o coveiro, a iluminada plateia de Paris voltaria novamente a ter em grande adoração os teus talentos!

Tudo quanto ficou dito serve para eu justificar a ousadia com que me determinei a seguir os cânones do mais fulgurante génio que, pelo menos, a nossa Inglaterra produziu. Podia ter defendido que, depois de haver criado um novo género de romance, tinha a liberdade para estabelecer as leis que julgo ter seguido para o produzir; mas orgulho-me mais de haver imitado, se bem que de forma assaz débil e a muita distância, um tal padrão, do que de haver inventado fosse o que fosse, uma vez que não posso gabar-me de à originalidade da obra ter acrescentado a genialidade. Mesmo assim, suficientemente a honrou já o público, seja qual for a categoria, que, pelo mesmo público, lhe venha a ser atribuída.

À MUI NOBRE LADY MARY COKE

A tão gentil donzela
cuja história este livro melancólico
vos relata,
logrou quiçá, senhora,
mover o vosso pranto?

Sim, nunca tão piedoso peito
se há mostrado insensível
às humanas desgraças.
Vosso coração firme mas bondoso,
sem fraco ser, é compassivo.

Não acoimeis de irrazoável e caprichosa
esta maravilhosa narração
de que a ambição feroz sai castigada.

Se meu fraco poder
ousou içar-se nas asas do fantástico,
foi sob os bons auspícios de vosso sorriso
que para mim é penhor de fama. ([1])

([1]) Versão libérrima de um soneto-dedicatória, em versos de 8 sílabas. Lady Mary Coke (1726-1811) é filha de John, duque de Argyll, e mulher de Edward Viscount Coke. Publicou, de 1889 a 1896, as suas «Letters and Journals.» — (N. do T.)

CAPÍTULO I

Manfredo, príncipe de Otranto, tinha um filho e uma filha; esta, formosa donzela de dezoito anos, havia nome Matilde; o filho, de nome Conrado, três anos mais novo, era um moço sem garbo, enfermiço, de disposições pouco prometedoras; era porém o favorito de seu pai, que nunca manifestava para com Matilda quaisquer sinais de estima.

Tinha Manfredo conseguido concertar o casamento do filho com a filha do marquês de Vicenza, Isabella. Mal os tutores desta a entregaram nas mãos de Manfredo, ele aprazou logo a data do casamento, para quando o estado de saúde de Conrado o permitisse. Toda a família e parentela de Manfredo percebia a impaciência com que ele ansiava por tal cerimónia. Não se atreviam porém a interferir no acto precipitado do príncipe, conhecedores que eram das suas severas disposições. Hippolita, a esposa, dama de muita bondade, tinha-se aventurado por várias vezes a mostrar-lhe o perigo que podia advir de tão apressado matrimónio, dada a mocidade e falta de saúde do noivo; outra resposta porém não recebia senão objurgatórias contra a sua própria esterilidade, causa de ele apenas poder contar com um herdeiro.

Os súbditos, entre si, contavam o caso sem mais rodeios: atribuíam a pressa do príncipe em casar o filho ao pavor que ele sentia de ver cumprida uma certa profecia em tempos proclamada: **que o castelo e domínios de Otranto iam deixar de ser pertença daquela família logo que o seu verdadeiro dono atingisse a idade de os ocupar.**

Difícil era dar a esta profecia qualquer sentido; menos fácil era ainda perceber que relação tinha a profecia com o casamento em questão. Mas esses mistérios e contradições não impediam que a populaça desse crédito à profecia.

O aniversário do jovem Conrado foi a data escolhida para os esponsais. Estava toda a gente reunida na capela do castelo, com tudo pronto para o início do serviço divino, quando se deu pela falta do dito Conrado. Impaciente com a demora e sem saber onde pudesse estar o filho, Manfredo ordenou a um criado que intimasse o jovem príncipe a comparecer. Mal este criado tinha tido tempo de chegar ao pátio que levava aos aposentos de Conrado, e já voltava atrás, numa corrida ofegante e frenética, de olhos fora das órbitas e a boca a espumar. Não era capaz de falar, limitando-se a apontar para o pátio.

Toda a gente ficou intrigada e aterrada. Desconhecendo o que pudesse estar a suceder, aflita com a sorte do filho a princesa Hippolita desmaiou. Manfredo, menos apreensivo do que enraivecido com o adiamento das núpcias e a desorientação da criadagem, perguntou com voz imperiosa o que vinha a ser aquilo.

O criado, em vez de dar resposta, continuou a apontar para os lados do pátio. E só ao cabo de muitas interrogações, vindas de todo o lado, é que ele conseguiu exclamar:

— Ah, o elmo!... O elmo!...

Nesse entrementes, já alguns dos convivas tinham corrido para o pátio, de onde começara a erguer-se grande vozearia, à mistura com lamentosos gritos de horror e de surpresa. Manfredo, já alarmado com a ausência do filho, foi pessoalmente informar-se sobre as razões que podiam motivar tamanha confusão. Matilda fazia o que podia para assistir a pobre mãe, no que era acompanhada por Isabella, que, em boa verdade, se mostrava pouco aflita com o que pudesse ter sucedido ao noivo, pessoa por quem não sentia sombra de afecto.

A primeira coisa que feriu a vista a Manfredo foram os esforços que um grupo de criados seus fazia para erguer do chão uma coisa semelhante, assim julgou, a uma montanha de plumas pretas.

Olhou sem acreditar no que via:

— Que fazeis? — gritou, furibundo. — Onde está o meu filho?

Respondeu-lhe o clamor de muitas vozes:

— Ai, senhor!... O príncipe... o elmo... o elmo...

Irritado com tão lamentoso alarido e receando nem ele sabia o quê, avançou destemidamente... Mas, que triste espectáculo se mostrou a seu paterno olhar!... Viu o filho esmagado, ainda semienterrado por debaixo de um elmo gigantesco, porventura cem vezes maior que o elmo de um homem normal, encimado por proporcional quantidade de plumas negras.

À vista de tão horroroso espectáculo, da ignorância que todos sentiam o que se passara e, mais que tudo, do fenómeno que em sua presença se desenrolava, o príncipe perdeu a fala. Manteve-se silencioso durante mais tempo do que costumava nas ocasiões de grande pesar. De olhos fitos no objecto que bem qui-

sera não ver, parecia menos aflito com a perda que sofrera do que mergulhado em profunda meditação sobre o espantoso objecto que a havia provocado.

Tocou e examinou ao perto o capacete fatal e nem os ensanguentados e disformes restos do jovem príncipe conseguiam obrigar os olhos de Manfredo a desviar-se da portentosa coisa que via na sua frente. Os que sabiam da sua terna afeição para com o jovem Conrado mostravam-se tão surpreendidos com a insensibilidade do príncipe quão aterrados com o milagroso elmo. Sem esperarem pelas ordens de Manfredo, transportaram o corpo desfigurado para o interior do átrio.

Pouco mais se importava o príncipe com as damas que haviam ficado na capela: pelo contrário, esquecido da mísera princesa sua esposa e da filha, as primeiras palavras que da boca lhe saíram foram estas:

— Ide ver de Dona Isabella!

Não olhando à singularidade de tal ordem, e dado o grande afecto que tinham a sua senhora, acharam os criados que era a ela que ele se queria referir e acorreram a socorrê-la. Transportaram-na para o seu quarto, mais morta do que viva, indiferente a tudo quanto lhe diziam, menos à sorte do filho. Matilda, que a sua mãe votava grande amor, ocultava o seu pesar e espanto, pensando apenas em dar conforto e assistência à desgraçada. Isabella, a quem Hippolita sempre tratara como filha, e que lhe retribuía esse mesmo afecto e ternura, não deixava de prodigalizar à princesa o mesmo assíduo cuidado, esforçando-se por compartilhar e minorar a tristeza que via esforçadamente sufocada em Matilda, por quem nutria a mais funda simpatia e amizade.

Não pensava sequer na sua própria situação. Pela morte de Conrado, mais não sentia que

uma certa comiseração; não lhe dava tristeza alguma o facto de se ver livre de um casamento que poucas venturas lhe prometia, tanto por parte do noivo, como por parte do mau feitio de Manfredo que, tendo embora mostrado por ela a maior indulgência, lhe causava uma impressão de constante terror, dado o injustificado rigor com que tratava princesas tão estimáveis como o eram Hippolita e Matilda.

Ao tempo em que as jovens damas transportavam a desfalecida mãe para o seu quarto, Manfredo continuava no pátio, de olhos fitos no pavoroso capacete e sem ver a turba que, espantada com o sucedido, se congregava ao redor dele. As poucas palavras que conseguiu articular foi para perguntar se alguém ali sabia de onde é que tal objecto podia provir. Ninguém o pôde informar. Mas, como essa parecia ser a sua única preocupação, todos os circunstantes começaram de aderir a esse sentimento e a fazer conjecturas, todas evidentemente absurdas e improváveis, visto que semelhante catástrofe era sem precedentes.

No meio de tão insensata gente calhou encontrar-se um jovem camponês, que acorrera de uma aldeia próxima, ao ouvir o rumor do acontecido, e que observou ser aquele miraculoso elmo rigorosamente igual ao da estátua de mármore preto de Alfonso, o Bom, um príncipe antiquíssimo, estátua que se encontrava na igreja de S. Nicolau.

— Ah, vilão, que disseste? — bradou Manfredo, furioso, em transportes de raiva, agarrando no mancebo pelo colar. — Como ousas tu rebelar-te dessa guisa? Com a vida o pagarás!

Os circunstantes, não compreendendo mais as causas deste furor do que as de tudo o mais que lhes era dado ver, não logravam perceber este novo sucesso. O pobre do campónio per-

cebia menos que ninguém e não entendia que ofensa fora a que fizera contra o príncipe; cobrando ânimo, mostrando-se humilde e arrepeso, libertou-me como pôde das mãos de Manfredo e, com uma obediência que mostrava mais a sua ressentida inocência do que fraqueza, perguntou respeitosamente que crime fora o seu.

Manfredo, mais furioso com a energia de que o mancebo usara para se libertar das mãos dele do que apaziguado com a submissão que ele demonstrava, ordenou aos servos que o amarrassem e, não fosse estar a ser visto pelos amigos e convivas das núpcias, logo ali o teria apunhalado.

No decorrer da refrega, alguns dos presentes tinham corrido para a igreja matriz, sita perto do castelo, e haviam regressado de boca aberta, declarando que o elmo da estátua de Alfonso tinha desaparecido. Quando tal ouviu Manfredo ficou num verdadeiro frenesi. E, vendo na sua frente alguém em que pudesse descarregar a tempestade que o dominava, arremeteu impetuosamente contra o jovem camponês, bradando:

— Vilão! Monstro! Feiticeiro! Foste tu que mataste o meu filho!

A turba-multa, desejosa de, dentro das suas possibilidades, achar algo sobre que pudesse descarregar toda a desorientação de que estava possuída, pegaram nas palavras do seu senhor e repetiram:

— É ele, sim!... Foi ele quem tirou o elmo do túmulo do bom Alfonso, com ele esmagando a cabeça do nosso jovem príncipe!

Nem olharam à desproporção que havia entre o elmo de mármore existente na igreja e o de aço que tinham diante dos olhos, nem à impossibilidade que um mancebo com menos de

vinte anos tinha de transportar uma peça de armadura tão prodigiosamente pesada.

A loucura de semelhante vozearia acabou por chamar Manfredo a si. Mas, fosse porque o irritava o facto de o jovem camponês ter notado a semelhança entre os dois elmos, levando à posterior descoberta da ausência do capacete na igreja, fosse por desejar enterrar todo e qualquer rumor que pudesse transpirar de tão impertinente suposição, Manfredo afirmou com toda a solenidade que o rapaz era certamente nigromante e que, enquanto a igreja não tomasse nota da ocorrência, ele reteria ali o bruxo, como todos reconheciam que era, e o aprisionaria debaixo do supradito elmo, pelo que ordenava aos criados o erguessem, metendo o mancebo por baixo dele. Mais declarou que havia de ser guardado ali, sem comida, crente de que as suas artes infernais lhe haviam de fornecer alimento.

Foi debalde que o mancebo se quis opor a tão insensata sentença; em vão os amigos de Manfredo se esforçaram por desviá-lo de tão selvagem e tão pouco avisada resolução. A maior parte deles apreciaram a decisão do seu senhor, pois, apreensivos como estavam, viam nela uma aparência de justiça, uma vez que o feiticeiro deve ser punido por meio do instrumento com que ofendeu; não receavam, por outro lado, que o pobre do rapaz pudesse morrer à míngua de alimento; pois criam firmemente que, por artes diabólicas, ele facilmente havia de prover ao seu próprio sustento.

Por isso, Manfredo viu as suas ordens serem rigorosamente obedecidas e, deixando sentinelas com a ordem rigorosa de não deixarem que alguém desse comida ao prisioneiro, despediu-se dos amigos e servidores, retirando-se para os seus aposentos, depois de ter fechado todos

os portões do castelo, dentro do qual mandou que só ficassem os criados.

O cuidado e zelo das jovens damas tinham entretanto trazido a si a princesa Hippolita que, em meio da sua tristeza e desfalecimentos, perguntava bastas vezes por novas do seu senhor; desejava até mandar os que a rodeavam em busca dele, e acabou por ordenar a Matilda que a deixasse e fosse visitar e confortar seu pai. Matilda, pouco desejosa de mostrar qualquer estima para com Manfredo, muito embora receasse os seus rigores, obedeceu às ordens de Hippolita, a quem ternamente recomendou a Isabella. E perguntando ela aos criados por seu pai, foi informada de que ele tinha ido para os aposentos, tendo dado ordens para que ninguém neles pudesse entrar. Convencida de que ele estaria profundamente triste com a morte do irmão e receando que o seu pranto se renovasse por ver a única filha que lhe restava, ela hesitava em falta ao respeito à dor do pai. Mas a sua solicitude, acrescentada à ordem que a mãe lhe tinha dado, incitou-a a ousar desobedecer às ordens recebidas, falta de que ela em tempo algum se tornara culpada.

O seu feitio tímido e delicado levou-a a esperar durante uns minutos à porta dos aposentos. Ouviu-o passear pelo quarto, de um lado para o outro, em passadas desordenadas, que mais aumentavam as suas apreensões. Estava prestes a pedir licença para entrar quando, subitamente, Manfredo abriu a porta. Estando às escuras e com a mente em grande turbação, não distinguiu de quem se tratava e perguntou asperamente quem era, ao que Matilda, trémula, respondeu:

— Meu querido pai, sou eu, a vossa filha...

Mas, recuando bruscamente, Manfredo replicou:

— Fora, que não desejo filhas!

E entrando nos aposentos, bateu com a porta na cara da aterrada Matilda. Conhecia esta demasiado bem os ímpetos do pai para se aventurar a nova intromissão. Mal se recuperou de tão crua recepção, limpou as lágrimas, numa tentativa de evitar a dor que o vê-las produziria em Hippolita; perguntou-lhe esta em termos de grande ansiedade pela saúde de Manfredo e pela coragem com que ele suportava a perda do filho. Matilda garantiu-lhe que ele estava bem e que suportava com fortaleza aquele golpe da sorte.

— Mas não desejará que eu vá visitá-lo? — disse pesarosamente Hippolita. — Não permitirá ele que eu vá misturar as minhas lágrimas com as dele e derramar o meu pranto de mãe sobre o seu peito? Será que ides negar-me tudo isso, Matilda? Sei bem do amor que Manfredo dedicava a este filho: foi um rude golpe... superior às suas forças... Nada me dizeis, Matilda?... Receio o pior... Que as minhas aias me levantem, para eu ir visitar o meu senhor... Levai-me de imediato à sua presença; ele é-me mais querido que os meus próprios filhos.

Matilda fez sinal a Isabella para que não deixasse erguer Hippolita; estavam ambas as jovens a envidar todos os esforços para acalmarem e deterem a princesa quando, mandado por Manfredo, chegou um criado para informar Isabella de que o seu senhor queria falar com ela.

— Comigo? — exclamou ela.

— Ide — disse Hippolita, aliviada com esta mensagem do seu senhor. — Manfredo não consegue suportar a vista da sua família. Ela julga que vós estais menos desorientada do que nós, receia confrontar-se com o meu pesar. Consolai-o vós, querida Isabella, e dizei-lhe que prefiro antes reprimir a minha aflição que aumentar a dele!

Anoitecera; o criado que acompanhava Isabella levava consigo um archote. Ao chegarem junto de Manfredo que, impaciente, passeava pela galeria este deteve-se e disse bruscamente:

— Levai essa luz para bem longe!

E, fechando impetuosamente a porta, foi sentar-se num banco encostado à parede, ordenando a Isabella que se sentasse a seu lado. Ela receosa, obedeceu.

— Mandei-vos chamar, senhora... — disse, calando-se de seguida, aparentemente confuso.

— Senhor!

— Sim, mandei-vos chamar por causa de um assunto importantíssimo — tornou logo. — Limpai as vossas lágrimas, senhora... Perdestes o vosso noivo... E, por desgraça, eu perdi a única esperança da minha raça... A verdade é que Conrado era indigno da vossa beleza!

— Que dizeis vós, senhor? — disse Isabella. — Julgais acaso que eu não sinto o pesar que é meu dever sentir? O meu afecto jamais deixaria de...

— Não penseis mais nele — interrompeu Manfredo. — Era um pobre enfermiço e é possível que os céus mo tenham levado para eu não ter que colocar a honra da minha casa sobre tão débeis alicerces. A linhagem dos Manfredos exige mais harmonioso suporte. A louca amizade que eu nutria por este rapaz cegava-me os olhos da prudência. É melhor assim... Espero ter, dentro de poucos anos, razões para me felicitar pela morte de Conrado.

Não há palavras com que possa pintar-se o espanto de Isabella. Julgou a princípio que o pesar tinha desarranjado o intelecto de Manfredo. Teve logo a seguir a percepção de que tão estranho discurso servia para lhe armar uma cilada: receava que Manfredo tivesse percebido a indiferença que ela, perante o filho, sempre sentira. Pelo que lhe respondeu:

— Que o meu nobre senhor não ponha a minha fidelidade em dúvida! Meu coração seria de Conrado, como dele era a minha mão. Conrado seria o único anseio do meu coração; e, seja qual for o meu destino, jamais faltarei ao respeito à sua memória, e considerarei sempre Vossa Alteza e vossa virtuosa esposa como meus pais.

— Leve o diabo Hippolita! — bradou Manfredo. — Esquecei-vos dela como eu a esqueço. O que mais interessa, senhora minha, é que, ao perderdes um marido indigno dos vossos encantos, passastes a poder aplicá-los de melhor forma. Em vez de um enfermo, tereis um marido na flor da idade, que saberá dar à vossa beleza todo o seu valor e será pai de numerosa descendência.

— Ai, meu senhor — disse-lhe Isabella —, o meu pensamento está demasiado preocupado com a recente catástrofe que caiu sobre a vossa família para poder pensar noutro casamento. Se meu pai algum dia regressar e tal for o seu desejo, por certo que obedecerei, tal como obedeci quando se tratou de dar a mão a vosso filho. Enquanto ele não voltar, permitireis permaneça sob vosso hospitaleiro tecto e empregue estas horas melancólicas no alívio das vossas penas, da vossa esposa e da formosa Matilda.

— Mais uma vez vos digo que não nomeeis tal mulher; doravante ela será para vós como para mim uma estranha. Ouvi, Isabella: a partir do momento em que não posso dar-vos a mão do meu filho; ofereço-me a mim próprio!

— Jesus! — gritou Isabella, como que acordando de um pesadelo. — Que ouço eu? Vós... meu sogro, pai de Conrado? Vós, esposo da virtuosa e terna Hippolita!

— Afirmo-vos — tornou imperiosamente Manfredo — que Hippolita não é já minha

esposa. Dela me divorcio desde já. Demais me tem ela arruinado com a sua esterilidade: o meu destino está dependente do ter filhos e espero que esta mesma noite os meus desígnios hão-de encontrar cumprimento.

E, dizendo isto, pegou na mão gélida de Isabella, já semimorta de pavor, e que, com um grito, se afastou dele. Manfredo levantou-se e foi-lhe no encalço.

O luar que se erguia no céu e iluminava as janelas defronte mostrou a Manfredo as plumas do elmo fatal, que se erguiam à altura das janelas, balouçando ao vento tempestuoso e produzindo enorme zunido. Isabella, reunindo todas as suas energias e receando que Manfredo prosseguisse nas suas declarações, gritou-lhe então:

— Veja Vossa Alteza como até o próprio céu se mostra contrário a tão ímpias intenções!

— Não há céu nem inferno que possam impedir os meus desígnios — disse Manfredo, avançando e tentando agarrar a princesa.

Mas naquele momento o retrato de seu avô, que estava pendurado por cima do banco em que ambos tinham estado sentados, soltou um profundo suspiro e o seu peito moveu-se. Isabella, então de costas para o retrato, não viu tal movimento nem percebeu de onde vinha o som; deteve-se e disse:

— Mas... que ruído foi este, senhor?

E correu para a porta. Manfredo, perturbado com a fuga de Isabella, que ia já a descer as escadas, e sem ser capaz de tirar os olhos do quadro, que começava a mover-se, conseguiu ainda correr uns passos atrás da jovem, sem deixar de fitar o retrato. Foi então que viu o retratado a abandonar a moludra e a descer para o chão, solene e melancólico.

— Estarei a sonhar? — bradou Manfredo, voltando-se. — Ou será que todos os demónios

se coligaram contra mim? Fala, espectro infernal! Mas, se acaso és meu avô, que motivos te levam a conspirar contra o teu infortunado descendente, que tanto tem sofrido...?

Antes que acabasse, a visão soltou novo suspiro, fazendo a Manfredo sinal para que a seguisse.

— Guiai-me! — exclamou Manfredo. — Seguir-vos-ei até às profundas da perdição!

Pesada e solenemente, o espectro seguiu, distante, até ao fundo da galeria e deu entrada numa sala da ala direita. Manfredo acompanhou-o durante certo tempo, ansioso e apavorado, mas resoluto. Mal o espectro entrara no quarto, uma mão invisível fechou violentamente a porta. Tirando coragem do facto de seguir muito atrás, o príncipe tentou rebentar a porta a pontapé, cedo percebendo que todo esse esforço era debalde.

— Se o inferno não quer satisfazer a minha curiosidade — disse Manfredo —, usarei de todos os meios humanos ao meu alcance para preservar a minha linhagem. Isabella não me escapará.

A jovem dama, cuja resolução dera lugar ao terror na altura em que deixava Manfredo, desceu precipitadamente a escadaria. Parou ao fundo desta, sem saber para onde dirigir os seus passos nem como fugir às fúrias do príncipe. Os portões que ela conhecia naquele castelo estavam fechados e o pátio estava cheio de sentinelas. Pedia-lhe o coração que fosse até junto de Hippolita, preparando-a para o cruel destino que a esperava, mas não duvidava de que Manfredo a iria procurar e que o seu feitio violento o incitaria a redobrar o agravo que tinha em mente e poria em prática, sem lhe dar oportunidade de se lhe escapar. Importava dar-lhe um tempo de reflexão, em que ele fosse obrigado a pensar bem nos horrores que tinha

congeminado. Importava naquela noite, evitar que ele levasse a cabo os seus intentos. Mas, onde poderia esconder-se? Como evitar cair-lhe nas mãos, durante a busca que ele certamente ia fazer por todo o castelo?

À medida que todas estas ideias lhe perpassavam, rápidas, pela mente, lembrou-se de uma passagem subterrânea que, da cripta do castelo, levava até à igreja de S. Nicolau. Se pudesse acoitar-se junto ao altar antes de ser aprisionada, tinha a certeza de que a violência de Manfredo não ousaria profanar o lugar santo. Determinou pois, visto nenhum outro modo de libertação se lhe proporcionar, encerrar-se para sempre com as virgens cujo convento era contíguo à catedral. Tomada esta resolução, pegou na tocha que ardia ao fundo da escadaria, correndo com ela para a passagem secreta.

Na zona inferior do castelo abria-se um labirinto de claustros: não era fácil a uma pesosa dominada pela ansiedade encontrar a porta que dava para a cripta.

Reinava um silêncio medonho naquelas regiões subterrâneas, silêncio quebrado apenas de onde em onde pelo uivo do vento, que fazia bater as portas por onde ela passava e cujos gonzos ferrugentos produziam um fragor que ecoava naquele gigantesco e tenebroso labirinto. Cada novo ruído a deixava mais aterrada; temia, além do mais, ouvir a voz irada de Manfredo ordenando à criadagem que fossem no encalço dela. Avançava com todas as cautelas que a pressa lhe permitia, tendo muitas vezes que parar, de ouvido à escuta, receosa de que alguém estivesse a segui-la. A certa altura convenceu-se de que tinha ouvido um suspiro. Ficou arrepiada e recuou alguns passos. Teve a impressão momentânea de estar a ouvir alguém a andar. Ficou sem movimentos e convenceu-se de que devia ser Manfredo. Passaram-lhe pela mente todas as ideias que o terror pode inspirar. Arrependeu-se de ter fugido e de assim se ter exposto ao seu furor num sítio em que, por mais que gritasse, não lograria ser ouvida por alguém que acaso, pudesse socorrê-la.

Afigurava-se-lhe porém que o ruído não vinha de trás... Se Manfredo soubesse onde ela se encontrava, tê-la-ia seguido: ela encontrava-se ainda num dos claustros e os passos que tinha ouvido eram demasiado distintos para virem dos sítios por onde ela tinha passado. Confortada com esta ideia e com a esperança de encontrar amizade em alguém que não o príncipe, ia prosseguir em frente quando, à sua esquerda, um pouco adiante, viu uma porta a abrir-se devagar. Antes que a luz que levava pudesse mostrar-lhe quem abria a dita porta já a pessoa, ao ver a luz, fugia precipitadamente.

Isabella, a quem o desânimo assaltava a todo o momento, hesitou em seguir em frente. O seu terror a Manfredo ultrapassava todavia tudo o mais. E o facto de haver uma pessoa que fugia à sua frente não deixava de lhe inspirar uma certa coragem. Devia ser, pensava, algum dos criados do castelo. A sua bondade nunca lhe havia granjeado inimizades e a consciência de estar inocente dava-lhe esperanças de que, não lhes tendo ainda o príncipe dado ordens para a prenderem, todos os criados a ajudariam a fugir. Animada por semelhantes pensamentos e crendo, pelo que podia observar, que estava perto da abertura da cripta, aproximou-se da porta que tinha visto entreaberta. Uma súbita corrente de ar vinda da dita porta apagou-lhe nesse momento a luz e ela ficou mergulhada na mais completa escuridão.

Não há palavras que possam descrever o horror em que a princesa ficou. Sozinha em tão

tenebroso local, com a mente povoada pelos terríveis acontecimentos daquele dia, sem esperanças de fuga, esperando a todo o momento pela chegada de Manfredo, pouco tranquila com o facto de saber que alguém conhecia a sua presença naquele sítio, alguém que ela desconhecia, que por alguma razão se escondia ali perto — todas estas ideias se coligaram na sua mente e estava prestes a sucumbir sob o peso de tantas apreensões. Dirigiu-se a todos os santos do céu e suplicou a sua assistência. Ficou tempos infinitos dominada pela angústia do desespero. Por fim, cautelosamente, procurou a porta às apalpadelas e, tremendo, entrou no esconderijo dentro do qual tinha ouvido os suspiros e os passos. Sentiu um prazer momentâneo ao ver um débil raio de luar descer do tecto da cripta que parecia ter abatido e da qual parecia pender um fragmento de terra ou pedra (era impossível distinguir bem) que parecia ter sido metido à força para dentro. Ia avançar ansiosamente para aquela abertura quando, cosido com a parede, distinguiu um vulto humano.

Deu um grito, passando-lhe pela cabeça que fosse o espírito do defunto noivo. Mas o vulto, avançando, disse em voz submissa:

— Não receeis, senhora! Não vos farei mal algum!

Animada pelas palavras e pelo tom da voz do estranho, reconhecendo que podia ser a mesma pessoa que tinha aberto a porta, Isabella conseguiu ter suficiente presença de espírito para lhe replicar:

— Senhor, quem quer que sejais, tende dó de uma mísera princesa que se vê à beira da destruição: ajudai-me a fugir deste fatal castelo, porque senão não tardarei a tornar-me desgraçada para todo o sempre.

— Ai — disse o estranho —, em que posso eu ajudar-vos? Morrerei em vossa defesa; mas não estou familiarizado com este castelo e quero...

— Oh! — exclamou Isabella, interrompendo-o. — Ajudai-me tão-somente a dar com o alçapão existente aqui perto. Será esse o maior dos serviços que podeis prestar-me, porque não tenho um minuto a perder.

Dizendo isto, baixou-se e guiou o estranho na busca de uma pequena peça de latão inserida numa das lajes do pavimento.

— Trata-se de uma fechadura — disse ela. — Conheço o segredo que me permitirá fazê-la mover. Se der com ela, poderei escapar; se não a encontrar, bondoso desconhecido, receio bem envolver-vos na minha própria desgraça. Manfredo suspeitará de que me ajudastes a fugir e sereis vítima da sua vingança!

— Não se me dá da minha vida — disse o estranho. — Será para mim grande conforto perder a vida para vos libertar desta tirania.

— Ah, generoso mancebo — disse Isabela —, como poderei alguma vez pagar...?

Mas, quando pronunciava estas palavras, mesmo por cima da fechadura que procuravam, brilhou um raio de luar, que penetrara por uma fenda do tecto em ruínas.

— Oh, alegremo-nos! — disse Isabella. — Ali está o alçapão!

E pegando numa chave, fez mover a fechadura, pondo à mostra uma argola de ferro.

— Levantai o alçapão! — disse a princesa.

O estranho obedeceu e ambos puderam ver uns degraus de pedra que levavam a uma nova cripta completamente mergulhada em treva.

— Temos de descer — disse Isabella. — Segui-me. Apesar das trevas, não erraremos no caminho, que leva directamente à igreja de S. Nicolau. Mas — reflectiu —, talvez tenhais

razões para não abandonardes este castelo e assim eu não mais terei necessidade dos vossos serviços. Dentro de alguns minutos estarei salva das iras de Manfredo... Permiti-me conhecer a quem fico a dever o meu salvamento...

— Não vos largarei — disse energicamente o desconhecido —, enquanto não vos souber a salvo. Que vossa Alteza me não julgue mais generoso do que sou; se bem que o meu principal cuidado sejais vós...

Foram as palavras do desconhecido interrompidas por um grande alarido de vozes cada vez mais próximas, entre as quais se percebiam frases como estas:

— Não me faleis de nigromantes... Digo-vos que ela tem de estar dentro do castelo... E hei-de encontrá-la, a despeito de todos os encantamentos...

— Jesus! — gemeu Isabella. — É a voz de Manfredo. Apressemo-nos ou será a nossa desgraça! Fechai o alçapão atrás de vós.

Falando assim, desceu precipitadamente as escadas; aprestando-se o desconhecido a segui-la, sucedeu deixar escorregar das mãos o alçapão; ao mesmo tempo que este caía, a fechadura deslizou e todos os esforços para a abrir de novo foram vãos: não tinha observado o modo como Isabella tinha procedido e não lhe restava tempo algum para experimentar, Manfredo tinha ouvido o barulho do alçapão a cair e, guiado pelo dito barulho, seguiu para o local de onde ele vinha, seguido pelos criados que empunhavam tochas.

— Deve ser Isabella — bradou Manfredo, ao entrar na cripta. — Vai a fugir pela passagem subterrânea, mas não pode ir longe.

Grande foi o espanto do príncipe quando, no lugar de Isabella, a luz das tochas lhe mostrou o jovem campónio que ele julgava aprisionado sob o elmo fatal.

— Traidor! — exclamou Manfredo. — Como pudeste tu descer até aqui? Julgava-te bem guardado e aprisionado no pátio.

— Não, senhor, não sou traidor — replicou ousadamente o jovem —, nem responsável pelos vossos julgamentos...

— Ah, orgulhoso vilão! — bradou Manfredo. — Assim provocas o meu furor? Como lograste fugir? Terás subornado os guardas? As vidas deles mo pagarão!

— A minha pobreza — disse o jovem calmamente — é a minha melhor desculpa. Sendo embora servidores de um poder despótico, eles foram-vos fiéis e executaram de boa mente as ordens que injustamente lhes impusestes.

— Levas a tua ousadia ao ponto de provocares a minha vingança? — disse o príncipe. — A tortura há-de arrancar-te a verdade. Trata de me dizer quem foram os teus cúmplices!

— O meu cúmplice está ali — respondeu o jovem com um sorriso, apontando para o tecto.

Manfredo mandou erguer as tochas e notou que uma das abas do capacete enfeitiçado tinha perfurado o pavimento do pátio, na altura em que os criados o tinham deixado cair sobre o camponês, acabando por penetrar na cúpula da cripta, assim produzindo um buraco através do qual o dito camponês caíra, momentos antes do seu encontro com Isabella.

— Foi pois desta guisa que até aqui desceste? — perguntou Manfredo.

— Foi — respondeu o jovem.

— Mas que ruído era o que ouvi — disse Manfredo — quando dei entrada no claustro?

— Foi uma porta que bateu — respondeu o jovem. — Ouvi-a tão bem como vós próprios.

— Que porta? — perguntou Manfredo.

— Estou pouco familiarizado com o vosso castelo, meu senhor! — replicou o camponês.

— Foi hoje a primeira vez em que nele entrei e esta cripta a única parte dele em que penetrei.

— Digo-vos todavia — tornou Manfredo, desejoso de saber se o jovem chegara ao conhecimento do alçapão secreto — que o barulho que ouvi procedia destas bandas e que também os meus criados o ouviram.

— Pode Vossa Alteza estar certo de que se tratava do alçapão — afirmou pressuroso um deles —, e que era ele que ia a fugir.

— Cala-te, homem sem tino — tornou-lhe com aspereza o príncipe. — Se ia a fugir, como pode encontrar-se aqui? É da boca dele que eu hei-de saber de onde vinha este barulho. Diz-me a verdade; da tua veracidade depende a tua vida.

— A veracidade é-me mais cara que a vida — disse o camponês — e não darei uma para poupar a outra...

— Além do mais és filósofo — retorquiu desdenhosamente Manfredo. — Diz-me pois que barulho foi o que ouvi?

— Perguntai-me coisas a que eu possa responder — disse ele — e, no caso de eu mentir, condenai-me já à morte.

Cada vez mais impaciente com a firmeza e indiferença do mancebo, Manfredo começou de gritar:

— Responde então, homem sincero; o que eu ouvi foi o barulho do alçapão?

— Foi — respondeu o jovem.

— Ah, foi! — exclamou o príncipe. — E como é que chegaste ao conhecimento de que existia aqui um alçapão?

— Vi a argola de latão, mercê de um reflexo do luar — respondeu.

— E por onde viste que se tratava de uma fechadura? — perguntou Manfredo. — Como descobriste o segredo que te permitiu abri-la?

— A Providência que me libertou do elmo pôde também guiar-me até ao segredo dessa fechadura.

— A Providência podia ter sido mais rápida e pôr-te fora do alcance da minha vingança! — tornou Manfredo. — Quando a Providência te ensinou a abrir essa fechadura, não deu conta de que, sandeu como és, não eras capaz de fazer uso dos seus favores? Porque foi que não seguiste o caminho que se abria à tua fuga? Porque fechaste o alçapão e não desceste os degraus?

— Também posso perguntar a Vossa Alteza como é que eu, desconhecendo todo o vosso castelo, podia saber que tais degraus me abriam o caminho para fora. Mas recuso-me a fugir à vossa pergunta. Onde quer que estes degraus pudessem levar-me, fiz mal em não descer, porque não devia encontrar situação pior que aquela em que me encontro. A verdade porém é que o alçapão me escorregou das mãos, no momento exacto em que vós chegáveis... Dado por mim próprio o alarme que ganhava eu em ser apanhado um minuto antes ou um minuto depois?

— Ah, vilão, que para a idade que tens, teimosia não te falta! — disse Manfredo. — Mas, quanto mais penso mais me convenço de que estás a brincar comigo. Não me disseste ainda como foi que abriste o alçapão.

— Vou mostrar-vo-lo, senhor — disse o camponio.

E, pegando numa pedra caída do tecto, deitou-se em cima do alçapão fechado e começou a bater com ela no pedaço de latão, assim tentando ganhar tempo até que a princesa pudesse afastar-se o bastante. Tanta presença de espírito, junta à franqueza do mancebo, confundiam Manfredo. Começava já a sentir disposições para perdoar a quem não era réu de qualquer

crime. Manfredo não era daqueles tiranos selvagens que folgam com ser cruéis sem justificação. As voltas da sorte tinham tornado áspero o seu feitio que, por natureza, era muito humano; mas as suas virtudes estavam sempre prontas a vir à luz, quando as paixões não lhe entenebreciam a razão.

Neste entrementes fez-se ouvir das criptas mais remotas grande alarido. À medida que as vozes se tornavam mais próximas, Manfredo reconheceu a voz de alguns criados seus, a quem mandara percorrer todo o castelo, à procura de Isabella e que bradavam:

— Onde está Sua Alteza? Onde está o príncipe?

— Estou aqui — disse Manfredo, quando os ouviu mais perto. — Achastes a princesa?

O primeira a chegar respondeu apenas:

— Ai, senhor, que alegria pode encontrar Vossa Alteza!

— Encontrar-me a mim? — exclamou Manfredo. — E a princesa, encontraste-la?

— Chegámos a julgar que sim, senhor — disse o apavorado servidor — mas...

— Mas, o quê? — berrou o príncipe. — Fugiu-vos?

— Jaquez e eu, senhor...

— Sim, eu e Diego. — Interrompeu o dito Jaquez, que acabava de chegar, cheio de consternação.

— Fale um de cada vez — disse Manfredo. — Quero saber que é feito da princesa!

— Não sabemos — disseram os dois ao mesmo tempo —, mas estamos tão aterrados que nem sabemos onde estamos.

— Também se me afigura, grandes sandeus! — disse Manfredo. — Que coisa vos causou tamanho pânico?

— Saiba Vossa Alteza — disse Jaquez — que Diego viu uma coisa... uma coisa em que Vossa Alteza nem acreditaria...

— Que novo absurdo vem a ser esse? — gritou Manfredo. — Respondei com clareza, pois vos juro...

— É que, meu senhor, com perdão de Vossa Alteza, eu e Diego...

— Eu e Jaquez... — interveio o colega.

— Não vos intimei já a que falásseis um de cada vez?... — rugiu o príncipe. — Responde tu, Jaquez, que esse parvo parece mais aterrado do que tu. Que se passou?

— Com perdão de Vossa nobre Alteza, meu senhor, eu e Diego, em obediência às ordens de Vossa Alteza, fomos em busca da senhora princesa; receosos porém de encontrarmos pela frente o espírito do defunto príncipe, que Deus haja, uma vez que ainda não recebeu sepultura cristã...

— Tolo! — berrou Manfredo, furibundo. — Foi então um espírito o que viste?

— Algo muito pior, meu senhor! — gemeu Diego. Tenho para mim que deviam ser uns dez espíritos.

— Oh, que paciência! — disse Manfredo. — Estas alimárias dão-me cabo da cabeça... Já para longe da minha vista, Diego! Jaquez, será que não estás bêbedo? Não estás a sonhar? Costumavas ser homem de juízo, tu: será que o outro tolo se apavorou e te incutiu medo também a ti? Fala: que julga ele ter visto?

— Pois, saiba Vossa Alteza — disse Jaquez a tremer — que o que eu ia contar a Vossa Alteza era que, depois da desgraça acontecida ao nosso jovem senhor, que Deus haja, nenhum de nós, vossos fiéis embora humildes servidores, senhor, nenhum de nós ousou pôr um pé fora do castelo sem se fazer acompanhar por outro; assim foi que Diego e eu, convictos

de que a senhora princesa podia encontrar-se na galeria, para lá nos dirigimos, para lhe dizermos que Vossa Alteza a procurava, por ter algo a transmitir-lhe.

— Pobres tolos! — bradou Manfredo. — E ela entretanto tratou de fugir, tal era o medo que vós tínheis dos demónios! Grandes maganos! Na galeria me tinha ela fugido, era de lá que eu próprio vinha!...

— Podia ainda encontrar-se lá, julguei eu! — disse Diego. — Mas o diabo não me deixou por-lhe a mão em cima... Pobre Diego! Não creio que alguma vez torne a recuperar aquilo...

— O quê? — gritou Manfredo. — Alguma vez me será dado saber o que é que assim aterrou estes malvados? Mas, para quê perder tempo! Segue-me, escravo! Vamos ver se ela está na galeria!

— Meu bom senhor, por amor de Deus! — suplicou Jaquez. — À galeria, não! Estou em crer que é Satanás em pessoa quem se encontra no quarto maior, perto da galeria.

Manfredo, que até então julgava o terror dos criados um pânico doentio, ficou pasmado com o que acabava de ouvir. Lembrou-se da aparição do retrato e da porta que subitamente se tinha fechado, ao fundo da galeria.

Gaguejando, perguntou então, completamente desatinado:

— Quem é que está nesse quarto?

— Quando Diego e eu entrámos na galeria — respondeu Jaquez — entrou primeiro ele, por dizer que tinha mais coragem do que eu. Ao entrarmos, não demos conta de nada, não vimos ninguém. Vimos debaixo de todos os bancos e cadeirais. Nada encontrámos.

— Os quadros estavam pendurados nos respectivos lugares?

— Sim, meu senhor — respondeu Jaquez —, mas nem nos lembrámos de espiolhar atrás deles.

— Bom — disse Manfredo. — Continua.

— Chegados que fomos à porta do dito quarto — continuou Jaquez —, encontrámo-la fechada.

— E não fostes capazes de a abrir? — perguntou Manfredo.

— Fomos, meu senhor. Oxalá não o tivéssemos sido! — replicou o criado. — Não eu, mas Diego conseguiu-o. Temerário, ele desejou logo entrar, tendo-lhe eu recomendado que não. Abrir uma porta que está fechada, nunca...

— Diz-me, sem brincadeira, o que viste nesse quarto, ao abrires a porta.

— Eu, meu senhor, nada vi — disse Jaquez. — Eu ia atrás de Diego... Mas o barulho, ouvi-o...

— Jaquez — ordenou Manfredo com voz solene —, pelas almas de todos os meus antepassados te conjuro a que me digas o que viste e o que ouviste.

— Foi Diego que viu e não eu, senhor — replicou Jaquez. — Eu ouvi o ruído. Mal Diego não tinha aberto a porta, soltou logo um grito e fugiu. Eu fugi também e perguntei se era o espírito... Diego respondeu que não, que não era o espírito... Vi-lhe os cabelos em pé e ouvi-o dizer que talvez fosse um gigante... «Está revestido de armadura, porque lhe vi os pés e parte das pernas, tudo do tamanho do elmo que deixámos no pátio!» — disse-me ele e, logo a seguir, ouvimos um movimento violento e o arrastar de uma armadura, como se de um gigante se tratasse; e mais me disse Diego, que julgava que o gigante estava deitado no chão, pois os pés e as pernas estavam estendidos ao nível do pavimento. Mal tínhamos tido tempo de chegar ao fundo da galeria,

ouvimos a porta do quarto a bater com grande estrondo, mas não nos atrevemos a voltar os olhos, para vermos se o gigante nos seguia... Mas agora me parece que, se ele nos tivesse seguido, o teríamos ouvido outra vez... Ai, meu senhor, pelo amor de Deus, tratai de chamar o capelão para ele exorcisar o castelo, que por certo está encantado...

— Sim, meu senhor — gritaram todos os criados em uníssono —, senão deixaremos todos o serviço de Vossa Alteza!

— Calma, grandes sandeus! — bradou Manfredo. — Vinde comigo. Hei-de saber o que tudo isto significa!

— Nós, senhor? — bradaram todos eles. — Nem por toda fortuna que possuis!

O jovem camponês, até ali calado, tomou então a palavra e disse:

— Permite Vossa Alteza que vá eu tentar essa aventura? A minha vida não interessa a ninguém: não receio os anjos maus nem nunca ofendi os bons.

— Vejo que és mais corajoso do que pareces — disse Manfredo, fitando-o com surpresa e admiração. — Não tardarei a recompensar a tua ousadia... Mas, de momento — prosseguiu, suspirando —, as circunstâncias fazem com que eu não confie senão no que vejo com os meus próprios olhos. Determino, porém, que possas acompanhar-me.

Após a perseguição que a Isabella movera na galeria, Manfredo encaminhara-se para os aposentos da esposa, tendo verificado que ela não se encontrava ali. Sabedora que foi deste facto, Hippolita apressou-se a ir procurar o marido, a quem já não via desde a morte do filho. Bem desejaria, num misto de alegria e de pesar, poder reclinar a cabeça no seu seio; ele porém empurrou-a rudemente, dizendo:

— Onde está Isabella?

— Isabella, meu senhor? — perguntou, atónita, a esposa.

— Sim, Isabella — bradou ele, autoritário. — Preciso de Isabella.

— Senhor — replicou Matilda que percebera quanto a atitude do pai afligia a mãe —, ela não voltou a aparecer desde que recebeu de Vossa Alteza a ordem de comparecer em vossos aposentos!

— Dizei-me onde ela está — tornou o príncipe. — Não me interessa saber onde ela estava.

— Meu bom senhor — respondeu Hippolita —, é verdade o que vossa filha vos disse: Isabella deixou-nos quando vós lho ordenastes e não tornámos a vê-la... Mas, senhor, descansai! Ide já descansar, que este inditoso dia dá-vos cabo do juízo... Amanhã de manhã Isabella há-de servir-vos no que lhe ordenardes.

— Quereis com isso dizer que sabeis onde ela se encontra? — tornou Manfredo. — Se assim é, dizei-mo sem tardança, pois não hei tempo a perder. E vós, minha mulher — continuou, virando-se para a esposa —, ordenai ao vosso capelão que venha à minha presença para o que eu houver por bem ordenar-lhe!

— Isabella — disse calmamente Hippolita — deve certamente encontrar-se nos seus aposentos. Não está habituada a velar até tão altas horas da noite! Permita-me ora Vossa Alteza saber as razões do vosso grande desatino! Será que Isabella ofendeu Vossa Alteza?

— Não me ofendais vós com tanta pergunta! — disse Manfredo. — Respondei tão-somente ao que eu pergunto.

— Matilda vai chamá-la — disse a princesa. — E vós sentai-vos, senhor, para recuperardes vossas forças.

—Tereis acaso ciúmes de Isabella — retorquiu ele — e desejais estar presente a este meu encontro com ela?

— Deus meu! — disse Hippolita. — Onde quer Vossa Alteza chegar?

— Prestesmente o sabereis — respondeu o cruel príncipe. — Mandai vir o vosso capelão e dizei-lhe que espere pelas minhas ordens.

Posto o que saiu da sala à procura de Isabella, deixando as pobres damas espantadas e aterradas com tão frenéticos modos e conjecturando sobre o que ele intimamente congeminaria.

Regressava pois Manfredo da cripta, seguido pelo camponês e pelos criados a quem ordenara o seguissem. Subiu sem se deter a escadaria, até chegar ao corredor, à entrada do qual encontrou Hippolita e o capelão. Diego, mandado havia pouco embora pelo príncipe, dirigira-se imediatamente aos aposentos de Hippolita, contando com alarme o sucedido e o que lhe fora dado ver. A nobre senhora, que, tal como Manfredo, não deixava de crer nesta visão, mostrou todavia considerá-la simples delírio do criado. Desejosa de poupar seu senhor e marido a mais uma aflição e preparada já por muitos passados agravos para afrontar a dor, determinou de sacrificar-se a si própria, se acaso o destino ordenasse a destruição de todos. Mandando à relutante Matilda que se recolhesse a seus aposentos, a despeito de todos os instantes desejos da filha em permanecer a seu lado, assistida apenas pelo capelão, Hippolita percorreu a galeria e o quarto maior, ao fundo desta. Mais serena do que havia muito tempo se não sentia, foi ao encontro do príncipe e garantiu ao marido que a visão das ditas pernas e pés não passava de uma quimera, de uma evidente impressão motivada pelo temor, pelas trevas da noite, na

mente dos criados: na verdade, ela e o capelão tinham examinado o quarto e nada tinham encontrado que não estivesse na mais perfeita ordem.

Cônscio muito embora, como sua esposa, de que a dita visão era algo mais do que mera fantasia, Manfredo viu acalmar um pouco a tempestade que os estranhos acontecimentos daquele dia tinham provocado na sua mente. Envergonhado com os tratos desumanos que movera contra a princesa, a qual lhe pagava com acréscimos de ternura e de respeito os seus agravos, o príncipe sentiu por ela um afecto que esteve prestes a revelar-se no próprio olhar... Envergonhado porém pelo facto de sentir remorso por amor de alguém contra quem meditava ultrajes muito piores, Manfredo dominou o impulso do coração e não se deixou arrastar pela piedade.

Já a sua alma se sentia inclinada para a mais singular vilania. Sabedor da constante submissão de Hippolita, consolava-se com a ideia de que ela não só aceitaria com paciência o divórcio como até havia de, quando ele lho ordenasse, tudo fazer para convencer Isabella a consorciar-se com ele... Mas por muito que se entregasse a tão terríveis desejos, a verdade é que Isabella continuava por encontrar. Voltando a si, mandou colocar sentinelas em todos os acessos do castelo e condenou os criados a pagarem com a vida se acaso deixassem sair quem quer que fosse. O jovem camponês, com quem já falava mais favoravelmente, foi por ele intimado a permanecer num pequeno quarto situado no alto da escadaria, onde existia uma enxerga e cuja chave pessoalmente guardou, dizendo ao mancebo que desejava falar com ele logo pela manhã. Despedindo a criadagem e fazendo uma soturna vénia a Hippolita, retirou-se para os seus aposentos.

CAPÍTULO II

Matilda, que por ordem de Hippolita se tinha retirado para os aposentos, estava sem disposição para repousar. A pouca sorte do irmão desgostava-a profundamente. Causava-lhe surpresa a ausência de Isabella; mas as estranhas palavras pronunciadas pelo pai, a obscura ameaça contra a princesa sua esposa, o modo furioso por que ele se regia, tudo isso a aterrava e enchia de alarme.

Ficou ansiosamente à espera da chegada de Bianca, a jovem aia que a servia, e a quem mandara ir saber do que pudesse ter acontecido a Isabella. Bianca não se demorou muito e informou a sua senhora de que, ao que conseguira saber junto dos criados, Isabella não se encontrava em parte alguma do castelo. Contou-lhe a história do jovem camponês encontrado na cripta, história todavia muito acrescentada com coisas que os criados incoerentemente inventavam. Repisou de forma especial a história daquela gigantesca perna e respectivo pé, vistos no quarto da galeria. Tão aterrada estava Bianca com este facto que rejubilou quando Matilda lhe disse para não se deitar e para ficar alerta até a princesa despertar.

Cansou-se a jovem princesa a conjecturar na fuga de Isabella e nos maus tratos que Manfredo infligia à mãe.

— Que urgência tinha ele em mandar chamar o capelão? — disse 'Matilda. — Intentará ele enterrar ocultamente na capela o corpo de meu irmão?

— Ai, senhora minha — respondeu Bianca —, parece-me que já entendo. Como agora sois vós a herdeira, toda a preocupação de Sua Alteza é casar-vos: sempre foi louco por ter filhos; agora está louco por ter netos. Tão certo como eu estar aqui, senhora, que não tardarei a ver-vos casada. Senhora minha, não expulseis de junto de vós a fiel Bianca: Quando fordes alçada à condição de princesa, não entregareis o meu posto a Dona Rosara?

— Pobre Bianca! — exclamou Matilda. — Como te corre célere a imaginação! Alta princesa, eu!? Que viste tu em Manfredo, após a morte de meu irmão, que te leve à conclusão de que a sua ternura para comigo aumentou? Não, Bianca, o coração dele continua a ser duro para comigo... mas não posso queixar-me de meu pai! Não! Se os céus endureceram o coração de meu pai, a verdade é que sou bem recompensada, ainda que pouco o mereça, pela grande ternura de minha mãe, da minha mãe tão querida! Ah, Bianca, é nisso que eu mais sinto o áspero feitio de Manfredo. Suporto com paciência os rigores dele para comigo; mas dói-me a alma sempre que vejo a injustificada severidade dele para com minha mãe.

— Ai, senhora minha — disse Bianca —, é assim que todos os homens tratam as mulheres, quando estão fartos delas!

— E congratulas-te tu comigo — disse Matilda — quando em teus devaneios crês que meu pai faz tenção de me casar!...

— Queria ver-vos princesa — disse Bianca —, aconteça o que acontecer. Não desejaria ver-vos enterrada para sempre num mosteiro, como vos hei-de ver, se a vossa vontade for levada por diante e se a senhora vossa mãe (que bem sabe ser melhor um mau marido do que ficar sem marido algum) vo-lo não impedir. Credo!... Que ruído foi este? Valha-me São Nicolau! Não digo isto por mal!...

— É o vento — disse Matilda —, é o vento a perpassar pelas ameias da torre! Temo-lo ouvido vezes sem conta!

— Minha senhora — disse Bianca —, eu não disse nada de mal! Não é pecado falar do matrimónio... Como eu vos dizia, se o senhor Dom Manfredo vos apresentar um formoso príncipe, por certo que lhe fareis uma vénia e lhe direis que preferis tomar o hábito...

— Graças aos céus, não me vai ser colocado tal dilema — disse Matilda. — Sabes bem quantas propostas de casamento ele já rejeitou, por não desejar ver-me casada!

— E vós até lhe agradeceis, como filha respeitosa que sois, senhora?... Ora, vamos... Se porventura amanhã de manhã ele vos mandar chamar ao salão nobre, e se a seu lado virdes um gracioso príncipe de olhos negros, fronte serena rodeada de belas madeixas, enfim, um heróico mancebo em tudo semelhante ao retrato do bom Alfonso, que está pendurado na galeria, um mancebo com quem pudésseis falar durante longas horas, de olhos nos olhos...

— Não fales levianamente nesse retrato — suspirou Matilda. — Reconheço que não é normal a adoração com que costumo contemplar esse quadro... mas é facto que não estou apaixonada por uma pintura. O virtuoso porte desse príncipe, a veneração que minha mãe sempre me inspirou pela sua memória, as orações que ela sempre me disse para rezar em

sua intenção, tudo isso concorreu para que eu me convencesse de que, dê por onde der, o meu destino tem com ele alguma relação.

— Jesus! Como pode ser isso? — disse Bianca. — Sempre ouvi dizer que a vossa família não tinha com ele qualquer parentesco! E por certo que não entendo a razão pela qual a princesa minha senhora vos mandou, em certa manhã fria ou tarde de bruma, rezar junto ao seu túmulo. Ele não é santo de calendário. Se for mister rezar, porque não vos mandará a senhora vossa mãe rezar ao nosso grande S. Nicolau? É o santo a quem eu rezo a pedir noivo.

— Talvez as minhas ideias fossem outras — disse Matilda —, se a minha mãe me tivesse dado alguma justificação; é o mistério por ela observada que em mim alimenta isto... a que não sei que nome dar. Como ela nunca age por capricho, tenho a certeza de que há no fundo de tudo isto um segredo fatal... De facto, quando ela pesarosamente chorava a morte de meu irmão, deixou escapar algumas palavras assaz reveladoras...

— Ah, senhora minha — exclamou Bianca —, que disse ela?

— Não — disse Matilda. — Quando uma mãe deixa escapar uma palavra de que logo se arrepende, não compete aos filhos repeti-la.

— Ah! — disse Bianca. — Ela lamentou o que disse? Mas, senhora, em mim podeis ter toda a confiança...

— Posso confiar-te os meus próprios segredos, quando os tiver! Nunca o de minha mãe. No que aos pais respeita, não devem os filhos ter olhos nem ouvidos.

— Em boa verdade vós, senhora, nascestes para santa — disse Bianca — e ninguém resiste à sua própria vocação: acabareis por ir parar a um convento. A senhora Dona Isabella

não deve ser tão reservada como vós, não! Com ela, ser-me-á permitido falar de enamorados; de uma vez em que entrou neste castelo certo cavaleiro, ela confessou-me o seu desejo de que vosso irmão Conrado se assemelhasse a ele.

— Bianca — exclamou a princesa —, não vos tolero que nomeis menos respeitosamente a minha amiga. Isabella é senhora de humor jovial, mas a sua alma é mais pura que a própria virtude. Ela conhece perfeitamente o teu feitio falador e bem pode tê-lo encorajado para se distrair de suas melancolias e animar a solidão em que meu pai nos mantém.

— Nossa Senhora! — exclamou Bianca, assustada. — Outra vez! Será que não ouvistes nada, senhora? Este castelo deve estar assombrado!

— Calma! — disse Matilda. — Escuta. Pareceu-me ouvir vozes, mas deve ser da minha cabeça. Foram, pelos vistos, os teus terrores que me influenciaram.

— Outra vez, senhora — murmurou aflita Bianca. — Tenho a certeza de ter ouvido vozes.

— Alguém estará a dormir no quarto que fica por baixo? — disse a princesa.

— Ninguém mais se atreveu a dormir lá — respondeu Bianca —, desde que o grande astrólogo que foi tutor de vosso irmão se afogou. O mais certo, minha senhora, é que o espírito dele e o de vosso irmão devem ter-se encontrado naquele quarto. Por amor de Deus, fujamos já para o quarto de vossa mãe!

— Ordeno-te que sossegues! — disse Matilda. — Se forem almas penadas, podemos confortar as suas penas, interrogando-as sobre o teor destas. Não podem elas causar-nos agravo, pois também nós as não injuriámos... mas, se o forem, estaremos nós mais a salvo noutro quarto do que neste? Procura o meu

terço: rezaremos uma oração e falaremos depois com elas.

— Bem amada senhora — gemeu Bianca —, com espíritos é que eu jamais hei-de falar...

Acabara ela de dizer estas palavras, quando ambas ouviram abrir-se a janela do quarto que ficava por baixo de Matilda. Puseram-se à escuta e não tardaram a ouvir uma pessoa a cantar, muito embora não percebessem o que dizia.

— Não pode ser espírito maléfico — disse a princesa em voz baixa. — Só pode ser pessoa da família. Abre a janela, que logo reconhecemos a voz...

— Não me atrevo — respondeu Bianca.

— És tola — disse Matilda, abrindo a janela devagar.

O ruído feito pela princesa tinha sido ouvido por quem estava em baixo e que se calou, de onde se concluía que tinha ouvido abrir a janela.

— Está aí alguém? — perguntou então a princesa. — Se estiver, que fale.

— Está — respondeu uma voz desconhecida.

— Quem é? — perguntou Matilda.

— Um desconhecido — retorquiu a voz.

— Que desconhecido? — perguntou ela. — Como haveis vós entrado aqui a estas horas, com todas as portas do castelo fechadas?

— Não estou aqui por vontade minha... Mas... perdoareis, senhora, o ter perturbado o vosso repouso. Não sabia que estivesse alguém nesse lugar. Não era capaz de pegar no sono, por isso me levantei e vim gastar as horas fastidiosas da noite, esperando pela chegada da aurora, cheio de impaciência por poder abandonar este castelo.

— Vejo, pelo modo como falais e pelo que me dizeis, a vossa grande melancolia. Se sois desventurado, eu vos lamento; se a necessi-

dade vos aflige, falai. Eu contarei tudo à princesa, cuja alma beneficente tem compaixão de todos os necessitados. Ela vos aliviará.

— Sou infeliz, sim — disse o desconhecido —, não sei o que seja a prosperidade; mas não me queixo daquilo que os céus me destinaram: sou jovem e saudável, não me envergonho de trabalhar para me sustentar. Não quero com isto mostrar-me orgulhoso nem desdenhar da vossa generosidade. Lembrar-me-ei de vós nas minhas orações, implorarei de Deus as maiores bênçãos para vós e vossa senhora... Se me ouvis a suspirar é por vós, que não por mim...

— Já compreendo, senhora — disse então Bianca, segredando ao ouvido da princesa. — Só pode ser aquele jovem campónio; assim Deus me salve como ele deve estar enamorado!... Ah, que formosa aventura! Obriguemo-lo a falar, senhora! Ele não vos conhece, julga que sois alguma mas das aias da senhora Dona Hippolita...

— Envergonha-te, Bianca — disse a princesa. — Que direito temos nós de nos intrometermos nos segredos íntimos deste mancebo? Afigura-se-me que é virtuoso e franco e que quer confessar-nos a sua pouca sorte. Será que tais circunstâncias nos autorizam a agir com ele a nosso bel-prazer? Temos o direito de o obrigarmos a confessar-se-nos?

— Jesus! — replicou Bianca. — Como Vossa Alteza é ignorante em coisas de amor! Que maior prazer para um amante que o falar da sua amada?

— Mas julgais-me confidente de um campónio qualquer? — tornou a princesa.

— Sendo assim, deixai que eu fale com ele — disse Bianca. — Conquanto eu tenha a honra de ser dama de honor de Vossa Alteza, nem sempre tive tal honra. Além disso, se o

amor nivela as posições, também é certo que faz subir os de condição baixa. Não há homem enamorado a quem eu não respeite.

— Sossega, pobre tola! — disse a princesa. — Por ele ter afirmado que é infeliz, não vamos nós decidir que ele está enamorado. Pensa no que hoje mesmo aqui aconteceu e diz-me se não há infortúnios cuja causa não seja o amor.

E continuou, para o desconhecido:

— Se as vossas desventuras não são devidas a culpa vossa e se no poder da nobre princesa Hippolita estiver o remediá-las, posso dar-vos a certeza de que ela será vossa protectora! Quando sairdes deste castelo, procurareis o bom padre Jerónimo, no convento que está junto à igreja de S. Nicolau; contar-lhe-eis a vossa história, com todas as minúcias que entenderdes. Ele não deixará de informar a princesa, que é verdadeira mãe de todos quantos solicitam a sua assistência. Adeus! Não me quadra bem conversar, durante mais tempo com um homem, a horas tão tardias!

— Guardem-vos todos os santos, minha boa senhora — replicou o mancebo. — Mas... ah, se um pobre e indigno desconhecido ousar pedir-vos mais um minuto de atenção... dar-me-eis essa ventura?... A janela continua aberta... deixais que eu me atreva a perguntar?...

— Falai baixo — disse Matilda. — Começa a amanhecer; os trabalhadores que vão para os campos podem ver-nos... Que quereis perguntar-me?

— Não sei como... não sei se ouse... — disse o desconhecido, hesitante. — Mas a humanidade com que me tratais dá-me coragem... Posso confiar em vós, senhora?

— Deus meu! — exclamou Matilda. — Que quereis dizer com isso? Que coisa me quereis

confiar? Falai abertamente, se o segredo for digno de um coração virtuoso...

— Queria perguntar — disse o camponês — se é verdade o que disseram os criados, que a princesa fugiu do castelo?

— Que interesse tendes em saber isso? — replicou Matilda. — As vossas primeiras palavras revelavam uma prudente e conveniente gravidade. Agora desejais intrometer-vos nos assuntos secretos de Manfredo? Adeus. Caí no logro, afinal, ao aceitar ouvir-vos.

E, dizendo tais palavras, fechou apressadamente a janela, sem ao mancebo conceder tempo para lhe responder.

— Teria sido mais prudente — disse a princesa a Bianca, num tom impetuoso — deixar-te falar a ti com este campónio: estou em crer que a curiosidade dele não desmerece da tua.

— Não me fica bem entrar em discussão Vossa Alteza — replicou Bianca —, mas as perguntas que eu lhe faria haviam de ser mais proveitosas que as que vós vos dignastes perguntar-lhe.

— Por certo — respondeu Matilda. — É uma pessoa muito discreta! Posso saber que perguntas querias fazer-lhe?

— O espectador, às vezes, percebe melhor o jogo do que aquele que está a jogar — respondeu Bianca. — Julga Vossa Alteza que a pergunta por ele feita a respeito de Dona Isabella resulta de mera curiosidade? Não, minha senhora. Havia nela algo que pessoas da vossa condição não podem intuir. Disse-me Lopez que todos os criados estão convencidos de que foi esse campónio quem congeminou a fuga da senhora Dona Isabella. Dai-me atenção, senhora: Vossa Alteza sabia, como eu, que a senhora Dona Isabella nunca gostou do príncipe vosso irmão. Pois bem: ele morreu no momento preciso... Eu não acuso ninguém. Um

elmo pode muito bem cair da lua (é o senhor vosso pai quem o diz); mas Lopez e todos os criados asseveram que esse galante campónio é mágico e que roubou o elmo da estátua tumular de Alfonso.

— Ponhamos termo a tamanha quantidade de impertinências — disse Matilda.

— Permita Vossa Alteza que lhe exprima o que penso — exclamou Bianca. — No mesmo dia em que a minha senhora Dona Isabella desapareceu, foi esse feiticeiro descoberto mesmo à boca do alçapão... Não quero acusar ninguém, mas... se o nosso jovem príncipe encontrou a morte...

— Não te aventures — disse Matilda — a lançar suspeitas contra a boa fama da minha querida Isabella.

— Com boa ou má fama, a verdade é que ela fugiu; encontra-se depois um estranho de todos desconhecido; vós própria o interrogais; ele responde-vos que está apaixonado, ou que é desventurado, o que vem dar no mesmo; chegou mesmo a confessar que era infeliz por amor de outrem... Pode alguém estar infeliz por amor de alguém, se não estiver apaixonado por esse alguém? Para cúmulo de tudo, pergunta-vos ele, mui ingenuamente, com muita inocência, se a minha senhora Dona Isabella fugiu!

— Em boa verdade — disse Matilda —, as tuas observações não são sem fundamento... Intriga-me a fuga de Isabella e a curiosidade deste desconhecido é coisa singular... mas é certo também que Isabella nunca me ocultou nenhum dos seus pensamentos.

— Assim vo-lo disse ela — tornou Bianca —, com o fim de vos arrancar os vossos segredos... Mas, quem sabe, senhora, se este estranho não é algum príncipe disfarçado... Ah,

senhora, deixai-me abrir a janela e pôr-lhe umas perguntas!

— Não — ordenou Matilda —, eu própria lhe hei-de perguntar se sabe algo de Isabella, muito embora o considere menos digno de que eu converse com ele mais tempo.

Ia a abrir a janela quando ambas ouviram tocar a sineta do portão das traseiras, sito à direita da torre em que se encontravam os aposentos de Matilda, o que impedia a princesa de continuar a conversa com o desconhecido. Ficaram caladas uns momentos, prosseguindo então a princesa desta guisa:

— Estou em crer que, seja qual for o motivo da fuga de Isabella, ele nada teve de indigno. E se este mancebo foi conivente com ela, é porque ela confiava na sua fidelidade e dignidade. Notei eu e notaste tu que as suas palavras vinham repassadas de piedade. Não eram palavras de nenhum malfeitor: eram frases de um homem bem nascido.

— Eu garanti-vos, senhora, que era algum príncipe disfarçado.

— Mas — retorquiu Matilda —, se ele foi conhecedor de tal fuga, como se explica que a não tenha acompanhado? Porque se expõe ele desnecessária e temerariamente às iras de meu pai?

— Quando a isso, senhora minha, se ele foi capaz de fugir de debaixo do elmo, é porque tem poderes para fugir às iras de vosso pai. Não duvido de que ele tem talismãs ou qualquer outra coisa em seu poder.

— Atribuis tudo às magias — disse Matilda —, mas um homem relacionado com os espíritos infernais não nos falaria nos termos abençoados com que ele nos falou. Não ouviste com quanto fervor ele me prometeu recordar-se de mim em suas orações? Não há dúvida de que Isabella era conhecedora da sua piedade.

— Não me recomendais muito a piedade de um rapaz e de um donzela que conseguiu em ser raptada por ele! — disse Bianca. — A senhora Dona Isabella é pessoa de feitio mui diverso do que vós julgais. Soía suspirar e erguer os olhos ao céu, quando em vossa companhia, por saber que éreis uma santa... Mas quando vós viráveis costas...

— Enganas-te — respondeu Matilda. — Em Isabella não existe hipocrisia: ela possui o verdadeiro sentido da devoção e nunca mostrou vocação para a vida religiosa. Pelo contrário, sempre combateu a minha inclinação para o claustro. E, reconhecendo o segredo que a tal respeito ela comigo guardou, a sua fuga confunde-me. Parece-me pouco consistente com a amizade que entre nós havia. Não posso esquecer o desinteressado ardor com que ela sempre se opôs a que eu tomasse o hábito: desejava ver-me casada, sabendo muito embora que o meu dote era uma perda para os filhos que ela e meu irmão pudessem vir a ter. É por causa dela que eu dou crédito a este jovem desconhecido.

— Achais então que haveria entre ambos algum entendimento? — perguntou Bianca.

Mal tais palavras não eram ditas, entrou um criado, muito apressado, a informar Matilda de que a senhora Dona Isabella já fora encontrada.

— Onde? — disse Matilda.

— Recolhida no santuário da igreja de S. Nicolau — respondeu o criado. — Foi o próprio padre Jerónimo quem trouxe a novidade: ele está agora com Sua Alteza a princesa.

— Onde está minha mãe? — perguntou Matilde.

— Nos seus próprios aposentos, minha senhora, pedindo-vos que Vossa Alteza lhe vá falar.

Logo que alvoreceu, Manfredo levantou-se e encaminhou-se para os aposentos de Hippolita, a procurar por novas de Isabella. Perguntava-lhas quando vieram trazer-lhe recado de que Jerónimo desejava falar com ele. Adivinhando de certo modo as causas da chegada do frade, sabedor de que Hippolita encarregava este frade das suas práticas benemerentes, ordenou que o mandassem entrar, com intenção de o deixar a sós com a esposa, enquanto prosseguia as buscas a Isabella.

— O assunto diz-me respeito a mim ou à princesa? — perguntou Manfredo.

— A ambos — replicou o santo homem. — A senhora Dona Isabella...

— Onde está ela? — interrompeu bruscamente Manfredo.

— Na capela-mor de S. Nicolau — respondeu Jerónimo.

— O assunto não é com Hippolita — tornou confusamente Manfredo. — Vinde até aos meus aposentos, padre, e informai-me do modo como ela chegou até lá.

— Não, Alteza — replicou o santo homem com tanta firmeza e autoridade que logrou atemorizar o resoluto Manfredo, a quem as virtudes de Jerónimo não deixavam de causar admiração. — O meu recado é para ambos e, com licença de Vossa Alteza, será na presença de ambos que o vou transmitir. Mas, antes que o faça, permiti pergunte à princesa se tem conhecimento das causas que levaram Isabella a fugir do vosso castelo.

— Juro-vos que não — disse Hippolita. — Acaso Isabella me acusa de as conhecer?

— Padre — interrompeu Manfredo —, presto a devida reverência o vosso santo mister; mas, neste castelo, sou soberano e não permitirei a padre algum que se intrometa nas questões da minha casa. Se tendes algo a dizer-me,

acompanhai-me aos meus aposentos... Não é meu costume dar a minha mulher conhecimento dos assuntos secretos do meu estado; são coisas que não fazem parte da jurisdição das mulheres.

— Senhor — disse o santo homem —, não quero intrometer-me em assuntos da vossa família. O meu mister é promover a paz, remediar as divisões, pregar o arrependimento e ensinar o género humano a pôr freio às obstinadas paixões. Perdoo-vos as palavras com que me ofendestes: conheço o meu dever e não passo de um servidor do poderosíssimo príncipe Manfredo. Dai ouvidos ao que fala pela minha boca.

Aterrado e confuso, Manfredo estremeceu. O porte de Hippolita mostrava o seu grande espanto e a ansiedade em que estava por ver o que tudo isto podia resultar. O seu silêncio mostrava bem o respeito que continuava a ter para com Manfredo.

— A senhora Dona Isabella — começou Jerónimo — recomenda-se muito a Vossas Altezas. Agradece reconhecidamente a ambos a amabilidade com que neste vosso castelo foi tratada; deplora a perda de vosso filho e a sua própria desventura em não poder tornar-se filha de tão sábios e nobres príncipes, a quem sempre respeitará como se de seus pais se tratasse; pede a Deus que entre vós haja uma união e uma felicidade ininterruptas.

Manfredo corou.

— Não lhe sendo todavia possível — continuou o padre — continuar junto a vós, suplica o vosso consentimento para permanecer no santuário até ter novas de seu pai; ou, se ele porventura houver morrido, recuperar a sua liberdade e, com licença dos seus tutores, contrair novo casamento.

— Tal não consentirei — atalhou o príncipe. — Intimai-a a regressar a este castelo sem mais delongas. Sou responsável pela sua pessoa perante os tutores e não sofrerei que a sua pessoa fique entregue aos cuidados de outrem que não eu.

— Vossa Alteza pensará se tal será, de momento muito digno — retorquiu o frade.

— Não hei mister conselheiros — disse confusamente Manfredo. — O comportamento de Isabella dá ensejo a singulares suspeitas... E esse outro moço vilão, que deve ser cúmplice da sua fuga, senão a sua causa...

— A causa? — interrompeu o frade. — A causa foi um moço?...

— Isto é intolerável — bradou Manfredo. — Terei eu que me deixar desafiar por este insolente frade! Tenho a certeza de que conheceis demasiado bem esses amores entre eles.

— Oxalá o céu esclarecesse devidamente os vossos juízos temerários — disse Jerónimo. — Mas eu sei que Vossa Alteza reconhece, em consciência, a injustiça com que me acusa. A Deus rogo vos perdoe essa falta de caridade; a Vossa Alteza imploro haja por bem deixar que a princesa permaneça naquele santo lugar, onde não está sujeita a ser incomodada por coisas tão vãs e mudanas como o são os discursos amorosos de certos homens.

— O que tendes a fazer — disse Manfredo — é irdes e trazerdes a princesa para onde lhe compete estar.

— É meu dever impedir que ela volte para aqui — disse Jerónimo. — Ela está no lugar em que os órfãos e as virgens ficam ao abrigo dos ardis e embustes deste mundo; só a autoridade paterna dali a poderá arrancar.

— Sou pai dela e exijo-a — bradou Manfredo.

— Ela desejou ser vossa filha — tornou-lhe o frade —, mas o céu, ao evitar a consumação desse parentesco, quebrou para sempre os laços entre vós existentes. E eu venho anunciar a Vossa Alteza...

— Parai, homem atrevido — disse Manfredo —, e fugi à minha fúria.

— Padre — disse Hippolita —, é dever vosso não fazer acepção de pessoas e falar como o dever vo-lo prescreve; o meu dever é não ouvir aquilo que a meu senhor não agrada que eu ouça. Recolher-me-ei pois ao meu oratório e pedirei à Virgem Santíssima vos inspire com seu santo conselho e torne manso e dócil o coração de meu nobre senhor!

— Seja, nobre senhora! — disse o frade. — Às vossas ordens, senhor!

Acompanhado pelo frade, Manfredo encaminhou-se para os seus aposentos. Fechada a porta, disse-lhe:

— Vejo, padre, que Isabella vos deu conhecimento das minhas propostas. Escutai-me pois e fazei quanto vos vou ordenar. Urgentíssimas razões de estado, de que depende a segurança não só minha como de todo o meu povo, impõem-me que eu tenha um filho. Vão será esperar herdeiro que me venha da parte de Hippolita. A minha escolha recaiu sobre Isabella. Tendes de ma trazer. Mais fareis: sei da influência que exerceis sobre Hippolita e sei que a sua consciência está nas vossas mãos; reconheço que ela é uma mulher sem mancha, que a sua alma está virada para os céus e que desdenha das vanglórias mundanas; como sois capaz de a levardes a renunciar a tudo, convencei-a a consentir na dissolução do nosso casamento e em retirar-se para um convento; pode deixar a um mosteiro o seu dote, se quiser, e praticar todas as liberalidades que desejar para com a vossa ordem, pelo modo

como ela ou vós houverdes por bem ordenar. Assim podereis, padre, dissipar as calamidades que pendem sobre as nossas cabeças e adquirir o mérito de ter salvo da destruição o principado de Otranto. Sois homem de grande prudência; embora o ardor do meu temperamento me tenha levado a usar termos indevidos, não deixo de venerar a vossa virtude e desejo ardentemente que sejais credor da minha gratidão, dando paz à minha vida e continuação à minha linguagem.

— Faça-se a vontade dos céus! — suspirou o frade. — Eu sou o seu humilde instrumento. Foi ele que fez uso da minha língua para proclamar a sem razão dos vossos desígnios. As vossas injúrias à virtuosa Hippolita foram ouvidas junto do trono celestial. Por meu intermédio, os céus censuram-vos a adúltera intenção de a repudiares. Por meu intermédio vos avisam que não prossigais incestuosos desígnios contra vossa filha adoptiva. Deus, que a libertou do vosso furor, num momento em que as recentes desgraças caídas sobre a vossa casa deviam ter-vos inspirado melhores desígnios, há-de continuar a olhar por ela. E eu próprio, humilde e desprezível frade, saberei protegê-la das vossas violências... Pecador que sou e injustamente acusado por Vossa Alteza de ser cúmplice de não sei que amores, desprezo as tentações com que intentastes subornar a minha honestidade. Amo a ordem em que professei, honro as almas devotas, respeito a piedade da princesa... Mas não posso trair a confiança que ela em mim deposita nem servirei a causa da religião com loucas e pecaminosas condescendências... É bem verdade que a prosperidade do vosso estado depende de Vossa Alteza ter um filho. O céu porém zomba das curtas vistas dos homens. Quem é que, ontem de manhã, conhecia casa mais rica e florescente

que a dos Manfredos?... Hoje, porém, que é feito do jovem Conrado?... Respeito as lágrimas de Vossa Alteza... Mas isso não significa que está em mim o poder vedar esse pranto... Deixai-o correr, príncipe... No céu, podem essas lágrimas ser mais valiosas para o bem estar de vossos súbditos do que o seria um casamento que, por se fundar em razões de concupiscência ou de política, jamais poderia ser próspero. O ceptro que, da raça de Alfonso, passou para as vossas mãos, não pode ser mantido à custa de um matrimónio que a igreja jamais permitiria. Se for da vontade do Altíssimo que o nome de Manfredo pereça, tendes de resignar-vos aos seus decretos. Só assim sereis merecedor de uma coroa que não podereis transmitir a mais ninguém... A vossa tristeza, senhor, alegra-me. Voltemos para junto da princesa, que desconhece ainda as vossas cruéis intenções. Não pretendo alarmar ninguém senão a vós próprio. Bem vistes a doce paciência, o esforçado amor com que ela se recusou a ouvir até ao fim o relato do vosso crime. Sei bem que o seu desejo é receber-vos em seus braços e jurar-vos a sua nunca desmentida afeição.

— Padre, não compreendeis a minha compunção! — respondeu-lhe o príncipe. — De facto, eu respeito as virtudes de Hippolita e tenho-a na conta de santa; oxalá à salvação da minha alma aproveitasse o estreitar do nó que em tempos nos uniu! Não sabeis, porém, qual é a mais amarga das minha torturas: há já muito que eu sofro de escrúpulos quanto à legalidade da nossa união. É que Hippolita é minha prima em quarto grau e, se é certo que obtivemos uma dispensa, sei também que ela foi anteriormente consorciada com outro. É isso o que mais pesa em meu coração. É a esse estado de matrimónio ilícito que eu atribuo a

desgraça que, com a morte de Conrado, me atingiu. Libertai-me pois a consciência deste peso; dissolvei este casamento e completai assim o piedoso trabalho que vossas santas palavras em minha alma hão iniciado.

Cruel angústia sentiu o santo homem ao ouvir o logro para o qual o astucioso príncipe queria arrastá-lo! Receou por Hippolita, cuja ruína era inevitável; receou que, se Manfredo perdesse a esperança de recuperar Isabella, a impaciência dele em ter um filho o levasse a voltar-se para alguém que não conseguisse, como Isabella, ficar imune à tentação da categoria social de Manfredo.

Ficou o santo homem absorto em seus pensamentos. Finalmente, convicto dos bons resultados de algum tempo de espera, achou que o melhor que tinha a fazer era tirar ao príncipe todas as esperanças de recuperar Isabella. Sabia o frade que podia contar com ela, com a afeição que ela consagrava a Hippolita e com a aversão que já lhe confessara sentir por Manfredo; de tudo isso se aproveitaria até que as censuras eclesiásticas tivessem ocasião de condenar o divórcio. Foi com isto em mente que, mostrando-se comovido com os escrúpulos de Manfredo, acabou por dizer:

— Ponderei tudo quanto me disse Vossa Alteza; se de facto é tamanha delicadeza de consciência o real motivo da vossa repugnância para com tão virtuosa senhora, longe de mim forçar-vos a tamanho sacrifício. A igreja é mãe indulgente; manifestai-lhe os vossos pesares: só ela pode reconfortar o vosso coração, quer dando sossego à vossa consciência, quer, após exame aos vossos escrúpulos, dando-vos a liberdade de procurardes meios legítimos de perpetuação da vossa linhagem. Nesse último caso, se a senhora Dona Isabel houver por bem...

Certo de que tinha arrastado o santo homem para o logro ou de que o sermão que ele a princípio lhe pregara mais não fora que uma satisfação das aparências, Manfredo mostrou-se radiante com mudança tão súbita e repetiu as mais magnificentes promessas, se mediante a acção do frade, visse a ser bem sucedido. O bem intencionado padre nada fez para o decepcionar, determinado como estava não a apoiar as suas ideias mas a contrariá-las.

— Agora que nos entendemos — tornou o príncipe —, espero, padre, que me respondais a uma coisa. Quem é o mancebo encontrado na cripta? Ele está ou não implicado na fuga de Isabella? Dizei-me com verdade... Será amante dela? Ou será mensageiro de algum outro apaixonado? Percebi muitas vezes a indiferença de Isabella para com o meu filho: na minha memória acumulam-se milhares de circunstâncias que servem de confirmação a essa suspeita. Tão consciente ela mesma estava disso que, enquanto eu com ela praticava na galeria, começou, sem que eu tivesse dito nada, a justificar-se da sua frieza para com Conrado.

O frade, que nada sabia do mancebo a não ser o que a princesa ocasionalmente lhe dissera, desconhecendo também o que era feito dele, esquecendo-se por momentos do impetuoso Manfredo houve por bem semear alguns grãos de ciúme naquela mente: podia ser útil, para o futuro, pois, no caso de o príncipe continuar a insistir na união com Isabella, esse ciúme podia levá-lo a odiá-la; por outro lado, desviando as atenções do príncipe para outras bandas e ocupando-lhe a ideia com uma intriga enganosa, evitaria que ele procurasse nova paixão.

Seguindo tão infeliz política, respondeu-lhe então de maneira a confirmar a crença de Manfredo, segundo a qual havia qualquer combinação entre o mancebo e Isabella. O príncipe, que não carecia de muito combustível para começar a arder violentamente, ficou furibundo com o que o frade lhe sugeriu.

— Vou dar cabo dessa intriga — gritou.

E, abandonando abruptamente Jerónimo, depois de lhe ter ordenado que não abalasse enquanto ele não voltasse, correu para o átrio do castelo e mandou que trouxessem o campónio à sua presença.

— Seu atrevido, seu grande impostor! — disse o príncipe, mal o avistou. — Que vai ser da tua apregoada veracidade? Foi então a Providência e o luar que te revelaram a fechadura do alçapão? Diz-me, velhaco, quem és e há quanto tempo hás travado conhecimento com a princesa... Cuida de dar uma resposta em que não haja tanto equívoco como no que me disseste a noite passada, pois, se tal não fizeres, será a tortura a arrancar-te toda a verdade!

Percebendo o mancebo que estava descoberta a sua participação na fuga da princesa e concluindo que podia dizer tudo sem a favorecer ou prejudicar, replicou:

— Não sou impostor, senhor, nem usei de linguagem ofensiva para convosco. Respondi a todas as perguntas que me fez esta noite Vossa Alteza com a mesma veracidade com que vos falo agora; e não o faço por temer as vossas torturas, mas pela razão de a minha alma aborrecer tudo quanto soe a mentira. Repita. Vossa Alteza as suas perguntas, que eu haverei por bem satisfazer-vos, como me for possível.

— Sabes bem quais são as minhas perguntas — replicou o príncipe — e o que tu queres ganhar tempo para tentares evadir-te. Fala sem mais rodeios: quem és tu? E há quanto tempo conheces a princesa?

— Sou lavrador da aldeia mais próxima — disse o mancebo — e hei nome Teodoro. A

princesa encontrou-me esta noite na cripta, sem que, antes disso, alguma vez eu tenha estado em sua presença.

— Posso dar mais ou menos crédito ao que me dizes — retorquiu Manfredo. — Desejo todavia ouvir até ao fim a tua história, posto o o que examinei o que nela há de verdade. Diz-me pois que razões te deu a princesa para empreender aquela fuga. Da resposta que me deres depende a tua vida.

— O que ela me disse — respondeu Teodoro — foi que desejavam perdê-la e que, se não lograsse fugir do castelo, corria o perigo de, em pouco tempo, se tornar para todo o sempre desgraçada.

— E foi com tal fundamento, dando ouvidos ao que uma pobre tola te disse — perguntou Manfredo — que tu te atreveste a incorrer no meu desagrado?

— Não receio cair no desagrado de um homem — replicou Teodoro — quando um mulher aflita se coloca à sombra da minha protecção.

No decorrer desta inquirição, Matilda dirigia os seus passos para os aposentos de Hippolita. No extremo superior do átrio em que Manfredo se encontrava, havia uma galeria apainelada com janelas, galeria por onde Matilda e Bianca iam ter de passar. Tendo elas ouvido a voz do príncipe e vendo todos os criados em redor dele, Matilda perguntou a estes o que se passava. O prisioneiro atraiu então todas as suas atenções: o modo firme e grave como respondia, o porte galante com que replicava, fizeram com que ela se interessasse por ele logo às primeiras palavras que distintamente lhe ouviu pronunciar. Era de aparência nobre, aspecto formoso e dominador, apesar da posição a que o sujeitavam... Mas o seu semblante não tardou a causar a Matilda grande inquietação:

— Bianca! Valha-me Deus! — disse a princesa em voz baixa. — Será um sonho? Ou este jovem apresenta de facto muitas semelhanças com o semblante do retrato de Alfonso que se encontra na galeria?

Mais não disse porque a voz do pai ia crescendo de intensidade:

— Este atrevido — dizia — ultrapassa a pior das insolências. Vais já ver os efeitos da ira com que pretendes brincar. Pegai nele — ordenou — e amarrai-o... A primeira notícia que a princesa vai receber a respeito do seu protector será a de que ele foi decapitado por causa dela.

— A justiça que contra mim ides praticar — disse Teodoro — acaba de convencer-me de que fiz uma boa acção ao libertar a princesa da vossa tirania. Seja ela feliz, que de mim pouco me importo!

— É seu amante! — rugiu Manfredo. — Jamais se viu campónio animado, face à morte por tão raros sentimentos! Ah, velhaco sem vergonha, não me dirás quem és?... Os meus tratos te arrancarão o segredo...

— Haveis-me condenado já à morte — disse o mancebo — por eu vos ter dito toda a verdade: se é assim que encorajais a minha sinceridade, poucas ganas terei de continuar a satisfazer a vossa vã curiosidade.

— Ah, não queres falar? — disse Manfredo.

— Não — foi a resposta.

— Levai-o para o pátio — disse Manfredo. — Quero, sem tardança, ver essa cabeça separada do corpo.

Mal estas palavras não eram ditas, Matilda caiu desmaiada.

— Socorro! Socorro! — bradou Bianca. — A princesa está morta.

Deteve-se Manfredo ao ouvir este grito e perguntou o que se passava. A mesma pergunta

fez o jovem camponês, a quem aquele grito enchera de terror. Ordenou porém Manfredo que o levassem de imediato para o pátio e ali o mantivessem aprisionado até à hora da execução, enquanto ele próprio se informava da causa que levara Bianca a gritar. Quando a soube, julgou que se trataria de mero pavor de mulheres: ordenando que Matilda fosse transportada para os seus aposentos, correu para o pátio e chamou por um dos guardas. Mandou por fim a Teodoro que se ajoelhasse e se preparasse para o golpe fatal.

O intrépido mancebo recebeu a amarga sentença com uma resignação que a todos, excepto a Manfredo, impressionou. Desejava honestamente saber o significado das palavras que tinha ouvido dizer à princesa; receando porém exasperar o tirano contra ela, desistiu de o saber. A única mercê que se dignou pedir foi que lhe fosse permitido confessar-se, para se pôr a bem com Deus. Com a esperança de que, através do confessor, podia chegar ao conhecimento da história do mancebo, atendeu prontamente tal pedido. Convicto de que o padre Jerónimo estava naquele momento do seu lado, mandou que o chamassem para ouvir de confissão o prisioneiro. O santo homem, sabedor da catástrofe que a sua imprudência começava a ocasionar, caiu de joelhos aos pés do príncipe e suplicou-lhe com toda a solenidade que não derramasse sangue inocente. Acusou-se a si próprio, profundamente arrepeso, de ter sido pouco discreto. Fez tudo para ilibar o mancebo, mas não conseguiu abrandar a raiva do tirano. Mais furioso do que aplacado com a intercessão de Jerónimo, cuja retractação o leva a suspeitar de que ele o enganara, Manfredo ordenou ao frade que cumprisse o seu dever, avisando-o de que não consentiria que o prisioneiro demorasse muito a confessar-se.

— Nem eu quero demorar muito, senhor — disse o desventurado moço —, visto que os meus pecados, a Deus graças, são poucos numerosos; não excedem eles o que é normal na pouca idade que tenho. Limpai as lágrimas, padre, e façamo-nos prestes. Razões não hei para ter pena de abandonar este mundo de maldade.

— Oh, inditoso mancebo! — suspirou Jerónimo. — Como podes olhar com paciência para mim que sou o teu assassino! Eu, que apressei a hora negra da tua morte!...

— Seja tudo para salvação da minha alma — disse o jovem. — Espero obter o perdão dos céus... Ouvi agora a minha confissão e dignai-vos dar-me a vossa bênção...

— Como poderei eu preparar-vos devidamente para a morte? — disse Jerónimo. — Não lograrás salvarte, se não perdoares aos teus inimigos. Estás disposto a perdoar a este ímpio?

— Estou — respondeu Teodoro. — Perdoo-lhe.

— Cruel príncipe — disse o frade —, será que, com tudo isto vos não comoveis?

— Ordeno-vos que o confesseis — disse Manfredo — e que não percais tempo a interceder por ele. Nada mais conseguireis que excitar o meu furor contra ele! Que o seu sangue caía sobre a vossa cabeca.

— Assim seja! — exclamou o santo homem, triste e angustiado. — Nem vós nem eu poderemos jamais alimentar a esperança de irmos para onde este abençoado mancebo vai!

— Apressai-vos — disse Manfredo. — Estou tão disposto a ouvir por lamúrias de padres como lamentos de mulheres.

— Mas — disse o mancebo — será possível que a minha pouca sorte tenha sido motivo do

que ouvi? Será que a princesa está novamente em vosso poder?

— Esquece tudo o que não seja a minha cólera — disse Manfredo. — Prepara-te, que é chegada a tua última hora.

Sentindo o jovem a sua indignação a crescer e tendo ficado impressionado com a tristeza que havia infundido em todos os espectadores e no próprio frade, abafou a emoção e, depois de ter aberto o gibão e desapertado a camisa, recolheu-se a rezar. Ao baixar-se, escorregou-lhe a camisa do ombro, deixando à mostra o sinal de uma seta.

— Louvor a Deus! — exclamou o padre, cheio de espanto. — Que vejo eu? É o meu filho, o meu Teodoro!

Fácil será imaginar o que veio a seguir, mas difícil é descrevê-lo. Mais do que a alegria, era o espanto quem fazia conter as lágrimas a todos os presentes. Olhavam interrogativamente para o príncipe, como que à procura do que haviam de pensar. No semblante do jovem prepassaram sucessivamente a surpresa, a dúvida, a ternura, o respeito. Foi com modesta submissão que recebeu as efusivas lágrimas e os abraços do velho padre; receando dar largas à esperança e sem saber a que é que a inflexibilidade de Manfredo dera lugar, tentou olhar para o príncipe, como que a dizer: «Será possível que uma cena destas te não comova?»

O coração de Manfredo não perdera a faculdade de se comover. O espanto levara-o a esquecer a crueldade; mas a soberba não lhe permitiu sentir-se impressionado. Hesitava sobre se toda aquela cena não seria um fingimento do padre, a ver se salvava o mancebo.

— Que significa tudo isto? — disse. — Como pode ele ser vosso filho? Será de crer que, com os vossos votos e a santidade que vos é reconhecida, vades ao ponto de reconhecerdes neste campónio o fruto de vossos ilegítimos amores?

— Deus meu? — exclamou o santo homem. — Perguntais-me se ele é meu filho? Como poderia eu sentir a angústia que sinto, se não fosse seu pai? Ah, meu bom príncipe, poupai-o! Poupai-o a ele e condenai-me a mim, como vos aprouver!

— Poupai-o, senhor, poupai-o! — bradaram os presentes. — Poupai-o por amor desse bom padre!

— Sossegai! — disse Manfredo com firmeza. — Depois que conheça o mais, dispor-me-ei a perdoar. O bastardo de um santo pode não ser santo...

— Príncipe injusto — bradou Teodoro —, não junteis o insulto à crueldade! Saiba Vossa Alteza que, sendo filho deste homem venerável e não sendo embora príncipe como vós, o sangue que me corre nas veias...

— Sim — disse o frade, interrompendo-o —, o seu sangue é nobre... Não lhe assenta também o injusto epíteto com que o alcunhastes. É meu filho legítimo e poucas são na Sicília as casas que possam gabar-se de serem mais antigas que a de Falconara... Mas que vale o sangue? Que valor tem a nobreza? Todos nós somos répteis, todos nós somos pobres pecadores e só a piedade poderá alevantar-nos do pó de onde viemos e ao qual havemos de tornar...

— Dai fim a vossos sermões — disse Manfredo. — Não vos esqueçais de que deixastes de ser frei Jerónimo para serdes o conde de Falconara. Desejo conhecer a vossa história; ides ter muito tempo para sermões, ainda que não obtenhais o perdão para esse criminoso relapso.

— Santa Mãe de Deus! — exclamou o frade. — Será possível que Vossa Alteza recuse

a um pai a vida do seu único e desde há muito perdido filho? Que Vossa Alteza me humilhe, me despreze, me aflija, me tire a vida, mas que poupe o meu filho!

— Se assim falas — disse Manfredo — é porque sentes o que é perder um filho único... Ainda há uma hora me pregavas a resignação; pode a minha linhagem, se o destino assim o quiser, perecer, mas a do conde de Falconara...

— Confesso, senhor — disse Jerónimo —, haver-vos ofendido; mas não agraveis os sofrimentos de um pobre velho. Não me glorio da minha linhagem, não penso em semelhantes vaidades... É a natureza quem em mim defende a causa do meu filho; é a memória da mulher querida que o deu à luz... Ela morreu, Teodoro?

— Há muito que a sua alma está entre os benditos — disse Teodoro.

— Ah, conta-me tudo... — exclamou Jerónimo. — Mas não... Ela está no céu... Tenho-te agora a ti... Venerável senhor... Não quereis poupar a vida do meu pobre filho?

— Voltai para o vosso convento — respondeu Manfredo. — Trazei-me para aqui a princesa. Obedecei-me em tudo o mais que já sabeis. E eu vos prometo a vida de vosso filho.

— É esse o preço, senhor, da vida deste jovem querido? — disse Jerónimo.

— Da minha? — bradou Teodoro. — Prefiro morrer mil vezes a consentir que mancheis a vossa consciência. Que deseja afinal de vós este tirano? Quer que lhe tragais a princesa foragida ao seu poder?... Cuidai de vós, venerável pai, e deixai que toda a sua ira caia sobre mim.

Esforçou-se Jerónimo por dominar o ímpeto do filho; e antes que Manfredo pudesse dar qualquer resposta, ouviu-se um galope de cavalos e o ressoar de uma brônzea trombeta que pendia dos portões do castelo. Naquele mesmo

instante, as plumas do enfeitiçado elmo, que se encontrava no outro extremo do pátio, agitaram-se furiosamente e inclinaram-se três vezes, como se o elmo se encontrasse em cima da cabeça de alguém.

CAPÍTULO III

Ao ver que as plumas do miraculoso capacete se agitavam ao ritmo da trombeta, o coração de Manfredo atemorizou-se.

— Padre — disse para Jerónimo, deixando de o tratar por conde de Falconara —, que presságios são estes? Se acaso eu ofendi...

As plumas agitaram-se com uma violência nunca vista.

— Mísero príncipe sou... — continuava Manfredo. — Podereis assistir-me com as vossas orações, padre?

— Os céus — respondeu Jerónimo — devem estar ofendidos com o escárnio movido contra os seus servos. Submeta-se Vossa Alteza à igreja e cesse de perseguir os seus ministros. Liberte Vossa Alteza este mancebo e aprenda a respeitar o que em mim há de sagrado. Não permitem os céus que com eles brinquemos...

De novo ressoaram as trombetas.

— Reconheço ter agido com precipitação — disse Manfredo. — Ide vós, padre, à seteira perguntar quem está aos portões.

— Garantis-me a vida de Teodoro? — perguntou o frade.

— Sim — disse Manfredo. — Vede quem bate aos portões.

Jerónimo curvou-se sobre o filho e chorou no seu regaço copiosas lágrimas, que falavam bem do que lhe ia na alma.

— Prometestes ir ao portão — disse Manfredo.

— Julgo — retorquiu-lhe o frade — que Vossa Alteza há-de sofrer que eu lhe tribute, antes disso, toda a gratidão do meu coração.

— Obedecei ao príncipe, amado senhor — disse Teodoro. — Não posso consentir que dilateis, por mor de mim, a satisfação de suas vontades.

Perguntando Jerónimo quem estava fora, foi-lhe respondido:

— Um arauto!

— De quem? — perguntou.

— Do cavaleiro da espada gigantesca — respondeu o arauto. — Preciso de falar com o usurpador de Otranto.

Voltou Jerónimo para junto do príncipe e apressou-se a repetir a mensagem com as mesmas palavras que ao arauto ouvira. Aterrado ficou Manfredo com tal mensagem, mas, ao ver-se cognominado de usurpador, a sua raiva reacendeu-se e recuperou a coragem:

— Usurpador?... Vilão e insolente é quem se atreve a pôr em questão o título que me pertence... Retirai-vos, padre, que estes negócios não são coisa de monges... Irei eu ao encontro desse atrevido. Voltai para o vosso convento e diligenciai pelo regresso da princesa. Ficará vosso filho como refém da vossa fidelidade; e da vossa obediência fica dependente a vida dele.

— Deus meu! — exclamou Jerónimo. — A única coisa que Vossa Alteza tem de fazer é perdoar e libertar de imediato a meu filho...

Ou será que já esquecestes o modo como o céu interveio neste caso?

— O céu — replicou Manfredo — não manda arautos contestar o título de um príncipe legítimo... Duvido que ele faça comunicar a sua vontade pelo intermédio de frades... mas disso vós, que não eu, sabereis tratar. Conheceis já quais são as minhas presentes vontades; e não será um arauto impertinente quem vos salvará o filho, se acaso aqui não voltardes, trazendo convosco a princesa.

De nada adiantaria ao santo homem replicar. Manfredo ordenou que ele fosse levado ao portão das traseiras e colocado fora dos domínios do castelo; deu também ordens para que Teodoro fosse transportado para o cimo da torre negra, onde ficaria sob custódia seguríssima, sendo apenas permitido ao pai e ao filho trocarem um apressado abraço e partirem logo. Penetrando depois no átrio e sentando-se no trono de príncipe, mandou que o arauto fosse trazido à sua presença.

— Vá, insolente! — disse o príncipe. — A que vens?

— Venho, Manfredo, usurpador do principado de Otranto, da parte do mui famoso e invencível cavaleiro da espada gigantesca. Em nome do seu senhor Frederico, marquês de Vicenza, ele te exige a senhora Dona Isabella, filha do dito príncipe, a qual tu, treda e vilmente, deténs em teu poder, impondo-lhe, na ausência do pai, falsos tutores; e mais vos requer que resigneis do principado de Otranto, que haveis usurpado ao dito senhor Frederico, o mais próximo, pelo sangue, de seu dono e senhor Alfonso, o Bom. Se não deres imediato cumprimento a suas justas exigências, ele te desafia, em última instância, para combate singular!...

E, dizendo isto, o arauto baixou o bastão.

— Onde está esse valente que vos envia? — perguntou Manfredo.

— A uma légua daqui — disse o arauto. — Vem pacificamente apresentar a justa exigência de seu senhor; trata-se de um tão verdadeiro cavaleiro, quanto vós sois usurpador e ladrão.

Sendo tal intimação injuriosa, Manfredo considerou que não era de seu interesse provocar o marquês. Reconheceu o bem fundado da intimação de Frederico; não era porém a primeira vez que de tal ouvia falar. Os antepassados de Frederico tinham assumido o título de príncipes de Otranto, depois que Alfonso, o Bom, morrera sem ter deixado descendência. Mas Manfredo, seu pai e seu avô, mostraram-se demasiado poderosos para que a casa de Vicenza tivesse conseguido derrubá-los. Frederico, jovem príncipe, valoroso e apaixonado, havia casado com uma formosa dama por quem se havia enamorado e que havia morrido ao dar à luz Isabella. Tanto o havia afectado aquela morte que, feito cruzado, abalara para a Terra Santa, onde, na luta contra os infiéis, recebera uma ferida, fora feito prisioneiro e dado como morto. Quando estas novas chegaram aos ouvidos de Manfredo, subornou os tutores de Isabella, de guisa a poder dispor dela para a matrimoniar com seu filho Conrado; mediante esta aliança, propunha-se unir os interesses de ambas as casas. Fora também este o motivo por que, após a morte de Conrado, Manfredo tomou a súbita resolução de ser ele próprio a desposá-la; idêntica reflexão o levou a procurar obter de Frederico consentimento para a realização de tal matrimónio. Semelhante política lhe inspirava agora a ideia de convidar para o seu castelo o heróico Frederico, receoso de que ele viesse a saber da fuga de Isabella; deu também a seus criados ordens rigorosas para que nada revelassem ao séquito do cavaleiro.

— Arauto — disse Manfredo, depois de ter congeminado o que ficou dito —, voltai para o vosso amo e dizei-lhe que, antes que resolvamos à espada as nossas dissensões, Manfredo deseja falar com ele. Dizei-lhe que venha para o meu castelo onde, por minha fé e como verdadeiro cavaleiro que sou, lhe farei cortês recepção e onde ele e todos os que o acompanham ficarão na mais perfeita segurança. Se não conseguirmos ajustar nossas querelas por vias amigáveis, eu lhe juro que ele poderá partir na maior segurança e receber plena satisfação de acordo com a lei das armas: assim Deus me ajude mais a Santíssima Trindade!

Fez o arauto três reverências e saiu.

Enquanto esta audiência tinha lugar, a mente de Jerónimo era agitada por mil paixões contrárias. Receava pela morte de seu filho e a sua primeira ideia era convencer Isabella a voltar ao castelo. Mas a simples ideia de a ver casada com Manfredo deixava-o alarmado. Temia também a cega submissão de Hippolita à vontade do marido e cria sem hesitações que a piedade dela não consentiria num divórcio, quando ele pudesse sugerir-lhe. Se Manfredo descobrisse que ele lhe causava qualquer obstrução, o destino de Teodoro estava fatalmente marcado. Estava impaciente por saber de onde viria aquele arauto que tão sem respeito contestava o título de Manfredo: mas não se atrevia a abandonar o convento, com medo de que Isabella se fosse embora, ficando ele a ser o responsável pela fuga. Voltou para o mosteiro, cheio de tristeza, sem ter a certeza do que havia de decidir.

Um monge que encontrou à porta e que observara o seu ar merencório, disse-lhe:

— Será verdade, irmão, que perdemos para sempre a nossa muito excelente princesa Hippolita?

— Que me dizeis, irmão? — exclamou, perturbado, o santo homem. — Venho agora do castelo e deixei-a de perfeita saúde.

— Martelli — replicou-lhe o outro frade — passou haverá uma hora pelo convento, vindo do castelo, e narrou com Sua Alteza havia morrido. Todos os nossos irmãos se encaminharam para a capela, rezando para que seja feliz a sua passagem à vida eterna; e pediram-me que viesse esperar-vos aqui. Conhecem todos a vossa santa ligação com essa nobre dama e estão angustiados com a aflição que tal facto deve causar-vos... Todos aliás temos razões para chorar: ela era para a nossa casa uma verdadeira mãe... A vida porém mais não é que um peregrinar e não podemos queixar-nos... Todos havemos de segui-la na morte e oxalá o meu fim fosse igual ao dela.

— Mas vós sonhais, irmão! — disse Jerónimo. — Digo-vos que venho agora do castelo e que deixei a princesa o melhor possível... Onde está a senhora Dona Isabella?

— Pobre senhora! — replicou o frade. — Contei-lhe todas estas tristes novas e ofereci-lhe todo o conforto espiritual: recordei-lhe a condição transitória desta vida mortal e aconselhei-a a tomar votos, citando-lhe o exemplo da santa princesa Sancha de Aragão.

— Vosso zelo merece todos os louvores — disse Jerónimo, impaciente. — Mas, de momento, não é necessário. Hippolita está bem... Confio, pelo menos, em Deus que o esteja. Nada ouvi dizer em contrário... Tendo embora em conta a severidade do príncipe... Mas, dizei-me, irmão, onde está a senhora Dona Isabella?

— Não sei — respondeu o frade. — Ela chorou muito e disse que ia recolher-se a seus aposentos.

Jerónimo saiu de junto do confrade e correu

em busca da princesa, mas não a achou nos aposentos. Perguntou por ela aos que serviam no convento, mas não logrou saber dela. Debalde a procurou em todo o mosteiro e na igreja; mandou mensageiros pelas redondezas, a todos pedindo novas e se a tinham visto. Mas nada pôde saber. A perplexidade do bom homem era tal que nem pode contar-se Convenceuse de que Isabella, crendo que Manfredo havia precipitado a morte de sua esposa, se teria alarmado e procurado lugar mais secreto em que se ocultasse. Esta nova fuga ia por certo fazer com que a fúria da príncipe atingisse o auge. A nova da morte de Hippolita, parecendo embora incrível, aumentava a sua consternação; e ainda que a fuga de Isabella fosse sinal do muito que lhe repugnava casar com Manfredo, Jerónimo não podia sossegar, pois isso fazia com que a vida de seu filho corresse maior risco. Determinou voltar ao castelo e fez-se acompanhar de dois outros frades que pudessem, junto de Manfredo, atestar a sua inocência e, se necessário interceder com ele em favor de Teodoro.

Nestes entrementes tinha o príncipe saído para o pátio e ordenado que se abrissem de par em par as portas do castelo, com vista à recepção do estranho cavaleiro e de todo o seu séquito, que não tardaram a chegar. Vinham adiante dois batedores com suas insígnias. Seguia empós o arauto e empós ele dois pajens e dois tocadores de trombetas. Marchavam atrás deles cem soldados de pé. Seguiam-se-lhe outros tantos cavaleiros. Vinham empós cinquenta lacaios envergando libré de cor escarlate e preta, as cores do cavaleiro. Um batedor a cavalo. Mais dois arautos ladeando um fidalgo a cavalo, portador da bandeira com as armas de Vicenza e, esquarteladas, as de Otranto (pormenor que muito ofendeu Manfredo, não

manifestando porém o seu ressentimento). Mais dois pajens. O confessor do cavaleiro, rezando as contas do rosário. Mais cinquenta lacaios, vestidos como ficou dito. Dois cavaleiros de armadura completa e viseiras baixas, acompanhantes do cavaleiro principal. Mais os dois escudeiros destes ditos cavaleiros, levando os seus escudos e divisas. O escudeiro do cavaleiro. Mais cem fidalgos transportando uma espada gigantesca e parecendo sucumbir sob o peso dela. Enfim, o cavaleiro montando um corcel castanho, envergando uma armadura completa, a lança em riste, o rosto completamente oculto pela viseira, que era encimada por grande número de penas pretas e escarlates. Cinquenta soldados de pé, com trombetas e tambores, fechavam o cortejo, rodando para a esquerda e para a direita e deixando passar o cavaleiro.

Ao chegar ao portão, este deteve-se. O arauto, avançando, leu novamente a intimação. Os olhos de Manfredo não largavam a espada gigantesca e quase não prestavam atenção ao desafio que lhe era lido. A atenção de Manfredo foi todavia desviada por enorme vendaval que se levantou atrás dele. Virou-se e viu as plumas do elmo enfeitiçado balouçando com a sua costumada agitação. Só um homem intrépido como Manfredo não sucumbiria perante um tal concurso de circunstâncias anunciadoras da sua desgraça. Desdenhando da presença daquela gente estranha, que não poderia forçá-lo a trair a coragem que sempre havia manifestado, tomou logo a palavra e disse:

— Senhor cavaleiro, quem quer que sejais, sede bem-vindo. Se porventura trazeis ideias de morte, encontrareis por diante quem se vos iguale em valor. Se sois um verdadeiro cavaleiro, escusareis de empregar artes de feitiçaria para atingirdes os vossos objectivos. O príncipe Manfredo, venham estes augúrios de Deus ou do diabo, confia na justeza da sua causa e no auxílio de S. Nicolau, que desde sempre protegeu esta casa. Desmontai, senhor cavaleiro, e tomai algum repouso. Tereis amanhã quem vos dê justa peleja, pela qual o céu determinará o que justo for.

O cavaleiro não deu resposta; desmontando do corcel, foi por Manfredo levado ao átrio principal do castelo. Quando atravessavam o pátio, o cavaleiro parou a olhar para o misterioso capacete. E, caindo de joelhos, quedou-se como que em secreta oração. Erguendo-se de seguida, fez ao príncipe sinal para que seguissem adiante. Mal entraram no átrio, Manfredo propôs ao desconhecido que despisse a armadura; mas o cavaleiro abanou a cabeça, em gesto de recusar.

— Não é isso cortês, senhor cavaleiro — disse Manfredo. — Todavia não hei-de eu contrariar-vos, para que não possais ter razão de queixa do príncipe de Otranto. Não há da minha parte qualquer logo contra vós, espero pois que não haja da vossa parte má intenção.

E, dando-lhe o anel:

— Aqui tendes o penhor que vos dou. Cumprirei para convosco e para com os vossos amigos as leis da hospitalidade. Ficai aqui e esperai que chegue com que vos refresqueis. Eu vou dar ordens que o vosso séquito seja acomodado, posto o que voltarei a encontrar-me convosco.

Os três cavaleiros inclinaram-se, correspondendo à saudação. Determinou Manfredo que o séquito do cavaleiro desconhecido fosse conduzido a um hospício, fundado pela princesa Hippolita para recepção de peregrinos. Marchando a toda a volta do pátio para regressarem ao portão por onde tinham saído, os que transportavam a espada gigantesca deixaram-na

cair no extremo oposto àquele em que se encontrava o elmo, ali ficando imóvel. Insensível a tão sobrenaturais aparências, Manfredo não se deixou intimidar com este novo prodígio. Regressando ao átrio, onde a refeição estava já a ser servida, convidou os silenciosos hóspedes a tomaram os seus lugares. Embora cheio das maiores inquietações, Manfredo esforçou-se por inspirar alegria a todos os presentes. Fez-lhes algumas perguntas a que eles responderam por sinais. Levantavam as viseiras, mas apenas o necessário para tomarem mui escasso alimento.

— Senhores — disse o príncipe —, de todos os hóspedes que alguma vez entraram nestes muros, sois vós os primeiros que rejeitais todo e qualquer trato comigo; estou em crer, por outro lado, que é coisa pouco vista que um príncipe arrisque seu estado e dignidade face a cavaleiros estranhos e desprovidos de falas. Dizeis que vindes em nome de Frederico de Vincenza: sempre ouvi dizer que se tratava de um galante e mui cortês cavaleiro. Atrevo-me a afirmar que ele não acharia indigno de si o entabular de conversações com um príncipe que é seu igual e já praticou conhecidos feitos de armas... Vós preferis o silêncio... mas, seja como for... De acordo com as leis da hospitalidade e da cavalaria, sois vós quem manda nesta casa... Fareis o que houverdes por bem... Peço-vos todavia: dai-me um copo de vinho... Não me recusareis, por certo, que brinde à saúde de vossas formosas damas...

O primeiro dos cavaleiros suspirou, benzeu-se e ia a levantar-se da mesa.

— Senhor cavaleiro — disse Manfredo —, o que eu disse era mero gracejo... Em nada vos hei-de contrariar. Fareis o que vos aprouver. Se a alegria não vos é congenial, entristeçamo-nos. Talvez seja mais do vosso agrado que entremos

a negociar; retiremo-nos; escutar-me-eis e direis depois se o que tenho a propor-vos vos apraz mais que tudo aquilo com que pretendi divertir-vos...

Guiando empós os três hóspedes para uma recâmara mais interior, Manfredo fechou as portas e, pedindo-lhes se sentassem, começou por falar desta guisa, dirigindo-se à personagem principal:

— Vindes, senhor cavaleiro, pelo que me foi dado compreender, em nome do marquês de Vicenza, para levardes a senhora Dona Isabella sua filha, que é à face da santa igreja, casada com meu filho, após consentimento de seus legais tutores. Mais me exigis que renuncie aos meus domínios, em favor de vosso amo e senhor, o qual se diz mais próximo, pelo sangue, do príncipe Alfonso, cuja alma Deus haja! Começo por falar deste derradeiro artigo da vossa intimação. Deveis saber e sabe-o vosso senhor que eu hei recebido de meu pai Dom Manuel, como ele o há recebido de seu pai Dom Ricardo, o principado de Otranto. Alfonso, seu predecessor, morto na Terra Santa sem ter deixado descendência, legou os seus domínios a meu avô Dom Ricardo, em consideração pelos seus fiéis serviços...

O estranho abanou a cabeça:

— Senhor cavaleiro — disse Manfredo, desatinado —, Ricardo era um homem valoroso e íntegro; era um homem piedoso, como o testemunha a munificente fundação da igreja e dos dois conventos deste lugar. Era seu especial patrono S. Nicolau... Meu avô era incapaz... Digo-vos, senhor, que meu avô era incapaz de... (Desculpai mas a vossa interrupção transtornou-me)... Eu venero a memória de meu avô... Ele, meus senhores, foi quem fez este estado. Fê-lo com a sua nobre espada e com o auxílio de S. Nicolau... Fê-lo ele, senho-

res, e eu o hei-de manter, aconteça o que acontecer. Uma vez que vosso senhor e meu amo Frederico se diz parente mais próximo... consenti, senhores, em fazer depender o meu título da ponta da espada... Considerais que o meu título não tem solidez legal? Eu podia perguntar-vos onde está o que vos mandou, onde está Frederico? Diz-se que ele terá morrido no cativeiro. Vós dizeis-me, diz-mo a vossa embaixada, que ele está vivo, e eu não o contesto... Podia contestá-lo, senhores, mas não contesto... Qualquer outro príncipe intimaria Frederico a recuperar pela força a herança que lhe cabe, se de tanto for capaz... Nenhum outro príncipe arriscaria a sua dignidade em combate singular, nenhum se sujeitaria às decisões de alguns desconhecidos cavaleiros mudos! Perdoem os senhores cavaleiros o calor com que falo, mas imaginem-se na minha situação! Cavaleiros valorosos que sois, não vos irritaríeis se alguém viesse contestar a vossa honra e a dos vossos maiores?... Voltemos ao que me propondes: Requerei-me que vos entregue a senhora Dona Isabella... Posso, senhores, perguntar-vos se estais autoirzados a recebê-la das minhas mãos?

Os cavaleiros acenarem que sim.

— Estais efectivamente autorizados a recebê-la — continuou Manfredo. — Mas... ó nobres cavaleiros, posso perguntar-vos se tendes plenos poderes?

Os cavaleiros acenaram que sim.

— Ouvi então — disse Manfredo — o que tenho a propor-vos: tendes na vossa presença, gentis senhores, o mais desafortunado dos homens.

E começou a chorar:

— Usai para comigo de compaixão, porque tenho esse direito... Deveis saber que perdi a

minha derradeira esperança, a minha alegria, o sustentáculo da minha linhagem... Conrado morreu ontem...

Os cavaleiros deram mostras de surpresa.

— Sim, senhores cavaleiros, a desgraça assim o quis. E Isabella saiu desta casa em liberdade...

— Tereis de ir procurá-la — bradou o cavaleiro, quebrando o silêncio.

— Tende paciência — disse Manfredo. — Apraz-me verificar, por essa vossa prova de boa vontade, que esta questão pode ser resolvida sem sangue. Não são os meus interesses quem me dita o pouco que me resta dizer. O que em mim vedes é um homem cansado de viver: a perda de meu filho fez-me perder o gosto pelas coisas terrenas. O poder e a grandeza não possuem já a meus olhos qualquer encanto. Era meu desejo transmitir a meu filho o ceptro que com honra recebi dos meus maiores... Mas tal não me é permitido! É-me indiferente o viver ou não viver e foi por isso que aceitei com alegria o vosso desafio para a peleja: não pode o cavaleiro descer à sepultura com satisfação maior que a que lhe dá o morrer no seu mister. Mande o céu o que houver por bom, que eu a tudo me sujeito... Sou um homem cheio de desgostos. A minha sorte não pode ser objecto de inveja... deveis conhecer a minha história...

O cavaleiro deu mostra de a ignorar e parecia ter curiosidade em que Manfredo prosseguisse o seu discurso:

— Será possível, senhores — continuou o príncipe —, que a minha história seja para vós um segredo? Nunca ouvistes falar do que se passa nas minhas relações com a princesa Hippolita?

Os cavaleiros acenaram que não.

— Não! Escutai-me! Julgai-me ambicioso, senhores, mas, desgraçadamente, a ambição é coisa bem mais rude. Se eu fosse ambicioso, não teria sido durante todos os anos da minha vida passada presa de tão horríveis escrúpulos de consciência... Desculpai se vos causo tão grande enfado, mas vou ser breve: sabereis pois que, desde há muito, a minha mente é perturbada por esta união com a princesa Hippolita... Ah, se vós conhecêsseis essa excelente senhora! Se pudésseis saber quanto lhe quero enquanto senhora, e quanto a estimo enquanto amiga! A verdade porém é que a felicidade do homem não pode ser perfeita. Ela partilha dos meus escrúpulos e, com seu consentimento, levei já junto da igreja essa matéria, pois nos casámos havendo entre nós parentesco impeditivo. Espero a todo o momento pela sentença que há-de conceder-nos a separação... Tenho a certeza de que sentis tudo isso, que me lamentais... Ah, perdoai este pranto!

Os cavaleiros olharam uns para os outros, sem saberem onde tudo aquilo iria parar. Manfredo continuou:

— Tendo meu filho morrido numa altura em que eu me encontrava com mais essa aflição, cheguei a considerar que o melhor que teria a fazer era renunciar aos meus domínios e fugir para todo o sempre da vida da espécie humana. A minha única dificuldade era encontrar alguém que me sucedesse, que usasse de bondade para com o meu povo e quisesse cuidar de Isabella, que me é tão querida como se fosse do meu próprio sangue. Era meu desejo restaurar a linhagem de Alfonso, procurar os que da sua linhagem estivessem mais próximos; e, embora ciente (perdoai-me!) de que era sua vontade que fosse a linhagem de Ricardo a tomar o lugar dos seus parentes, não deixei de pensar

em procurar esses parentes. O único que eu conhecia era o vosso senhor Frederico, cativo dos infiéis, senão morto; mas, mesmo que vivo e em sua casa, sempre duvidei que ele largasse o seu florescente estado de Vicenza por amor de in inconsiderável principado como Otranto. Sendo assim, como poderia eu entregar-me à ideia de ver o meu fiel povo dominado por um rude e insensível vizo-rei?... Porque eu, meus senhores, amo o meu povo e, a Deus graças, sou amado por ele... Perguntareis talvez: a que vem tão longo discurso? Pois eu vo-lo direi e serei breve. Bem parece que, com a vossa chegada, o céu deseja remediar às dificuldades do meu infortúnio. A senhora Dona Isabella é livre e eu não tardarei a sê-lo também. A tudo desejo sujeitar-me para bem do meu povo... O melhor modo de terminar com as querelas entre as nossas duas famílias não será tomar por esposa à senhora Dona Isabella?... Admirais-vos... Por muito querida que me seja a virtuosa Hippolita, não me é permitido, enquanto príncipe, pensar em mim. Cabe-me amar o bem do povo.

Eis que naquele momento entra na sala um criado, anunciando a Manfredo que Jerónimo e mais alguns frades pediam para comparecer em sua presença imediatamente.

Não esperando por semelhante visita e receoso de que o frade revelasse aos desconhecidos que Isabella se decidira a entrar no convento, o príncipe esteve prestes a não permitir a entrada de Jerónimo. Considerando porém que ele podia também vir anunciar-lhe o regresso da princesa ao castelo, Manfredo pediu aos cavaleiros licença para se retirar uns momentos; mas a entrada súbita dos frades não lho consentiu. Manfredo censurou asperamente esta intrusão e queria obrigá-los a retirarem-se da sala. Jerónimo porém estava demasiado

fora de si para lhe obedecer. Anunciou em voz alta a fuga da princesa, protestando desde logo a sua inocência. Desorientado com tais novas e mais ainda com o facto de elas terem chegado ao conhecimento dos desconhecidos, Manfredo começou por proferir frases sem sentido, ora censurando o frade, ora apresentando desculpas aos cavaleiros, tentando imaginar onde se encontraria Isabella, apavorado com a ideia de que eles o soubessem, ansioso por ir em perseguição dela e convencido de que eles o acompanhariam nessa perseguição. Propôs-se enviar mensageiros no encalce da princesa; Mas o principal cavaleiro, quebrando de vez o silêncio, censurou asperamente Manfredo pelo seu procedimento ambíguo e perguntou pela razão da primeira fuga de Isabella, da sua primeira ausência do castelo. Manfredo, olhando severamente para Jerónimo, como que a ordenar-lhe silêncio, afirmou que, quando da morte de Conrado, a mandara permanecer no santuário, até poder determinar qual o destino a dar-lhe. Com medo do que de mau pudesse advir para a vida do seu filho, Jerónimo não pôde negar tal falsidade; mas um outro frade, a quem semelhante receio não afligia, declarou francamente que ela ali se tinha ido refugiar na noite precedente. Baldado foi o esforço do príncipe para evitar que tal se descobrisse, pois seria causa de terrível confusão e de vergonha para ele. O primeiro dos cavaleiros, intrigado com as contradições que acabava de ouvir e persuadido de que Manfredo tinha a princesa escondida, ao contrário do que acerca da sua fuga afirmava, bradou, correndo precipitadamente para a porta:

— Tredo homem, Isabella tem de ser descoberta!

Manfredo quis mover-lhe oposição; mas já os outros cavaleiros se juntavam ao chefe,

abandonavam o príncipe e corriam para o pátio, conclamando os seus soldados. Vendo Manfredo que era inútil opor-se a tal acção, ofereceu-se para se lhes juntar; chamando os que o serviam e tomando como guias Jerónimo e alguns dos frades, saíram do castelo. Privadamente, deu ordem para que o séquito do cavaleiro fosse mantido à distância, ao mesmo tempo que fingia, junto do cavaleiro, mandar um mensageiro em demanda do dito séquito.

Mal a companhia saiu as portas do castelo, Matilda, a quem o jovem camponês inspirava profundo interesse, desde a hora em que o vira condenar à morte, e cujos pensamentos eram todos para tentar salvá-lo, Matilda foi informada por algumas criadas de que Manfredo tinha mandado todos os seus homens aos mais diversos sítios, à procura de Isabella.

Por mor da brevidade, tinha esta ordem sido dada em termos gerais, não ficando por ela abrangidos os homens que guardavam Teodoro. Esquecera-se porém de tal declarar e os criados, obedecendo prontamente ao príncipe, espicaçados pela curiosidade e pelo gosto de coisas novas, acorreram todos em precipitado tropel, não tendo no castelo ficado nem um só homem.

Livrando-se da companhia de suas aias, Matilda subiu à torrenegra e, correndo os ferrolhos das portas, apresentou-se diante do maravilhado Teodoro.

— Mancebo — disse —, por muito que o respeito filial e a feminina modéstia condenem este meu passo, a caridade cristã, que quebra todos os outros laços, há-de justificar a minha acção. Ide; tendes abertas as portas da prisão; meu pai mai-los seus homens estão longe, embora possam aparecer a todo o momento. Fugi para onde estejais seguro. E que os anjos todos do céu guiem os vossos passos!

— Vós própria sois um deles — exclamou o extasiado Teodoro. — Só uma santa de Deus assim pode falar, agir e mostrar-se a meus olhos... Ser-me-á dado conhecer o nome da minha divina protectora? Mas parece-me que falastes de vosso pai... Será possível? Poderá a descendência de Manfredo ser dotada de tão pios sentimentos? Não respondeis, senhora de formosura? Quem sois vós que assim desdenhais da vossa própria segurança, para pensardes na sorte de um mísero como Teodoro? Fujamos ambos e esta minha vida por vós salva será toda para defender a vossa pessoa.

— Ah, como vos enganais! — suspirou Matilda. — Sou filha de Manfredo e não corro perigo algum.

— Oh, maravilha! — exclamou Teodoro. — Mas ainda esta noite eu tive a dita de prestar-vos um serviço que vossa caridosa compaixão hoje me quer pagar.

— Laborais em equívoco — disse a princesa. — Mas não há agora tempo para mais explicações... Fugi, virtuoso mancebo, enquanto de mim depende o poder salvar-vos. Se meu pai ora voltasse ambos teríamos razões para recear.

— Como? — disse Teodoro. — Julgais vós, clara donzela, que eu possa aceitar viver em troca de algo que pode ser-vos calamitoso? Preferiria sofrer mil mortes...

— Não corro risco algum — disse Matilda —, mas não vos dilateis mais aqui. Parti; ninguém poderá saber que fui conhecedora da vossa fuga.

— Jurai-me por todos os santos do céu — disse Teodoro — que ninguém suspeitará de vós; por mim, receberei de ânimo igual tudo quanto possa suceder-me.

— É grande a vossa generosidade — disse Matilda. — Garanto-vos porém de que nenhuma suspeita se levantará contra mim.

— Dai-me essa mão cheia de graça em penhor de que não me enganais! — disse Teodoro. — Deixai que eu vo-la banhe com as lágrimas quentes da gratidão.

— Não — disse a princesa. — Tal não fareis!

— Ai — gemeu Teodoro —, até aos dias de hoje outra coisa não conheci senão calamidades: o mais certo é não vir jamais a conhecer outro destino. Aceitai os castos êxtases da minha justa gratidão. É nas vossas mãos que a minha alma deseja derramar-se!

— Não! Parti! — disse Matilda. — Como poderá Isabella aceitar ver-vos de joelhos a meus pés?

— Quem é Isabella? — disse o jovem, surpreendido.

— Ai de mim! — suspirou a princesa. — Como receio estar a tratar com um traidor! Esqueceis a vil curiosidade de que esta manhã destes provas?

— Vosso olhar, vossos feitos e vossa beleza mais parecem uma emanação da divindade! — disse Teodoro. — As vossas palavras porém são obscuras e misteriosas... Falai, senhora, de modo a que vosso servidor vos compreenda.

— Demais me entendeis vós — disse Matilda. — Ordeno-vos porém, e de uma vez por todas que vos vades daqui; o vosso sangue, que desejo preservar, cairá sobre a minha cabeça, e terá sido perdido o tempo que gasta com vãs palavras.

— Irei, senhora, pois tal é a vossa vontade e porque não desejo precipitar na sepultura as cãs de meu pai. Dizei-me porém, adorável se-

nhora, que me concedeis a vossa nobre piedade...

— Esperai — disse Matilda. — Eu vos guiarei até ao subterrâneo por onde Isabella fugiu; por ali tomareis o caminho da igreja de S. Nicolau, onde podereis tomar hábito.

— Como? — disse Teodoro. — Era outra que não vós aquela a quem ajudei a encontrar a passagem subterrânea?

— Sim — respondeu Matilda — mas não façais mais perguntas; tremo de vos ver ainda aqui. Fugi para o santuário.

— Para o santuário? Não, princesa; os santuários fizeram-se para donzelas sem esperança e para criminosos. A alma de Teodoro não é culpada de crime algum nem de coisa que com crime se pareça. Dai-me vós uma espada, senhora, e vereis como vosso pai aprenderá que Teodoro não é dos que fogem ignominiosamente.

— Ah, desgraçado! — exclamou Matilda. — Atrever-vos-íeis a erguer ousadamente o braço contra o príncipe de Otranto?

— Contra vosso pai, não... Não ousaria... — disse Teodoro. — Desculpareis, senhora, que o haja esquecido... Mas poderei eu, ao olhar-vos, lembrar-me de que sois da descendência do tirano Manfredo?... Sendo ele vosso pai, obrigado me vejo a sepultar no olvido os agravos que dele recebi.

Profundo gemido, proveniente de aposentos superiores, fez com que a princesa e Teodoro ficassem alerta.

— Jesus! Alguém nos ouviu! — disse a princesa.

Puseram-se à escuta; mas, como o dito ruído se não tornasse a fazer ouvir, ambos julgaram que fosse efeito de algum borborigmo; caminhando adiante com todas as cautelas, a princesa guiou Teodoro até à armaria de seu

pai. Revestindo ali uma armadura completa, foi por Matilda conduzido ao portão das traseiras.

— Evitai a cidade — disse Matilda — e a parte ocidental do castelo: é aí que Manfredo e os estrangeiros efectuam as suas buscas; encaminhai-vos para o lado oposto. Na floresta a leste encontrareis uma cadeia de rochedos, que rodeia um labirinto de cavernas através das quais podeis alcançar o mar. Escondei-vos e descansai nas grutas, até vos ser possível fazer sinal a um barco que possa aproximar-se da costa e vos leve. Ide, que o céu vos guie! E, nas vossas orações, lembrai-vos sempre de Matilda...

Teodoro caiu de joelhos; pegando-lhe nas alvas mãos e, após uma luta tenaz, logrou beijar-lhas; fez então o voto de se armar cavaleiro e pediu-lhe instantemente para o deixar jurar-lhe ser seu eterno servidor. Não pôde a princesa replicar-lhe, porque soou um trovão que fez abalar as ameias das muralhas. Teodoro, indiferente à tempestade, quis forçar-lhe a resposta; a princesa porém, aflita, apressou-se a correr para o castelo e ordenou ao mancebo que fugisse, e fê-lo com um semblante tal que ele não pôde desobedecer-lhe. Com um suspiro, começou a afastar-se, mas com o olhar fito no portão, até que viu Matilda a fechá-lo, pondo, dessa guisa, termo a um encontro de que os corações de ambos saíam profundamente apaixonados com uma paixão que sentiam pela primeira vez.

Pensativo, Teodoro foi ter ao convento, onde podia dar a seu pai conhecimento da libertação. Informaram-no da ausência de Jerónimo e da perseguição que estava a ser feita no encalço de Isabella; contaram-lhe também alguns pormenores da sua própria história por ele até então ignorados. A generosa galanteria do seu temperamento levou-o a desejar

ajudá-la; os monges todavia não quiseram dizer-lhe nada que lhe permitisse adivinhar o caminho por ela seguido. Não podia ir procurá-la sem ter por onde orientar-se; ficara também seu coração tão impressionado com Matilda que não desejava afastar-se para muito longe de onde ela morava. A ternura que Jerónimo lhe manifestara contribuía também para aumentar a sua relutância em partir; e acabou por se persuadir de que o amor filial era a causa principal de ele nunca sair das cercanias do castelo e do mosteiro.

Como fosse noite e Jerónimo não tivesse ainda chegado, Teodoro houve por bem ir-se refugiar na floresta que Matilda lhe tinha ensinado. Era esta povoada por obscuras sombras, que não desmereciam da doce melancolia que lhe ia na alma. Quase insensivelmente acabou por penetrar nas grutas que tinham sido em tempos recuados abrigo dos eremitas e que agora, ao que se contava na região, eram assombradas por espíritos maléficos. Lembrava-se de ter ouvido contar essa tradição; mas como era bravo e dado à aventura, permitiu à sua curiosidade a exploração dos secretos recessos da labirinto. Mal não dera entrada nele e já lhe parecia ouvir passos de alguém que fugia à sua frente. Embora firmemente convicto de tudo quanto nos ensina a nossa santa fé, Teodoro não acreditava que os bons pudessem, sem causa, ser vítimas da malícia do poder das trevas. Achava que o local devia ser infestado de malfeitores, e não de agentes infernais encarregados de molestar e enganar os caminhantes. Ardia na impaciência de pôr à prova o seu valor. De espada em risto, seguiu tranquilamente em frente, deixando que os seus passos se deixassem guiar pelo débil ruído dos passos que o precediam. O ruído produzido pela sua armadura denun-

ciou-o à pessoa que fugia à sua frente. Certo de que não se enganava, Teodoro deu mais pressa aos seus passos e alcançou finalmente o fugitivo, que chorava. Viu logo que se tratava de uma mulher que, desfalecida, caiu no chão. Apressou-se a levantá-la; tal era o terror dela que mais parecia morta. Com palavras ternas, tentou dissipar tais temores e garantiu-lhe que, longe de querer ofendê-la, antes desejava defendê-la, arriscando por ela a vida.

Recuperando a dama, à vista de tal cortesia, todo o seu ânimo, disse, pondo os olhos no seu protector:

— Estou em crer que já ouvi a vossa voz!

— Que eu saiba, não — replicou Teodoro. — A não ser que sejais, como julgo, a senhora Dona Isabella.

— Que o céu me protega! — exclamou ela. — Não vindes em minha perseguição?

E, dizendo estas palavras, caiu de joelhos e suplicou-lhe que não a entregasse a Manfredo.

— A Manfredo? — tornou-lhe Teodoro. — Não. Já dele vos libertei da primeira vez, senhora; dê por onde der, hei-de colocar-vos onde não possa ele alcançar-vos.

— Sereis acaso — disse ela — o generoso desconhecido que esta noite encontrei na cripta do castelo? Não deveis ser nenhum mortal, senhor, mas sim o anjo da minha guarda! Deixai que vos dê graças de joelhos!

— Gentil princesa, erguei-vos e não vos humilheis perante um mancebo pobre e sem amigos. Se o céu me escolheu para vos libertar, ele se encarregará de levar a cabo o seu trabalho e dará ao meu braço a força para defender a vossa causa. Sigamos em frente, senhora, pois estamos demasiado perto da entrada da caverna; procuremos um recesso mais interior: não terei sossego enquanto não vos colocar fora do alcance do perigo.

— Que pretendeis, senhor? — retorquiu ela. — Por muito nobres que sejam todos os vossos feitos, por muito que todos os vossos sentimentos falem da pureza da vossa alma, deverei eu acompanhar-vos, sozinha, no interior destes complexos labirintos? Se derem connosco juntos, que pensará o mundo do meu porte?

— Respeito tão virtuosa delicadeza — disse Teodoro. — Essa vossa suspeita em nada fere a minha honra. O que eu desejo é ocultar-vos no mais recôndito destes rochedos; posto o que, arriscando a minha vida, ficarei de sentinela à entrada, proibindo o ingresso a toda e qualquer criatura viva. Além do mais, senhora — continuou, soltando profundo suspiro —, por muito formosa e perfeita que sejais, sabereis que minha alma é já pertença de outra; por outro lado...

Súbito ruído impediu Teodoro de prosseguir. Não tardaram a ouvir distintamente:

— Isabella! Onde estais, Isabella — dizia a voz.

A trémula princesa tornou a cair no anterior desfalecimento e em idêntico terror. Teodoro tudo fez para lhe dar coragem, mas debalde. Jurou-lhe que preferia morrer a ter que a restituir ao poder de Manfredo; suplicando-lhe ficasse ali escondida, retirou-se, intentando impedir quem quer que fosse de se aproximar de Isabella.

Encontrou à entrada da caverna um cavaleiro armado, em conversa com um camponês, o qual lhe asseverava ter visto uma dama a entrar no desfiladeiro que levava à caverna. Já o cavaleiro se aprestava para a exploração da gruta quando Teodoro, saindo-lhe ao caminho, de espada desembainhada, firmemente o ameaçou de que, se intentasse prosseguir, a sua vida correria perigo.

— Quem sois vós que assim ousais atravessar-vos no meu caminho? — perguntou o cavaleiro com arrogância.

— Sou alguém que não ousa mais do que aquilo que intenta levar a cabo — replicou Teodoro.

— Procuro a senhora Dona Isabella — disse o cavaleiro — e sou sabedor de que ela se encontra refugiada no interior destas penhas. Não queirais impedir-mo, pois vos arrependereis de haver provocado a minha ira!

— São os vossos propósitos tão odiosos quão vis são vossos furores! — disse Teodoro. — Voltai para donde vindes, se não quereis conhecer qual de nós é o que mais terrível fúria demonstra.

O cavaleiro, que era o principal enviado do marquês de Vicenza, afastara-se de junto de Manfredo, o qual se apressara a procurar quem o informasse do paradeiro da princesa e a ordenar por todo o lado que não a deixassem cair em poder dos três cavaleiros. Suspeitava o dito cavaleiro que Manfredo sabia perfeitamente do sítio em que a princesa se escondia; e o ser insultado por parte de um homem que julgou estivesse ali sequestrando a princesa, por ordem do príncipe, facto que confirmava as suas suspeitas, fez com que, sem mais rodeios, vibrasse um golpe contra Teodoro, crendo que assim o impediria de se lhe atravessar no caminho; mas Teodoro, que o tomou por capitão de Manfredo e que era tão rápido em provocar como pronto a aceitar o que daí resultasse, não lhe recebeu o golpe sem logo lhe replicar com outro.

O seu valor, havia tanto tempo oculto no íntimo do peito, irrompeu bruscamente para fora: caiu com todo o ímpeto sobre o cavaleiro, cujo orgulho e cólera eram poderosos incentivos para ousar altos feitos. Rija foi a peleja,

mas mui curta. Teodoro feriu o cavaleiro em três sítios e, ao vê-lo desfalecido pelo sangue que havia perdido, desarmou-o.

O camponês acorrera, logo à primeira investida e dera o alarme a alguns dos criados de Manfredo que, por ordem deste, andavam espalhados pela floresta em busca de Isabella. Chegaram estes no momento em que o cavaleiro desfalecia, tendo logo asseverado que se tratava do nobre desconhecido. Teodoro, não obstante o seu ódio por Manfredo, encarava a vitória acabada de conquistar com um certo sentimento de piedade e de generosidade. Mas o seu maior pesar foi ouvir dizer que era aquele adversário e saber que não se tratava de um apaniguado mas sim de um inimigo de Manfredo. Ajudou os criados deste a tirar a armadura ao cavaleiro e a estancar o sangue que lhe escorria das feridas. Recuperando a fala, o cavaleiro conseguiu dizer em voz fraca e entrecortada:

— Generoso adversário, ambos nos enganámos. Tomei-vos por servidor do tirano e entendo agora que vós me tomastes a mim pelo mesmo... É tarde para estarmos com desculpas... Vou morrer... Se Isabella estiver perto, mandai-ma chamar... Tenho importantes segredos para...

— Está moribundo — disse um dos criados. — Quem tem um crucifixo? Andrea, rezai por ele...

— Trazei água — disse Teodoro — e dai-lha a beber, enquanto eu vou pela princesa.

Correu para onde estava Isabella; contou-lhe com simples e modestas palavras o facto de, por pouca sorte, ter ferido um fidalgo pertencente à corte de pai dela, o qual desejava, antes de morrer, comunicar-lhe coisas importantes. A princesa, que tinha ficado em grande agitação quando ouvira a voz de Teodoro a

mandá-la sair para fora da gruta, mostrou-se espantada com tais novas. Deixando-se levar por Teodoro, esta nova prova que ele lhe dava do seu valor restituiu-lhe a coragem para ir até junto do cavaleiro ferido, que, sem fala jazia no chão. Mas, ao ver os criados de Manfredo, atemorizou-se uma vez mais. Teria fugido se Teodoro lhe não tivesse apontado para o facto de todos estarem desarmados e se os não tivesse ameaçado de morte instantânea, no caso de eles ousarem prender a princesa. O desconhecido, abrindo os olhos e olhando para a jovem dama, murmurou:

— Sois... peço-vos me digais... sois Isabella de Vicenza?

— Sim, sou — disse ela. — Deus vos proteja...

— Se o sois... se o sois — disse o cavaleiro com dificuldade... — estais na presença de vosso pai... Deixai que...

— Oh, horror! Que ouço eu?! — exclamou Isabella. — Que vejo? Meu pai! Sois meu pai? Como chegastes até aqui, senhor? Falai, por amor de Deus!... Apressai-vos em socorrê-lo, senão morre!

— É bem verdade — disse o cavaleiro ferido, muito a custo. — Eu sou Frederico, vosso pai... Sim, vim libertar-vos... Não serei... Dai-me um beijo de despedida... e...

— Senhor, não façais esforço — disse Teodoro. — Permiti vos levemos para o castelo...

— Para o castelo? — disse Isabella. — Não podemos encontrar socorro mais perto? Quereis expor meu pai ao tirano? Se ele for para o castelo, não o acompanharei... Não posso deixá-lo ir...

— Filha minha — disse Frederico —, não me importo do local para onde me possam levar: escassos minutos hão-de bastar para eu ser liberto de toda a casta de perigos. Mas,

enquanto tiver olhos para vos contemplar. Isabella, não me deixeis! Este bravo cavaleiro... a quem nem sequer conheço... há-de proteger a vossa inocência... Não abandonareis a minha filha, senhor... prometeis?

Derramando lágrimas sobre a sua vítima e prometendo não deixar a princesa, nem que tal lhe custasse a vida, Teodoro convenceu Frederico a deixar-se transportar para o castelo. Colocaram-no em um cavalo de um criado, tendo-lhe estes pensado as feridas como melhor puderam. Teodoro seguia ao seu lado; e a aflita Isabella, incapaz de se afastar dele, acompanhava-o pesarosa.

CAPÍTULO IV

Chegado que foi ao castelo aquele triste cortejo, logo ao seu encontro vieram Hippolita e Matilda, a quem Isabella, mandara por um criado, avisar da sua chegada. Depois de terem ordenado que Frederico fosse deitado na câmara mais próxima, as damas retiraram-se, deixando os físicos a fazer exame aos ferimentos. Ao ver Isabella junto de Teodoro, Matilda corou; esforçou-se porém em não o mostrar, abraçando Isabella e mostrando o seu pesar pelo que sucedera a seu pai. Fizeram os físicos saber a Hippolita que nenhuma das feridas do marquês era mortal e que era desejo dele avistar-se com a princesa e com sua filha. Sob pretexto de mostrar o seu júbilo por se ver livre da apreensão de que o combate tivesse sido fatal para Frederico, Teodoro seguiu atrás de Matilda.

Os olhares que ambos trocavam eram tão frequentes que Isabella, observando ora Teodoro ora Matilda, rapidamente adivinhou quem era a dama por quem o mancebo, na gruta, lhe dissera estar enamorado. No decorrer desta silenciosa cena, Hippolita perguntou a Frederico o motivo que o tinha levado a vir com tão misteriosa expedição reclamar a sua filha; e,

com grande cópia de argumentos, procurou desculpar o seu senhor pela batalha que movera à jovem princesa. Fervendo embora em cólera contra Manfredo, não foi Frederico insensível à cortesia e benevolência de Hippolita; mas o que mais o tocava era a beleza de Matilda. Desejoso de as conservar a seu lado, determinou de contar a Hippolita as suas aventuras.

Contou-lhe pois como, sendo prisioneiro entre infiéis, havia sonhado que sua filha, da qual desde que fora feito cativo não recebia novas, se encontrava aprisionada em um castelo, onde corria perigo dos mais temíveis infortúnios; e que, se obtivesse a sua libertação e buscasse refúgio em um bosque cerca de Joppa, conseguiria mais notícias. Alarmado com tal sonho e incapaz de agir como através dele lhe era ordenado, as suas cadeias começaram a pesar-lhe mais do que nunca. Mas, estando todos os seus pensamentos ocupados no modo como havia de conquistar a sua liberdade, recebera a agradável nova de que os príncipes confederados, que pelejavam na Palestina, tinham pago o seu resgate. Dirigiu-se sem tardança para o bosque que em sonho lhe havia sido referido. Por três dias ele e seus servidores haviam percorrido o dito bosque sem que se lhes deparasse vivalma; mas na tarde do terceiro dia, houveram vista de uma gruta em que encontraram um venerando eremita já nas agonias da morte. Fazendo uso de bons cordiais, lograram que o santo homem, recuperando a fala, lhes dissesse: «Filhos meus, bem hajais pela vossa caridade, mas em vão a praticareis... Vou-me para o repouso eterno... Morro todavia com a satisfação de ter cumprido a vontade do Altíssimo. Ao recolher-me a estas solidões, nos dias em que vi o meu país presa dos incréus (vai para cinquenta anos, Deus meu, que de tal fatalidade fui testemunha!) tive uma aparição de S. Nicolau e a revelação de um segredo, que o santo me disse para não revelar senão na hora da minha morte. Eis chegada a hora tremenda e por certo que sois vós os guerreiros escolhidos, a quem me foi ordenado revelar esta verdade. Depois que tenhais prestado as últimas obrigações a este meu pobre corpo, cavai junto às raízes da sétima árvore que ficar à esquerda desta pobre gruta e logo as vossas penas hão-de ser... Deus meu, recebei a minha alma!» E foram estas as últimas palavras do devoto.

— Ao cair da noite — prosseguiu Frederico —, enterrados os piedosos restos mortais, cavámos onde ele nos havia referido. Qual não foi o nosso espanto quando, à profundidade de seis pés, descobrimos uma enorme espada, arma que se encontra presentemente no pátio deste castelo. Na lâmina, parcialmente desembainhada, depois de muitos esforços que fizemos para a movermos, estavam escritos os seguintes dizeres... Desculpareis, senhora — acrescentou o marquês, voltando-se para Hippolita — que eu evite repeti-las. Respeito o vosso sexo e posição e não desejo ser inculpado de haver ofendido vossos ouvidos com injúrias a alguém que vos é caro...

Calou-se. Hippolita tremia. Não duvidava de que Frederico havia recebido do céu a missão de dar cumprimento à maldição que parecia pender sobre a sua casa. Olhando com ansiosa ternura para Matilda, deixou que pelo rosto lhe escorresse uma lágrima silenciosa. Mas, caindo em si, tomou a palavra e disse:

— Continue Vossa Alteza! O céu nada fez em vão: os mortais têm de aceitar com humildade e submissão tudo quanto o Altíssimo ordenar! A nós cabe mitigar as suas iras ou sujeitarmo-nos a seus decretos. Repeti vossa sen-

tença, senhor, que nós a ouviremos com resignação!

Foi com pesar que Frederico a ouviu. A dignidade e a paciente firmeza de Hippolita haviam conquistado todo o seu respeito; a terna afeição com que a princesa e sua filha se entreolhavam obrigou-o a chorar copiosas lágrimas. Receoso de que a demora em obedecer à ordem de Hippolita causasse alarme maior, repetiu num murmúrio entrecortado os versos que se seguem:

Onde estiver o elmo que diz com esta espada
Em grã perigo achareis a filha amada;
A salvação no sangue de Alfonso encontrareis
Para que a seu espectro repouso eterno deis!

— Que há nesses dizeres que possa afectar estas princesas? — perguntou Teodoro. — Que razão há para alguém alarmar as suas consciências com coisas tão pouco fundadas?

— As vossas palavras são rudes, mancebo — disse o marquês. — E, sendo certo que a fortuna vos favoreceu uma vez...

— Nobre senhor — disse Isabella, ofendida com o ardor de Teodoro, que sentia ser ditado pela sua paixão para com Matilda —, não deis ouvidos a palavras de um filho de camponios; esqueceu-se da reverência que vos deve, mas não está acostumado...

Vendo que era ela própria a causa do tumulto que se levantara, Hippolita censurou Teodoro pela sua rudeza, mostrando todavia o muito apreço em que tinha o seu zelo. E, mudando de conversa, perguntou a Frederico onde tinha ficado seu marido e senhor. Ia o marquês replicar quando cá fora se fez ouvir grande grita; iam acorrer para verem o que o motivava quando Manfredo, Jerónimo e alguns criados, boa parte dos quais ignorando o que

se passara, deram entrada na câmara. Manfredo chegou-se sem demora à cama em que jazia Frederico, mostrando-se condoído com o seu infortúnio e perguntando-lhe pelas circunstâncias da peleja em que havia sido ferido. Mas, com o olhar fixo, aterrado e aflito, gritou:

— Ah, sois vós, temeroso espectro, sois vós? Chegou a minha hora?

— Nobre e querido senhor — gemeu Hippolita, abraçando-o —, que vedes vós? Porque é que os olhos assim vos saltam das órbitas?

— Como, Hippolita? — murmurou, sem fôlego, Manfredo. — Nada vedes? Será que este lívido fantasma me é enviado só a mim, a mim que... que não...

— Meu senhor — tornou-lhe Hippolita —, por piedade, cobrai ânimo, dominai vossa razão! Não se encontra aqui ninguém que não seja vosso amigo!

— Quê? Esse não é Alfonso? — bradou Manfredo. — Não o vedes? Será mero delírio do meu cérebro?

— É Teodoro, meu senhor — respondeu Hippolita —, é aquele pobre mancebo...

— Teodoro! — disse melancolicamente Manfredo. — Teodoro ou fanstasma, o facto é que ele aflige a alma de Manfredo... Como foi que ele veio ter aqui? Como foi que ele revestiu esta armadura?

— Creio que ele saiu em busca de Isabella — respondeu Hippolita.

— De Isabella? — rugiu raivosamente Manfredo. — Ah, sim, não há que duvidar... Como logrou ele escapar do cárcere em que o encerrei? Foi Isabella quem o libertou ou foi este velho frade hipócrita?

— Pode um pai ser criminoso — perguntou Teodoro — por levar a cabo a libertação do filho?

Intrigado por se ver assim acusado sem razão por seu próprio filho, Jerónimo não sabia que pensar. Não conseguia perceber como é que Teodoro lograra fugir, como se revestira de armadura, como pelejara com Frederico. Não queria todavia aventurar-se a perguntar algo que pudesse reacender o fogo da ira de Manfredo contra o filho. O silêncio de Jerónimo mais convenceu Manfredo de que tinha sido ele o libertador de Teodoro.

— É desta guisa, velho ingrato — disse ele para o frade —, que pagais as minhas bondades e as de Hippolita? Não contente com contrariardes os mais caros desejos do meu coração, ainda armais este vosso bastardo e o trazeis para dentro do meu castelo, onde me insulta?

— Vossa Alteza — retorquiu Teodoro — é injusto para com meu pai, que é incapaz de dar guarida a qualquer pensamento que contrarie a vossa tranquilidade. Achareis porventura insolente que eu me renda totalmente ao vosso querer? — disse, colocando respeitosamente a sua espada aos pés de Manfredo. — Olhai para o meu peito; senhor, e vede se nele suspeitais de algum pensamento desleal. Não há em meu coração nem um sentimento que não seja de veneração para convosco e para com os vossos.

A unção e o fervor com que Teodoro proferiu estas palavras fizeram com que todos os circunstantes se manifestassem a seu favor. Até Manfredo se sensibilizou... Mas, absorto como estava na semelhança do mancebo com Alfonso, a admiração que sentia tornou-se-lhe em horror.

— Levantai-vos! — disse. — Não me interessa neste momento a vossa vida. Contai-me todavia a vossa história e como foi que vos coligastes com este velho tredo?

— Senhor — disse, irado, Jerónimo.

— Silêncio, impostor! — disse Manfredo. — Não tolero que intercedais por ele.

— Senhor — continuou Teodoro — não careço de assistência. A minha história é muito breve. Com cinco anos de idade fui com minha mãe levado para Argel, vítimas dos corsários que infestavam as costas da Sicília. Minha mãe morreu de desgosto em menos de um ano.

Os olhos de Jerónimo arrasaram-se de lágrimas e todo o seu semblante exprimiu a maior ansiedade.

— Antes de morrer — continuou Teodoro —, conseguiu ela introduzir-me, debaixo do braço e sob as roupas, um escrito dizendo que eu era filho do conde de Falconara.

— É a verdade — disse Jerónimo. — Sou eu esse mísero pai.

— Uma vez mais vos intimo a que vos caleis — disse Manfredo. — Continuai vós.

— Prisioneiro e escravo continuei — disse Teodoro — até há dois anos a esta parte, altura em que, acompanhando meu amo em suas navegações, logrei ser libertado por um barco cristão que derrotou o do pirata. Descobrindo eu tudo isto ao capitão, ele me depôs generosamente nas costas da Sicília. Ali, senhor, em vez de me encontrar com meu pai, vim a saber que o seu estado, situado na costa, tinha durante a minha ausência sido devastado pelo malfeitor que nos levara, a mim e a minha mãe, para o cativeiro, e que o castelo tinha sido derrubado e queimado, e que meu pai, ao regressar, tinha vendido tudo o que lhe restava, filhando religião no reino de Nápoles, mas ninguém soube dizer-me em que local. Pobre e sem amigos, desesperançado já de algum dia voltar a abraçar meu pai, aproveitei a primeira oportunidade para embarcar rumo a Nápoles, de onde parti durante seis dias em viagem até estes reinos, sustendo-me com o

trabalho de minhas mãos, sem crer, até à manhã de ontem, que o céu me reservasse outra felicidade que não fosse a paz da minha consciência e uma pobreza feliz. É esta, senhor, a história de Teodoro. O encontrar meu pai foi bênção por que já não esperava; o cair no vosso desagrado é infortúnio que sinto não merecer.

Calou-se. Todos os presentes pronunciaram então exclamações de aprovação.

— Não é tudo — começou Frederico. — E é para mim grande honra completar o que nesse relato falta dizer. Tanto quanto ele é modesto, hei-de eu ser generoso... Trata-se de um dos mais valorosos cavaleiros da cristandade. É um homem ardente e, de acordo com o pouco que dele conheço, posso testemunhar que diz verdade: se o que a seu respeito afirma não fosse verdade, não o diria... Honro em vós, jovem cavaleiro, a franqueza que procede de serdes nobre de nascença. Haveis-me ofendido; mas ao sangue que vos corre nas veias pode permitir-se que ferva, mormente neste dia, em que lograstes achar o caminho que vos levou às vossas origens. Vamos, senhor — disse, voltando-se para Manfredo —, se eu posso perdoar, também vós o podereis; não tem este mancebo a culpa de vós o terdes na conta de espectro!

Este mordaz insulto tocou ao vivo na alma de Manfredo:

— Se algum ser procedente de outro mundo — replicou Manfredo com arrogância — tem o poder de imprimir na minha mente todos os terrores, por certo que um homem vivo não o há-de conseguir; muito menos o poderá um adolescente...

— Meu senhor — interrompeu Hippolita —, o nosso hóspede carece de descanso; vamos ou não deixar que ele repouse?

Dizendo isto e pegando pelo braço a Manfredo, despediu-se a princesa de Frederico, convidando todos os presentes a saírem. O príncipe, satisfeito por se ver livre de uma conversa em que se vira forçado a revelar os mais secretos sentimentos, deixou-se guiar até aos seus aposentos, autorizando Teodoro a retirar-se com seu pai para o convento, mediante a condição de voltar na manhã seguinte ao castelo (condição que o mancebo aceitou com alegria). Matilda e Isabella estavam demasiado absortas nas suas reflexões e assaz descontentes uma com a outra, para desejarem falar entre si naquela noite. Foi cada uma para os seus aposentos, usando de mais cerimónias e de menos afeição do que costumavam desde os tempos da mocidade.

Se ao recolherem-se mostraram pouca cordialidade, não deixaram de esperar com a maior impaciência pelo despontar do sol. As mentes de ambas estavam numa disposição que as não deixava dormir e ambas reuniram milhentas perguntas que desejavam mutuamente fazer assim que amanhecesse. Considerava Matilda que Isabella duas vezes havia sido liberta por Teodoro, em críticas situações, facto que não podia ter na conta de mero acidente. Certo era que, na câmara de Frederico, os olhos dele se haviam fixado em si própria, mas tal podia dever-se ao desejo de ocultar aos pais de ambos a sua paixão por Isabella. Importava que tudo se clarificasse. Desejava ser sabedora da verdade, para não cometer para com a amiga qualquer injustiça, alimentando uma paixão com o próprio amante desta. Instigadas pelo ciúme, ambas solicitaram à mútua amizade que as unia desculpas com que justificassem sua curiosidade.

Incapaz de dormir, tinha Isabella mais bem fundadas razões para desconfiança. Teodoro

asseverara-lhe e com o olhar e de viva voz que o seu coração estava comprometido. Sim, mas era possível que Matilda não viesse a corresponder a tal paixão... Ela sempre se lhe afigurara insensível ao amor; todos os seus pensamentos residiam no céu. «Porque hei-de eu ir dissuadi-la? — dizia Isabbela para consigo. — Foi punida pela minha própria generosidade... Mas quando foi que eles se encontraram? E onde? É impossível. Foi engano meu... Eles devem ter-se visto pela primeira vez esta noite... Deve ter sido outra a que o predispôs para o amor... Se assim for, não sou tão mísera como julguei; se não for a minha amiga Matilda a sua amada, que me impede de desejar o afecto de um homem... um homem que afinal me confessou, rude e desnecessariamente a sua indiferença?... e que o fez no momento em que a vulgar cortesia impunha todas as expressões de civilidade? Irei ter com a minha querida Matilda, e ela me não deixará de restabelecer a verdade completa... Os homens é falso... Começarei por lhe dizer que tenciono tomar hábito; ela há-de rejubilar por me saber em tais disposições; e confessar-lhe-ei então que não mais a desaconselharei de seguir a sua inclinação para o claustro.»

Foi com estas ideias e com a resolução de abrir completamente o seu coração a Matilda, que se encaminhou para os aposentos da princesa, a quem encontrou já vestida e pensativa, com o rosto entre as mãos. Esta atitude, que tão bem correspondia ao que ela própria congeminava, reacendeu as suspeitas de Isabella e fez ruir a confiança que se propunha depositar na amiga. Mal se viram, mudaram de cor e, dada a juventude de ambas, não se mostraram capazes de ocultarem os respectivos sentimentos. Depois de algumas perguntas e res-

postas sobre assuntos sem importância, Matilda perguntou a Isabella as razões da sua fuga. Esta, de há muito esquecida da paixão de Manfredo e totalmente absorta na que sentia dentro de si, julgou que Matilda se referia à sua fuga do convento, a que ocasionara os factos do dia anterior, e replicou:

— Martelli anunciou no convento que vossa mãe tinha morrido...

— Oh! — interrompeu Matilda. — Também Bianca me referiu e me explicou esse engano: foi ela que, ao ver-me desmaiar, começou de gritar: «A princesa está morta!» E Martelli, que viera, como é seu costume, pedir esmola ao castelo...

— E porque foi que desmaiastes? — disse Isabella, indiferente a tudo o mais.

Matilda corou e respondeu, gaguejando:

— Meu pai... estava a sentenciar um criminoso...

— Que criminoso? — perguntou asperamente Isabella.

— Um mancebo — respondeu Matilda. — Creio que... Era aquele mancebo que...

— Quem? Teodoro? — perguntou Isabella.

— Sim. Eu nunca o tinha visto; nem sei de que modo é que ele ofendeu meu pai... mas, como ele era vosso servidor, alegro-me que meu pai lhe tenha perdoado.

— Meu servidor? — retorquiu Isabella. — Chamais meu servidor a quem feriu meu pai a pontos de quase lhe causar a morte? Muito embora eu só ontem tenha tido a felicidade de conhecer meu pai, espero que vós não me julgueis tão má filha que não sinta o atrevimento desse mancebo nem acheis que me sinta capaz de mostrar afecto por quem ergue o braço contra o autor dos meus dias. Não, Matilda!

Meu coração detesta-o; e, se mantendes para comigo a amizade que desde a infância me votais, haveis de detestar também quem quase me ia tornando para todo o sempre desgraçada.

Matilda ergueu a cabeça e respondeu:

— Espero que a minha querida Isabella não ponha em dúvida a minha amizade; eu nunca vi esse jovem até ao dia de ontem; é para mim quase um estranho; mas, uma vez que os físicos consideram vosso pai livre de perigo, não deveis usar de menos caridade para com quem ignorava que o marquês fosse vosso pai.

— Defendeis calorosamente a sua causa — disse Isabella —, defendei-lo com um entusiasmo demasiado tratando-se, como se trata, de um estrangeiro! Ou muito me engano ou ele corresponde a esse vosso afecto.

— Que quereis dizer? — exclamou Matilda.

— Nada — disse Isabella, arrepesa por ter insinuado que havia em Matilda certa inclinação por Teodoro; mudando porém o rumo da conversa, perguntou a Matilda por que motivos Manfredo tomava Teodoro por um fantasma.

— Valha-me Deus! — disse Matilda. — Pois não vistes ainda a sua extrema semelhança com o retrato de Alfonso que se encontra na galeria? Já eu o tinha feito notar a Bianca, antes de o ver revestido de armadura; mas, com o elmo, ele é a imagem perfeita do dito retrato.

— Não tenho por costume observar quadros — disse Isabella. — E também não observei o semblante desse mancebo com a atenção com que, pelos vistos, vós o fizestes. Ah, Matilda! Como o vosso coração pende para o perigo! Deixai porém que, como amiga, vos fale: a mim me asseverou ele que está enamorado. De vós não deverá ser, pois foi ontem a primeira vez que o vistes... não é verdade?

— Sim — respondeu Matilda. — Mas... Porque concluís vós, Isabella, das minhas palavras que...

Calou-se e continuou ao cabo de algum tempo:

— ... ele viu-vos primeiramente a vós e longe de mim está envaidecer-me com a ideia de que os meus poucos dons possam atrair um coração já apaixonado por vós... Só desejo a vossa felicidade, Isabella, ainda que em detrimento de mim própria!

— Amiga querida — disse Isabella —, o coração dele é demasiado nobre para resistir a vosso amável semblante. É a vós que Teodoro admira. De tal não duvido! E nem a minha própria felicidade me determinaria a interferir com o que vos dá felicidade a vós!

Tal franqueza levou a doce Matilda a derramar copiosas lágrimas. E o ciúme que momentaneamente havia esfriado as relações entre ambas as donzelas cedo deu lugar à natural sinceridade e candura de suas almas. Confessaram mutuamente a impressão que Teodoro nelas causava; e a tais confidências seguiam-se pelejas de generosidade, cada qual insistindo com a outra a que cedesse às pretensões do amigo. Por fim, lembrando-se a digna e virtuosa Isabella da preferência que Teodoro sempre declarara pela sua rival, determinou esquecer a sua paixão e ceder à sua amiga o objecto de tal paixão.

No decorrer desta amistosa prática, Hippolita entrou nos aposentos da filha.

— Senhora — disse ela a Isabella —, tão terna vos mostrais para com minha filha e tão amavelmente vos haveis dedicado a esta triste casa que não quero com minha filha ter segredos que vossos ouvidos não possam acolher.

Ficaram as princesas atentas e ansiosas:

— Sabei pois, senhora — continuou Hippolita —, e vós também, querida Matilda, de que, convencida pelos eventos destes dois últimos e malditos dias de que o céu se propõe tirar o ceptro de Otranto das mãos de Manfredo, para o entregar nas de Frederico, tenho pensado, a fim de evitar a total destruição, na união das nossas duas casas rivais. Propus com tal propósito a Manfredo, meu senhor, que oferecesse minha adorada filha a vosso pai, o marquês Frederico...

— Oferecer-me ao marquês Frederico? — exclamou Matilda. — Deus meu! E dissestes isso a meu pai, senhora?

— Disse — respondeu Hippolita. — Ele dignou-se ouvir com benignidade o que eu lhe propunha e foi já comunicá-lo ao marquês.

— Pobre princesa, que foste vós fazer? — exclamou Isabella. — Quanta ruína a vossa pouco avisada bondade assim causou a vós própria, a vossa filha e a mim!

— Ruína a mim própria, a minha filha e a vós? — retorquiu Hippolita. — Que quereis dizer?

— Ai, ai! — disse Isabella. — A pureza do vosso coração veda-vos o adivinhar da depravação dos outros. Manfredo, vosso marido, homem ímpio...

— Alto — retorquiu-lhe Hippolita. — Não podeis em minha presença falar de Manfredo com tamanho desrespeito. Ele é meu senhor e marido e...

— Não o será por muito tempo — disse Isabella —, se as suas perversas intenções lograrem ter execução.

— Essas palavras intrigam-me — disse Hippolita. — Sei que facilmente ficais fora de vós, Isabella, mas até aos dias de hoje nunca vos tinha visto cair em tamanha imoderação. Quais são os actos de Manfredo que vos autorizam

a tratá-lo como a um assassino, a um malfeitor?

— Oh! virtuosa e crédula princesa — disse Isabella —, ele não pretende atentar contra a vossa vida! Pretende sim separar-se de vós! Divorciar-se, sim!

— Divorciar-se de mim... Divorciar-se de minha mãe!... — exclamaram a um tempo Hippolita e Matilda.

— Sim — disse Isabella —, e para cúmulo desse crime, intenta... Não, nada direi!

— Que coisa pode haver ainda mais grave que o que dissestes? — disse Matilda.

Hippolita calara-se; a dor não a deixava proferir palavra e a lembrança das últimas palavras ouvidas a Manfredo confirmavam plenamente o que ouvira.

— Pobre senhora! Pobre mãe! — exclamou então Isabella, caindo de joelhos aos pés de Hippolita, com transportes de paixão. — Podeis crer que prefirirei morrer mil vezes antes que consentir em injuriar-vos, antes que entregar--vos a tão detestáveis...

— Basta! — chorou Hippolita. — Quantos crimes podem nascer de um primeiro crime! Erguei-vos, querida Isabella, que eu não duvido da vossa virtude! Ai, Matilda, que grande deve ser vosso pesar! Não choreis, filha minha, nem digais coisa alguma, que eu tratarei de tudo. Lembrai-vos de que é vosso pai!

— E vós sois minha mãe — disse Matilda —, a mais virtuosa, a mais sem mancha de todas as mães... Não devo eu queixar-me?

— Não deveis — respondeu Hippolita. — Vamos, tudo correrá bem. Na sua aflição face à morte de Conrado, Manfredo nem sabia o que dizia. Talvez Isabella se tenha enganado; ele tem bom coração... Vós, filha, é que não o conheceis. A nossa desgraça está iminente e a mão da Providência bata-se sobre nós... Pudesse eu ao menos salvar-vos do naufrágio!

Sim — continuou, cheia de firmeza —, talvez o sacrifício de mim própria possa servir de expiação por tudo... Vou eu pessoalmente propor este divórcio... não se me dá de mim mesma! Tomarei o caminho do mosteiro vizinho e passarei o resto da minha vida chorando e rezando por meus filhos... e pelo príncipe!

— Sois demasiado bondosa para este mundo — disse Isabella. — Tanto quanto Manfredo é execrável... Não penseis todavia, senhora, que a vossa fraqueza me fará mudar de ideias... Juro na presença de todos os santos e anjos...

— Calai-vos, peço — exclamou Hippolita. — Lembrai-vos de que não dependeis de vós própria, de que tendes pai...

— Meu pai é demasiado pio e demasiado nobre — interrompeu Isabella — para me ordenar acções ímpias. Mas, supondo que ele mo ordenasse, terá um pai poder para me forçar a coisas abomináveis? Sendo noiva do filho, é legítimo que case com o pai? Não, senhora! Força alguma me poderá forçar a deitar-me na detestável cama de Manfredo. Odeio-o e aborreço-o; nem as leis divinas nem as leis humanas mo consentem. Matilda, minha amiga querida, ser-me-á consentido ofender a alma de vossa mãe adorada... da minha própria mãe, pois outra não conheci senão ela?

— Ela é nossa mãe comum, sim! — disse Matilda. — Alguma vez será demasiada a estima que lhe tributarmos, Isabella?

— Filhas queridas — disse comovida Hippolita —, a vossa ternura é superior a tudo quanto eu possa fazer... Mas não posso seguir as vossas vontades. Não nos compete dispormos de nós próprias. É o céu, são os nossos pais e maridos quem decide por nós. Esperemos até sermos sabedoras do que Manfredo e Frederico determinam. Se o marquês aceitar a mão de Matilda, Matilda há-de por certo obedecer.

O céu se há-de encarregar do resto e evitar o pior. Mas, filha, que é isto? — continuou, ao ver Matilda cair-lhe aos pés, silenciosa e lavada em pranto. — Não filha! Silêncio! Não digais mais! Não quero ouvir nem uma palavra que possa não ser do agrado de vosso pai!

— Não, não duvideis da minha obediência, da minha triste obediência a minha mãe e a vós! — disse Matilda. — Mas poderei eu, nobilíssima senhora, poderei eu provar a vossa bondade imensa, poderei eu ocultar os meus pensamentos à mais terna das mães?

— Que ides vós dizer? — atalhou Isabella. — Pensai, Matilda, no que pode acontecer--vos...

— Não, Isabella — disse Matilda —, não mereceria ser filha de tão incomparável mãe se no íntimo da alma ocultasse um pensamento de que ela não seja sabedora... Ofendi-a! Permiti que dentro do meu peito se abrigasse uma paixão que ela ignorava... Há que declará-lo agora, há que confessá-lo a ela e aos céus...

— Filha, filha! — disse Hippolita. — Que dizeis? Que novas calamidades nos reserva o destino? Vós, enamorada, nesta hora de destruição...?

— Ai, como eu reconheço a minha culpa! — exclamou Matilda. — A excessiva dor que causo a minha mãe leva-me a sentir fastio de mim mesma. Ela é a coisa que mais prezo neste mundo! Não quero vê-lo mais!

— Isabella — disse Hippolita —, vós que sois sabedora deste infeliz segredo, dizei-me qual ele seja. Falai...

— Quê? — gritou Matilda. — Prezei tão pouco o amor de minha mãe que ela me não permita falar, para lhe confessar a minha falta?

— Inditosa Matilda... Que crueldade a vossa! — exclamou Isabella, falando com Hippolita. — Podereis vós contemplar a aflição

desta alma virtuosa sem dela haverdes piedade?

— Minha pobre filha! — exclamou Hippolita estreitando Matilda contra si. — Sei bem que ela é toda bondade, virtude, ternura e respeito... Tudo vos perdoarei, minha grande e única esperança!

Ambas as princesas revelaram então a Hippolita a sua mútua inclinação por Teodoro e o propósito que Isabella fizera de a ele renunciar por amor de Matilda. Hippolita censurou tal imprudência e fez-lhes ver a improbabilidade de os respectivos pais darem suas herdeiras a tão pobre marido, fosse ele embora de linhagem nobre. Ambos a confortaram, dizendo-lhe que suas paixões eram assaz recentes e que Teodoro talvez nem sequer suspeitasse do facto. Intimou-as Hippolita a que não tornassem a encontrar-se com ele, o que Matilda solenemente lhe prometeu. Mas Isabella, convicta de que tudo quanto pretendia era estimular a união de Teodoro com sua amiga, não se comprometeu a evitar o jovem, pelo que ficou calada.

— Eu irei para o convento — disse Hippolita — e mandarei dizer missas, para que o céu vos livre de tantas calamidades.

— Deseja minha mãe abandonar-nos? — disse Matilda. — Pretende minha mãe tomar o hábito, dando assim a meu pai a oportunidade de consumar suas fatais intenções? Ah, de joelhos vos suplico que não façais tal... Entregais-me como presa a Frederico?... Não, eu seguir-vos-ei até ao convento.

— Sossegai, filha minha — disse Hippolita —, que eu tornarei a vir. Não vos abandonarei enquanto não vir que tal é a vontade do Altíssimo e o vosso maior bem!

— Não me enganeis — suplicou Matilda. — Não me casarei com Frederico enquanto vós

mo não ordenardes... Ai, que será de mim?

— Para quê suspirar? — tornou-lhe Hippolita. — Prometo-vos voltar!

— Ah, minha mãe, ficai comigo e livrai-me de mim própria. Pode mais sobre mim o vosso semblante que toda a severidade de meu pai. Meu coração anda arredio de mim mesma e só vós podereis trazê-lo ao seu lugar.

— Calai-vos — disse Hippolita — e não torneis a cair na mesma culpa.

— Deixarei Teodoro — disse Matilda —, mas será que me autorizais qualquer outro matrimónio? Ah, deixai que eu vos acompanhe até ao altar, e assim me liberte para sempre deste mundo.

— De vosso pai depende a vossa sorte! — disse Hippolita. — Mal empregue terá sido a minha ternura para convosco, se alguma vez me for dito que, contra a vontade paterna haveis amado quem quer que seja. Adeus, filha! Rezarei por vós!

O verdadeiro desígnio de Hippolita era perguntar a Jerónimo se, em consciência, podia consentir no divórcio. Muitas vezes ela havia insistido com Manfredo para renunciar ao principado, pois a delicadeza da sua consciência fazia com que o considerasse um peso insuportável. Tais escrúpulos concorriam para que a separação do marido se lhe afigurasse coisa diferente daquilo que, em qualquer outra situação, se lhe apresentaria como um acto terrível.

Abandonando o castelo à noitinha, Jerónimo começou por perguntar severamente a Teodoro que razões o tinham levado a acusá-lo de ter estado implicado na sua fuga. Informou-o Teodoro de que o fizera para evitar que Manfredo suspeitasse de Matilda, acrescentando que a santidade da vida de Jerónimo e todo o seu bom procedimento o haviam de proteger das iras do tirano. Ficou Jerónimo intimamente

pesaroso por descobrir a paixão de seu filho para com a princesa. E, antes de o deixar e se retirar à sua cela, disse-lhe que na manhã seguinte o faria sabedor das importantes razões por que entendia dever ele abafar semelhante paixão. Tal como Isabella, só muito recentemente Teodoro tomara conhecimento do que fosse a paterna autoridade e de como à decisão dos pais se devem sujeitar todos os impulsos do coração. Teve certa curiosidade em conhecer as razões do frade, mas fraca era a sua disposição em as acatar. Impressionara-o mais fortemente a formosa Matilda que o afecto filial. Passou a noite entregue a visões de amor só bastante tarde, um pouco depois do ofício de matinas, é que obedeceu à ordem do frade e por ele esperou junto à tumba de Alfonso.

— Mancebo — começou Jerónimo, logo que o viu —, esta vossa demora não é do meu agrado. Será que as ordens de um pai têm para vós tão pequena importância?

Teodoro apresentou as devidas desculpas e atribuiu o atraso ao facto de, sem querer, se ter deixado dormir.

— Em que ocupastes os vossos sonhos? — perguntou severamente o frade.

O filho corou.

— Vamos — tornou o frade —, vamos, filho insensato! Isso não pode ser! Tratai de erradicar do peito tão culposa paixão!

— Culposa paixão? — disse Teodoro. — Que culpa pode haver na beleza inocente e na virtuosa modéstia?

— É pecado — insistiu o frade — ter estima por aqueles a quem o céu destinou para a ruína! A linhagem de um tirano terá de ser varrida da terra durante três ou quatro gerações.

— Poderá o céu punir os inocentes pelos crimes dos culpados — disse Teodoro. — A formosa Matilda tem virtude bastante...

— Para vos destruir — interrompeu Jerónimo. — Esqueceis porventura que já por duas vezes o selvagem Manfredo vos leu a sentença de morte?

— Não teria esquecido nada disso, senhor — disse Teodoro —, se a caridade de sua filha me não houvesse libertado do poder dele. Facilmente esqueço injúrias, mas não esqueço benefícios.

— As injúrias que haveis recebido da raça de Manfredo — disse o frade — ultrapassam tudo quanto possais conceber... Calai-vos e contemplai com atento esta estátua. Por sob este moimento de mármore, repousam as cinzas do bom Alfonso, príncipe que foi adornado de toda a casta de virtudes, pai do seu povo, que fez as delícias do género humano! De joelhos, mancebo sem tino! Ouvi o terrífico relato que vosso pai vai passar a narrar, e mercê do qual desejo extirpar do vosso peito todos esses sentimentos de amor, nele plantando desejos de sagrada vingança... Alfonso, príncipe ofendido, que vosso insatisfeito espectro se quede nos ares, enquanto meus trémulos lábios... Mas... quem vem ali?

— A mais desditosa das mulheres — disse Hippolita, dando entrada no coro. — Tendes tempo para me ouvirdes, padre?... Mas, porque está este mancebo de joelhos? Que significa o horror que vejo impresso em vossos semblantes? Porque é que, aos pés desta venerável tumba... Que foi que vistes?...

— Dirigíamos aos céus as nossas súplicas — replicou o frade assaz confuso —, para que seja posto fim às calamidades com que castiga esta província! Junte-se Vossa Alteza a nós! A vossa alma sem mancha há-de poder afastar

o castigo que, contra a vossa casa, os portentos destes últimos dias proclamam em altas vozes.

— A Deus suplico com fervor que afaste tal castigo — disse a piedosa princesa. — Bem sabeis que a única ocupação da minha vida sempre foi impetrar ao céu que abençoassem meu marido e meus pobres filhos, dos quais me resta um! Oxalá o céu abençoe a minha pobre Matilda! Intercedei por ela, padre!

— Não há coração que não a abençoe! — exclamou extasiado Teodoro.

— Calai-vos, insensato — disse Jerónimo. E vós, boa princesa, não contendais com os poderes celestes! Deus o dá e Deus o tira, bendigamos o seu nome e submetamo-nos aos seus decretos!

— Assim farei e com toda a devoção — disse Hippolita —, mas não poderia Deus poupar o meu único consolo? Também Matilda terá que perecer? Padre, vim aqui... Mas, mandai sair vosso filho! Não quero que outros ouvidos, que não os vossos, ouçam o que vou dizer-vos.

— Oxalá os céus vos concedam tudo quanto desejais! — disse Teodoro, saindo.

Jerónimo mostrou-se intrigado. E Hippolita deu ao frade conhecimento da proposta que havia feito a Manfredo, de como este a havia aprovado, e de como resolvera fazer a Frederico a proposta de casamento com Matilda. Não pôde Jerónimo ocultar o desagrado que tal assunto lhe causava, mas tratou de simular e de afirmar a improbabilidade de que Frederico, o parente mais próximo de Alfonso, que viera ali com o fim de fazer valer o seu direito à sucessão, pudesse perfilhar uma aliança com o usurpador dos seus direitos. Mas maior foi ainda a perplexidade do padre quando Hippolita lhe confessou que estava disposta a não se opor à separação, perguntando qual a opinião

dele quanto à legalidade da sua aquiescência. O frade ficou pasmado com a pergunta; não falando da aversão com que via um casamento entre Manfredo e Isabella, começou de descrever com as cores mais carregadas o grave pecado que, se em tal consentisse, ela cometeria; anunciou-lhe os maiores castigos se o fizesse e, com muitos sinais de indignação e recusa, proibiu-lhe que exprimisse quaisquer outros desígnios semelhantes.

Manfredo, neste entrementes, fora apresentar a proposta a Frederico, sugerindo aquele duplo casamento. O debilitado príncipe, ainda sob a forte impressão que os encantos de Matilda lhe haviam causado, deu a esta oferta ouvidos favoráveis. Esqueceu a sua inimizade a Manfredo, a quem não tinha já muita esperança de derrubar pela força; convicto de que do casamento de sua filha com o tirano nenhuma descendência adviria, considerou a sua própria sucessão ao principado assaz facilitada, se ele próprio desposasse Matilda. Fingiu, mas não muito, opor-se a tal proposta; e declarou, pouco convencido, que nada diria enquanto não visse Hippolita concordante em divorciar-se. Manfredo disse-lhe que disso ele cuidaria.

Entusiasmado com este êxito e ansioso por poder vir a ter filhos, correu para o quarto da esposa, determinado a extorquir-lhe a sua aquiescência. Foi com indignação que ouviu o anúncio de que ela tinha ido para o convento. Disse-lhe a consciência culpada que fora por certo Isabella quem avisara Hippolita dos seus propósitos. Julgou que o ter-se ela retirado para o convento não implicava a intenção de ficar lá, antes se teria retirado com o fim de levantar obstáculos ao divórcio. E a suspeita de que ela teria ido falar com Jerónimo fê-lo pensar que não só o frade havia de tentar contrariar os seus desígnios, como ainda deveria inspi-

rar a Hippolita a resolução de entrar na vida religiosa. Ansioso por deslindar esta conspiração e evitar o seu êxito, correu para o convento, onde chegou quando o frade severamente aconselhava a princesa a nunca dar o seu assentimento ao divórcio.

— Senhora — disse Manfredo —, que assunto foi o que aqui vos trouxe? Porque não esperastes pelo meu regresso do encontro com o marquês?

— Vim aqui impetrar a protecção do Altíssimo para as vossas conversações — replicou Hippolita.

— Tais conversações dispensam intervenções de frades — disse Manfredo. — Ou será que, de todos os homens, é esse tredo velho o único com quem vos comprazeis em falar?

— Profano príncipe — disse Jerónimo —, é aos pés do próprio altar que vós haveis por bem insultar os que servem no mesmo altar?... Os vossos ímpios desígnios, Manfredo, são por demais conhecidos. Conhece-os bem o céu e esta virtuosa dama. Não mostreis tão fero semblante senhor príncipe! A igreja despreza as vossas ameaças. E os seus raios troarão mais alto que o vosso furor. Atrevei-vos a levar por diante o iníquo propósito de vos divorciardes, contra a opinião de vossa esposa, e eu vos fulminarei com o anátema.

— Ousado rebelde! — tornou-lhe Manfredo, tentando ocultar o temor que as palavras do frade lhe inspiravam. — Julgais então que meteis medo a vosso legítimo príncipe?

— Não sois príncipe legítimo — disse Jerónimo. — Nem príncipe vós sois... Ide discutir esse direito com Frederico e, quando o houverdes resolvido...

— Está resolvido — retorquiu Manfredo. — Frederico aceita casar com Matilda e deseja

renunciar às suas exigências, excepto se eu tiver filho varão.

Quando ele pronunciou estas palavras, três pingos de sangue caíram do nariz da estátua de Alfonso. Manfredo empalideceu e a princesa caiu de joelhos.

— Vede! — exclamou o frade. — Vede por este miraculoso sucesso como o sangue de Alfonso jamais poderá sofrer mistura com o de Manfredo.

— Nobre senhor — suplicou Hippolita —, submetamo-nos à vontade do céu. Considerai que nunca a vossa obedientíssima esposa se rebelou contra a vossa autoridade. A minha vontade pertence-vos a vós e à igreja. Apelemos para este sagrado tribunal. Não depende de nós o romper dos laços que nos unem. Se a igreja aprovar a dissolução do nosso casamento, assim faremos... Poucos anos, e tristes, me resta viver! Onde melhor os poderei passar que aos pés deste altar, orando pela vossa segurança e pela de Matilda?

— Mas, por enquanto, não ficareis aqui! — disse Manfredo. — Segui-me até ao castelo, onde vou tratar das medidas que for mister tomar para nos divorciarmos... Mas que esse intrometido frade não nos acompanhe! O meu hospitaleiro tecto jamais abrigará semelhante traidor... Por reverência para com a sua linhagem, limitar-me-ei a bani-lo de meus domínios. Não o tenho na conta de pessoa sagrada nem protegido pela igreja. E case Isabella com quem casar, quem com ela não casará será o bastardo filho de Falconara.

— Bastardos são — disse o frade — os que, sem se saber como, tomam assento no trono de príncipes legítimos. Mas esses hão-de definhar como a erva e largar o lugar usurpado.

Deitando ao frade um olhar de desdém, Manfredo conduziu Hippolita para fora; ao sair da igreja, disse a um criado que se ocultasse nas cercanias do convento, e prontamente lhe fosse anunciar, se visse alguém sair do castelo e refugiar-se ali.

CAPÍTULO V

Quanto mais Manfredo reflectia no comportamento do frade, mais se convencia de que Jerónimo era sabedor do amor que havia entre Isabella e Teodoro. Mas aquela nova conjectura de Jerónimo, tão em desacordo com a sua mansidão inicial, sugeria-lhe mais fundas apreensões. O príncipe sempre tinha suspeitado de que o fraude, secretamente, estava na dependência de Frederico, tendo a aparição deste coincidido com a de Teodoro e sugerido a existência de uma correspondência. Mais perturbado porém ficou quando viu a semelhança entre Teodoro e o retrato de Alfonso. Este, sabia ele que havia morrido sem deixar descendência. Frederico consentia entretanto em desposar com ele a própria filha. Sentia a cabeça torturada por estas múltiplas contradições. Só via duas maneiras de se libertar das dificuldades: uma era renunciar aos seus domínios em favor do marquês; mas o orgulho, a ambição e a sua crença em umas velhas profecias, que lhe anunciavam uma possibilidade de os legar à posteridade, levaram-no a pôr essa ideia de parte. A outra maneira era apressar o seu casamento com Isabella.

Ruminando longamente sobre tão angustiosas ideias, à medida que, em silêncio, se dirigia

com Hippolita para o castelo, não tardou a comunicar à princesa as suas preocupações e usou de muita insinuação e de desvairados argumentos com o fim de lhe arrancar a sua aquiescência ao divórcio. Hippolita acabou por sujeitar-se aos desejos do marido. Esforçou-se por persuadi-lo a resignar aos seus domínios, vendo porém que tais exortações não davam fruto algum, asseverou-lhe que, tanto quanto a sua consciência lho permitisse, ela não havia de erguer oposição ao divórcio, embora, sem mais fundados escrúpulos que os que ele alegava, não quisesse pedi-los pessoalmente.

Este acordo, por muito insuficiente que fosse, era bastante para as esperanças de Manfredo. Confiava que o seu poderio e opulência haviam de conseguir que o seu requerimento chegasse até ao tribunal de Roma, tendo resolvido também convencer o próprio Frederico a apresentar ali pessoalmente o seu pedido. Via o príncipe em Frederico tanta paixão por Matilda que esperava obter dele tudo quanto desejasse, ora restringindo ora fazendo concessão dos encantos de sua filha, conforme lhe parecesse que o marquês estava mais ou menos disposto a cooperar com os seus pontos de vista. A ausência de Frederico em Roma seria para si um triunfo, porque lhe permitia tomar novas medidas de segurança.

Mandando a Hippolita que se recolhesse a seus aposentos, encaminhou-se para os do marquês; mas, ao passar pelo átrio, encontrou-se com Bianca. Sabia ele que esta aia estava nos segredos das jovens princesas. E ocorreu-lhe bruscamente fazer-lhe um exame a respeito de Isabella e Teodoro. Chamando-a de parte a um local perto de uma janela da varanda do átrio, e proferindo bonitas palavras e promessas, interrogou-a sobre o que sabia acerca dos afectos de Isabella.

— Eu! Saiba Vossa Alteza que nada sei!... Não, Alteza, agora me lembro que sim! Pobre senhora!... Vejo-a prodigiosamente aflita com os ferimentos de seu pai! Eu disse-lhe que eles haviam de sarar: não pensa Vossa Alteza o mesmo?

— Não te pergunto — tornou Manfredo — o que é que ela pensa do pai! Sei que és sabedora dos seus segredos! Se queres ser boa rapariga, responde-me: não haverá nenhum mancebo que... percebes?

— Deus meu! Que me diz Vossa Alteza? Limitei-me a recomendar-lhe umas ervas, algum repouso...

— Não estou a falar do pai — tornou Manfredo, a arder de impaciência. — Sei que ele há-de sarar!

— Graças a Deus! Como eu rejubilo por ouvir Vossa Alteza a dizer-se isso! É que, pensando embora que não devia tirar as esperanças à senhora Dona Isabella, sempre me pareceu que o senhor marquês estava um tanto pálido de semblante e a modos que... Ainda me lembra de quando o jovem Fernando foi ferido pelo veneziano...

— Não te pergunto isso — interrompeu Manfredo. — Vá, toma essa jóia que te ofereço, vamos ver se atendes melhor ao que dizes... Não me agradeças, até porque os meus favores se não ficarão por essa jóia... Diz-me a verdade: qual o estado do coração de Isabella?

— Ah, Vossa Alteza sempre tem uns modos... — respondeu Bianca. — Que coisa!... Promete Vossa Alteza que guarda segredo? Se a vossa boca se abrir...

— Não se há-de abrir! Não se há-de abrir! — prometeu Manfredo.

— Jure Vossa Alteza pelas santas relíquias que nada do que eu disser será sabido de quem quer que seja... Porque a verdade é a verdade:

não me parece que a minha senhora Dona Isabella alguma vez tenha estado enamorada do senhor vosso filho, embora ele fosse o bondoso príncipe que todos sabíamos... Por mim vos assevero que, se eu fosse princesa... Mas, valha-me Deus... A minha senhora Dona Matilda está à minha espera e deve estar aflita de eu não aparecer...

— Espera — disse Manfredo —, ainda não respondeste ao perguntado! Alguma vez foste portadora de mensagens, de cartas...?

— Jesus! Eu? — exclamou Bianca. — Ser portadora de cartas, eu? Rainha é coisa que não ambiciono ser. Vossa Alteza há-de ter-me, espero, na conta de mulher honesta, apesar de ser pobre! Nunca ouviu Vossa Alteza falar do que o conde Marsigli me fez uma declaração quando andava a cortejar a senhora Dona Matilda?

— Não tenho vagar para estar a ouvir as tuas histórias nem pus em dúvida a tua honestidade; mas é teu dever não me esconderes o que quer que seja. Há quanto tempo é que Isabella e Teodoro se conhecem?

— Oh, a Vossa Alteza não escapa nada — disse Bianca. — É bem verdade que Teodoro é um garboso mancebo e, ao que diz a minha senhora Dona Matilda, parece-se muito com o bom Alfonso. Vossa Alteza também já tinha notado?

— Sim, sim... Não... Para que me torturas? — disse Manfredo. — Pergunto-te onde é que eles se encontraram... Onde?...

— Quem? A minha senhora Dona Matilda? — perguntou Bianca.

— Não, não se trata de Matilda... É de Isabella: onde é que Isabella chegou ao conhecimento de Teodoro?

— Virgem Santíssima! — exclamou Bianca. — Como posso eu saber tal?

— Tens de saber — disse Manfredo. — E eu preciso que mo digam.

— Jesus! Estará Vossa Alteza com ciúmes de Teodoro? — retorquiu Bianca.

— Com ciúmes? Não... Porque havia eu de estar com ciúmes? Talvez até pudesse casá-los... se tivesse a certeza de que tal casamento não repugnava a Isabella?

— Repugnar-lhe? Não, posso garantir-vos — disse Bianca. — Trata-se do mais garboso mancebo que já pisou chão cristão! Todas nós estamos enamoradas dele; não há no castelo uma única pessoa que não rejubilasse se acaso o soubesse nosso príncipe... Isto quando o céu houvesse por bem chamar a si Vossa Alteza, está bem de ver!

— Mau! — disse Manfredo. — A coisa já chegou aí? Ah, maldito frade!

— Não posso demorar-me, senhor...

— Vai, vai servir Isabella, Bianca! Mas ficas intimada a não revelares nem uma palavra do que eu te disse. Verás até que ponto ela está enamorada de Teodoro; traz-me notícias e será teu este anel. Espera por mim ao fundo das escadas em caracol. Eu vou visitar o marquês e logo tornaremos a falar disso.

Depois de ter com Frederico praticado sobre coisas gerais, Manfredo pediu-lhe que mandasse sair os outros dois cavaleiros, por ter assuntos urgentes a tratar a sós com ele. Começou então arteiramente a referir ao marquês a questão de Matilda; achando-o com disposição para aceitar os seus desígnios, começou de falar nas dificuldades que a celebração de tal casamento implicaria, se...

Bruscamente e de rompante, com os olhos fora das órbitas e gestos que denunciavam o mais profundo terror, Bianca deu entrada na sala:

— Ai, senhor! Ai, senhor! — gritou. — Estamos todos perdidos! Ele voltou! Voltou...

— O que é que voltou? — perguntou Manfredo intrigado.

— Ah... a mão... o gigante... a mão... Amparai-me! O terror faz-se desatinar — murmurou Bianca. — Não, esta noite não dormirei neste castelo. Mas, para onde irei? Amanhã virei buscar o que me pertence!... Oxalá eu me tivesse casado com o Francesco... É este o resultado da minha ambição...

— Que coisa é a que tanto vos atemoriza, menina? — perguntou então o marquês. — Aqui estais segura! Não tenhais medo!

— É grande a bondade de Vossa Alteza — disse Bianca —, mas eu não ousarei... Deixai que eu parta, peço-vos... Prefiro abandonar aqui todos os meus pertences a quedar-me nesta casa uma hora mais...

— Saí, vejo que ensandecestes — disse Manfredo. — E não nos interrompais, que estamos a falar de coisas importantes... Permiti, senhor marquês, que vos deixe por ora: esta rapariga é muito atreita a ataques... Vamos, Bianca...

— Valham-me todos os santos! — gritou Bianca. — Vem certamente avisar Vossa Alteza... Mas porque havia de me aparecer a mim? A mim, que rezo as minhas orações de manhã e à noite... Ai, se Vossa Alteza tivesse dado ouvidos a Diego! É a mão, a mão que condiz com o pé visto por Diego no quarto da galeria! Quantas vezes o padre Jerónimo nos disse que esta profecia se havia de cumprir agora. Bem me disse ele: «Bianca, atende ao que eu te digo!»

— Estás a sonhar — disse Manfredo furibundo. — Vai-te e guarda essas sandices para os da tua igualha!

— Mas... julga Vossa Alteza que eu nada vi? Vá Vossa Senhoria em pessoa para junto da escadaria principal... Eu morra se não vi!

— Vistes o quê, donzela? Dizei-nos o que heis visto! — perguntou Frederico.

— Mas Vossa Alteza — atalhou Manfredo — está a dar ouvidos a uma rapariga tola e delirante, que dá crédito a todas as histórias de aparições que ouve narrar?

— Não será só fantasia — disse o marquês. — O terror dela é demasiado natural e profundo para ser tão-somente trabalho da imaginação. Dizei donzela, que coisa foi a que vos pôs assim!

— Agradeço muito a Vossa Alteza — disse Bianca. — Devo estar pálida, mas logo que me recupere, hei-de ficar melhor... Sucedeu, senhor, que ia eu ter com minha senhora Dona Isabella, como Sua Alteza o príncipe me ordenara...

— Não interessam essas circunstâncias — interrompeu Manfredo. — Já que Sua Alteza assim o quer, vamos em frente, mas sejamos breves!

— Ah, como Vossa Alteza se intromete! — replicou Bianca. — Estou aterrada!... Nunca na minha vida, senhor... Bom, como ia dizendo a Vossa Alteza, ia eu, por ordem de Sua Alteza, aos aposentos da minha senhora Dona Isabella; os seus aposentos situam-se na sala azul, na ala direita, ao cimo de um lanço de escadas... Eu subi a escadaria principal e estava a olhar para um presente que Sua Alteza me dera...

— Que paciência a minha! — disse Manfredo. — Será que esta rapariga nunca mais chega ao que interessa? Que importa ao senhor marquês que eu te tenha dado um qualquer presente, em recompensa pela fidelidade com que tens servido minha filha? Queremos somente saber o que viste!

— Era isso que ia dizer a Vossas Altezas, se a tanto me autorizarem! — disse Bianca. — Estava eu a afagar este anel, isto depois de ter subido uns três degraus, quando ouvi o movimento de uma armadura, um ruído em tudo igual ao que Diego disse ter ouvido a dar voltas na câmara da galeria...

— Que vem a ser isto, senhor? — perguntou o marquês. — O vosso castelo está assombrado e cheio de gigantes e diabos?

— Ah, mas Vossa Alteza nunca tinha ouvido falar da história do gigante da galeria? — perguntou Bianca. — Muito me maravilha que Sua Alteza vo-la não tenha contado... Acaso não sois conhecedor da profecia?...

— Basta de sandices — interrompeu Manfredo. — Vamos pôr esta rapariga fora daqui, senhor! Temos assuntos mais importantes a tratar.

— Sandices não creio que sejam, permiti que vos diga — respondeu-lhe o marquês. — Ou será que a gigantesca espada que me guiou através do bosque, o capacete que lhe correspondia... tudo isso será visão da cabeça desta pobre donzela?

— O mesmo pensa Jaquez, com perdão de Vossas Altezas... — retorquiu Bianca. — Disse-me ele que não passaria esta lua sem que víssemos acontecer estranhas revoluções. Por mim, não sofrerei surpresa se tal suceder amanhã mesmo! Pois, como ia dizendo, ao ouvir o ruído daquela armadura, fiquei toda alagada em suores frios... Olhei para cima e, creiam-me Vossas Altezas, vi por cima do balaústre cimeiro da escadaria uma manopla tão grande, tão grande... que estive prestes a sair desmaiada... Corri, corri e só aqui parei! Quem me dera ver-me fora deste castelo! Ainda esta manhã a minha senhora Dona Matilda me disse que a senhora sua mãe sabe de uma coisa...

— Que insolência! — bradou Manfredo. — Pressinto, senhor marquês, que toda esta cena foi concertada com o fim de me causar afronta! Acaso haveis subornado meus criados, para eles contarem histórias que são uma injúria à minha honra? Reivindicai vossos direitos, mas por meios menos cobardes; tratemos de sepultar nossas rixas, como vos hei proposto, matrimoniando-nos, eu com a vossa filha e vós com a minha. Crede, porém que mal fica a um príncipe da vossa linhagem praticar com criadas subornadas...

— Desdenho do que ousais imputar-me — disse Frederico. — Nunca, até ao dia de hoje, eu tinha posto os olhos nesta donzela! Jamais lhe ofereci jóia alguma. Ah, quando a vossa consciência e a vossa culpa vos acusam, haveis por bem suspeitar de mim... Ficai-vos lá com vossa filha e não penseis mais em Isabella: os castigos pendentes sobre a vossa casa vedam-me o contrair dentro dela tais núpcias.

Alarmado com o modo resoluto que Frederico punha em tais palavras, Manfredo tudo fez para o pacificar. Ordenando a Bianca que saísse, tais submissões começou a fazer ao marquês, tão artificiosos encómios teceu a respeito de Matilda que Frederico mais uma vez se deixou cair. Sendo porém aquela paixão tão recente, difícil se lhe afigurou vencer logo todos os seus escrúpulos. Das palavras de Bianca tinha ele tirado matéria para se persuadir de que o céu se mostrava adverso a Manfredo. Os casamentos que lhe eram propostos iam fazer adiar por muito largo prazo as suas pretensões ao principado de Otranto: ora este tentava-o mais do que a contingente troca do dito principado pelo dote de Matilda. Não desejava porém sonegar de todo os compromissos assumidos. Propondo-se ganhar tempo, perguntou a Manfredo se era verdade que Hippolita

aceitava o divórcio. O príncipe, satisfeito por ser esse o único obstáculo e certo do seu ascendente sobre a esposa, garantiu ao marquês que assim era e que podia ir pessoalmente informar-se do facto junto da própria princesa.

Discutindo eles desta guisa, eis lhes é anunciado que está pronto o festim. Manfredo conduziu Frederico para o átrio principal, onde os receberam Hippolita mai-la princesa sua filha. Manfredo sentou o marquês ao lado de Matilda e tomou, por seu lado, assento entre a esposa e Isabella. Hippolita mostrava em seu porte a maior gravidade; mas as jovens princesas eram todas tristeza e melancolia. Determinado a prosseguir a negociação com o marquês durante a noite, Manfredo tudo fez para prolongar a festa pela noite fora, demonstrando a maior ledice e oferecendo a Frederico numerosos copos de vinho. Este, muito mais alerta do que Manfredo desejaria, declinava tais ofertas, pretextando as suas recentes perdas de sangue. O príncipe, entretanto, tentando cobrar ânimo e energias e fingindo-se distraído de tudo o mais, entregou-se a copiosa embriaguez, muito embora não tivesse alcançado a plena intoxicação dos sentidos.

Ia a noite já muito avançada quando o banquete chegou ao fim. Quis Manfredo retirar-se em companhia de Frederico. Este argumentando com a sua fraqueza e a necessidade de repouso, recolheu-se a seus aposentos, dizendo mui delicadamente que permitia a sua filha entreter-se com Sua Alteza até que lhe aprouvesse vir pessoalmente fazer-lhe companhia. Manfredo aceitou a troca e, para não pequeno pesar de Isabella, acompanhou-a aos seus aposentos. Matilda esperou pela mãe e foram ambas gozar o fresco da noite para as muralhas do castelo.

Tendo-se a companhia dispersado para estes diversos locais, Frederico saiu do quarto

e tratou de perguntar se Hippolita estaria só; foi-lhe dito por uma açafata que não tinha dado pela sua saída e que ela soía, àquelas horas, retirar-se ao seu oratório, onde por isso era provável encontrá-la.

No decurso do banquete, o marquês havia, com crescente paixão, observado a formosa Matilda. Desejava por isso encontrar Hippolita na disposição que o marido lhe havia comunicado. Tão ardente era o seu desejo que até esquecia os portentosos eventos que tanto o haviam alarmado. Seguindo sem que ninguém o visse e mui devagar para os aposentos de Hippolita, neles deu entrada com a resolução de a incitar a concordar com o divórcio, pois compreendia que Manfredo decidira tornar a posse de Isabella em condição inalterável, para poder ceder-lhe a mão de Matilda.

Não ficou o marquês surpreendido com o silêncio que reinava no aposento da princesa. De acordo com o que lhe tinham dito, julgou-a no oratório e para lá se encaminhou. A porta estava entreaberta e reinava lá dentro espessa treva. Empurrando a porta, lobrigou uma pessoa ajoelhada diante do altar. Aproximando-se, pareceu-lhe que não seria mulher, mas alguém que envergava hábito de burel e lhe virava as costas. Parecia estar absorto em oração. Ia o marquês retroceder quando o vulto, erguendo-se, se ficou por momentos em contemplação, sem para ele erguer o olhar. Enquanto esperava que a sacra personagem se aproximasse, o marquês, desculpando-se de tão indelicada interrupção, disse:

— Reverendo Padre, procuro a princesa Hippolita!

— Hippolita? — tornou-lhe uma voz cavernosa. — Viestes a este castelo à procura de Hippolita?

E o vulto, voltando-se compassadamente, mostrou a Frederico o semblante descarnado e as órbitas vazias de um esqueleto, rebuçado na estamenha de um eremita.

— Anjos todos do céu, vinde em meu auxílio! — clamou Frederico, recuando.

— Bem o precisas! — disse-lhe o fantasma.

Caindo de joelhos, Frederico suplicou misericórdia.

— Não te lembras de mim? — disse a aparição. — Lembra-te do bosque de Joppa!

— Sois aquele santo eremita? — disse Frederico, tremendo. — Que posso eu fazer pelo vosso eterno repouso?

— Foi para te entregares a deleites carnais que te libertaste do cativeiro? Hás esquecido a espada enterrada no bosque e os dizeres nela gravados?

— Não me hei esquecido, não — respondeu Frederico. — dizei-me, bento espírito, que haveis por bem mandar? Que devo eu fazer?

— Esquecer Matilda — respondeu a aparição, esvaindo-se.

O sangue de Frederico gelou-se-lhe nas veias. Quedou-se alguns minutos sem poder mover-se. Deixando-se então cair com o rosto em terra diante do altar, pediu, pela intercessão de todos os santos, lhe fosse concedido o perdão. Derramou de seguida copiosas lágrimas. Com a imagem da formosa Matilda, presente, mau grado seu, no pensamento, deixou-se cair no chão, enquanto no seu íntimo se debatiam a penitência e a paixão. Antes que ele tivesse recuperado da agonia em que seus sentidos tinham soçobrado, entrou no oratório Hippolita, sozinha, com uma vela na mão. Vendo um homem tombado no chão, julgou-o morto e deu um grito. O seu terror fez com que Frederico despertasse. Erguendo-se rapidamente, com o rosto lavado em lágrimas, fez menção

de fugir sem mais tardança. Hippolita porém, detendo-o, conjurou-lhe com palavras suplicantes lhe explicasse a causa de tamanha desordem e a razão de assim o encontrar tão abatido.

— Ah, virtuosa princesa... — disse o marquês, cheio de pesar, calando-se logo de seguida.

— Pelo amor de Deus, senhor — tornou-lhe Hippolita —, revelai-me as causas da vossa aflição. Que significam tão dolentes suspiros e tão grande alarme, ao dizerdes o meu nome? Que novas desaventuras preparará o céu contra a inditosa Hippolita?... Não me direis?... Por amor de todos os anjos do céu vos suplico, nobre príncipe — continuou, ajoelhando aos pés dos marquês —, me abrais o segredo que jaz em vosso peito!... Entendo que tendes pena de mim, que receais afligir-me com tremendas dores... Mas falar, por piedade!... Conheceis algo que a minha filha respeite?

— Não posso falar — disse Frederico, afastando-se dela. Pobre Matilda!

Abandonando abruptamente a princesa, correu para os seus aposentos. Encontrou à entrada destes Manfredo que, embriagado de vinho e de amor, o vinha procurar e convidar para ambos passarem algumas horas da noite entregues à música e à orgia. Ofendido com convite tão desconforme com o estado da sua alma, mandou-lhe que se retirasse; entrando nos aposentos, bateu com força a porta sobre Manfredo, e aferrolhou-se por dentro. O soberbo príncipe, furibundo com tão desacostumadas acções, viu-se num estado de alma de que podia resultar a prática dos mais fatais excessos. Atravessando o pátio, encontrou-se com o criado a quem ordenara ficasse de sentinela no convento, a espiar Jerónimo e Teodoro. O dito criado, tão ofegante que mal podia respirar, informou o senhor de que Teodoro e

uma das damas do castelo se encontravam naquele momento em privada conferência junto à tumba de Alfonso, na igreja de S. Nicolau. Seguira Teodoro de perto, mas as trevas da noite haviam-no impedido de descobrir quem pudesse ser a dama.

Manfredo, cujo espírito estava agitado e a quem Isabella despedira da sua presença, correspondendo com a máxima reserva ao seu estado de paixão, teve como certo que tal inquietação só podia ter como motivo a pressa que ela tinha de se encontrar com Teodoro. Levado por tais conjecturas, zangado com o pai de Isabella, correu secretamente para a igreja. Esgueirando-se mui devagar pelas naves laterais, guiado apenas por débil raio de luar que penetrava pelas janelas, encaminhou-se para os lados da tumba de Alfonso, orientando-se por certos murmúrios indistintos vindos de pessoas que não tardou a encontrar. Eram as seguintes as palavras que a princípio ouviu:

— Dependerá isso de mim? Manfredo nunca permitirá a nossa união...

— Não, impedi-la-á — bradou o tirano, sacando do punhal e enterrando-o profundamente no peito de quem assim falara!

— Ai de mim, que me mataram! — gritou Matilda, caindo ao chão. — Deus meu, recebei a minha alma!

— Selvagem, monstro desumano! Que fizeste! — gritou Teodoro arremetendo a Manfredo e arrebatando-lhe o punhal.

— Alto! Detende a ímpia mão! — gritou Matilda. — É meu pai!

Manfredo, despertando da embriaguez, deu uma pancada na testa, torceu, torceu os pulsos e tentou arrancar o punhal das mãos de Teodoro, com intenção de se matar. Teodoro, atento e vencendo o pesar que lhe vinha de não poder socorrer Matilda, começou de gritar para

que os monges lhe trouxessem socorro. Enquanto parte destes auxiliavam o aflito Teodoro a estancar o sangue da princesa moribunda, os outros impediam Teodoro de dar a morte a si próprio.

Matilda, pacientemente resignada com a sua desaventura, agradecia com apaixonados olhares o zelo de Teodoro. Tanto quanto a sua extrema fraqueza lhe permitia articular algumas palavras, suplicava aos presentes que confortassem seu pai. Tinha entretanto chegado até Jerónimo a notícia fatal. Acorreu à igreja; o seu olhar pareciam censurar Teodoro, mas voltando-se logo para o príncipe, disse:

— Vede bem, tirano, como se cumprem as desgraças que sobre vossa ímpia e mísera cabeça impendiam! O sangue de Alfonso clamava ao céu por vingança. Permitiu o céu que o seu altar sofresse a poluição do assassínio e que o teu próprio sangue fosse derramado aos pés do sepulcro do príncipe!

— Homem cruel! — disse Matilda. — Assim agravais as mágoas de meu pai? Que o céu tenha misericórdia dele, da mesma guisa que eu lhe concedo o meu perdão. Meu pai e meu senhor, perdoareis a vossa filha! Não vim eu aqui com o propósito de me encontrar com Teodoro! Vim sim orar aos pés deste túmulo, cumprindo o desejo de minha mãe, que aqui me mandava rezar por vós, por ela... Querido pai, deitai-me a vossa bênção, dizei a vossa filha que lhe perdoais!

— Perdoar-vos? Monstro! — bradou Manfredo. — Pode um assassino perdoar? Eu vos tomei por Isabella, mas foi o céu quem guiou minha mão criminosa para o coração de minha própria filha! Ah, Matilda, como ousarei dizer--vo-lo?... Será que perdoais a cegueira da minha raiva?

— Perdoo, sim, senhor, e oxalá o céu confirme o meu perdão... E no tempo de vida que me resta, permiti vos peça... ah, que irá ser da minha pobre mãe!... Confortá-la-eis, senhor?... Não posso mais! Levai-me para o castelo... que eu possa viver até que ela própria me feche os olhos!

Teodoro e os monges tudo fizeram para que ela se deixasse antes levar para o convento; mas com tal premência ela instava que a levassem para o castelo que, colocando-a em uma liteira, a levaram para onde ela pedia. Teodoro, segurando-lhe a cabeça com o braço e debruçado sobre ela nos transes de um desesperado amor, procurava inspirar-lhe esperanças de vida. Jerónimo, por outro lado, confortava-a falando-lhe dos céus; erguendo à sua frente um crucifixo que ela molhava de inocentes lágrimas, preparava-a para subir à imortalidade. Manfredo, mergulhado em profunda aflição, seguia desesperado a liteira.

Mal não tinham chegado ao castelo, Hippolita, informada da terrível catástrofe, correu ao encontro da filha assassinada; ao ver aquele triste cortejo, a grandeza da sua dor fê-la perder os sentidos e cair desfalecida no chão. A seu lado, Isabella e Frederico, sentiam-se acabrunhados por quase igual tristeza. Só Matilda se mostrava insensível à sua própria situação; todos os seus pensamentos se resumiam à ternura para com sua mãe. Ordenando aos portadores da liteira que parassem, no momento em que Hippolita veio ao seu encontro, perguntou pelo pai. Incapaz de falar, este aproximou-se. Pegando nas mãos do pai e da mãe, Matilda reuniu-as e apertou-as sobre o coração. Não conseguiu Manfredo suportar este acto de patética piedade. Deixou-se cair por terra e amaldiçoou o dia em que nascera.

Receosa de que semelhantes lutas de paixão fossem superiores às poucas forças de Matilda, Isabella houve por bem ordenar que Manfredo fosse levado para os aposentos respectivos e Matilda para os que lhe eram contíguos. Hippolita, pouco menos viva que a filha, pensava em tudo menos em si própria; quando a cuidadosa Isabella lhe pediu se retirasse, enquanto os físicos cuidavam das feridas de Matilda, Hippolita exclamou:

— Retirar-me? Nunca! Vivi sempre para ela, com ela hei-de morrer!

Matilda, ao ouvir a voz da mãe, abriu os olhos, mas logo os fechou sem nada dizer. A débil pulsação, a húmida frigidez das mãos, eram indício de que não restavam esperanças de recuperação. Teodoro acompanhou os cirurgiões a uma sala contínua e ouviu-lhes pronunciar a fatal sentença, o que lhe causou desmedido frenesi.

— Pois não pôde ser minha em vida — bradou —, há-de ao menos ser minha empós a morte!... Jerónimo, meu pai, uni as nossas mãos! — suplicou ele ao frade que, tal como o marquês, acompanhava os físicos.

— Que significam tão furiosos ímpetos — disse Jerónimo. — O momento é de bodas?

— É, sim — disse Teodoro. — Não resta nenhum outro!

— Mostrai-vos insensato, mancebo! — opinou o marquês. — Julgais que nós daremos ouvidos a arroubos de paixão, nesta hora de infortúnio? Que pretensões são as vossas a respeito da princesa?

— As de um príncipe — disse Teodoro. — As do legítimo soberano de Otranto. Este reverendo padre, que é meu pai, informou-me de quem sou.

— Sonhais — disse o marquês. — Sou eu o legítimo príncipe de Otranto, uma vez que Man-

fredo, com seu assassínio sacrílego, se vê ora privado de seus direitos.

— Senhor — começou então Jerónimo, com aspeito imperativo —, é verdade o que ele diz. Não era meu propósito que a verdade fosse tão cedo divulgada; mas o destino apressou a hora. A minha língua confirma tudo quanto ele, no ardor da paixão, revelou. Sabereis, senhor, que quando Alfonso partiu para a Terra Santa...

— A hora é de explicações? — atalhou Teodoro. — Vinde, meu pai, e uni-me à princesa; ela será minha... Em tudo o mais vos prestarei respeitosa obediência... Querida e adorada Matilda! — bradou Teodoro, tornando a entrar na alcova. — Será que não sois minha? Não abençoareis o vosso...

Percebendo Isabella que estava próximo o fim da princesa, acenou ao mancebo que se calasse...

— Quê?... Ela morreu? — gemeu Teodoro. — Será possível?

A violência destes brados obrigaram Matilda a despertar. Erguendo os olhos, contemplou sua mãe:

— Estou aqui, vida da minha alma — suspirou Hippolita. — Não julgueis que eu vos abandono!

— Que boa sois, senhora! — disse Matilda. — Mas não choreis. Vou para onde jamais haverá tristeza... Vós, Isabella, fostes minha amiga! Porque não supris a falta do meu carinho junto desta adorada senhora? Ah, não posso mais...

— Filha minha! Filha minha! — disse Hippolita, mergulhada em pranto. — Não podereis reter-vos mais um momento?

— Não — respondeu Matilda. — Encomendai-me aos céus. Meu pai aonde está?... Perdoai-lhe, querida mãe... perdoai-lhe a minha morte; foi por engano... Ah, já me esquecia...

Eu tinha prometido não tornar a ver Teodoro... Deve ter sido isso o que desencadeou esta catástrofe... mas não porque eu o quisesse... Perdoar-me-eis?...

— Ai, não tortureis mais esta minha alma aflita — disse Hippolita. — Jamais me heis ofendido!... Ah, sucumbiu... Socorrei-a!

— Quero dizer ainda...... — murmurou Matilda a custo — ...Isabella, Teodoro... por amor de mim... oh!...

E expirou. Isabella e suas aias conseguiram à força retirar Hippolita de junto do cadáver; Teodoro porém ameaçava destruir tudo quanto o impedisse de permanecer ali. Mil vezes beijou as mãos gélidas da morta, pronunciando ao mesmo tempo todas as palavras que um amor desesperado pode ditar.

Isabella acompanhara Hippolita até aos seus aposentos; mas, a meio do pátio, encontraram-se com Manfredo que, absorto em seus pensamentos e desejoso de ver uma vez mais a filha, se encaminhava para o quarto onde ela jazia. O luar brilhava em todo o seu fulgor e ele pôde ler no semblante da esposa e de todos a desgraça de que ele próprio fora causador.

— Ah, ela morreu? — exclamou cheio de furor e confusão.

Mas, naquele exacto momento, violento trovão fez abanar o castelo desde os alicerces; a terra tremeu e no seu interior fez-se ouvir um ruído mais forte que o da armadura mortal. Frederico e Jerónimo cuidaram que fosse o dia de juízo. Este, arrastando consigo Teodoro, precipitou-se para o pátio. Quando Teodoro apareceu, as muralhas que ficavam atrás de Manfredo ruíram com fragor e o vulto de Alfonso, assumindo uma forma gigantesca, ergueu-se do meio das ruínas.

— Eis Teodoro, legítimo herdeiro de Alfonso! — disse a visão.

E, ditas que foram estas palavras, acompanhadas pelo ribombar do trovão, ergueu-se solenemente no céu onde, atrás da névoa logo desfeita, apareceu S. Nicolau. Recebendo este em suas mãos o espectro de Alfonso, ambos, e glorioso resplendor, se eclipsaram dos mortais olhares.

Todos os circunstantes se prostraram por terra, submissos à vontade divina. Quem primeiro quebrou o silêncio foi Hippolita:

— Meu senhor — disse ela para o abatido Manfredo —, considerai ora a vaidade das grandezas terrenas! Conrado morreu! Matilda já não existe! Honremos em Teodoro o verdadeiro príncipe de Otranto! Por que milagre tudo isto se operou, não no sei! Baste-nos o que vimos, que a nossa sentença lida está! Resta-nos consagrar os poucos dias de vida que nos falta viver a rogar aos céus suspendam sua cólera! Que mais podemos fazer! Se o céu nos repudia, para onde iremos senão para os benditos claustros que se oferecem para nosso abrigo?

— Oh! mulher sem mancha! — exclamou Manfredo. — Pura mas mísera por via dos meus crimes! Meu coração se abre a vossas pias admonições! Quem dera que tudo isso fosse — mas não é! — um mero sonho! Deixai que eu exerça justiça sobre mim próprio! Que a ignomínia se acumule sobre a minha cabeça, porque só assim poderei satisfazer por aquilo que devo aos ofendidos céus! Foi a minha vida quem me atraiu estes castigos... deixai que a minha confissão expie... Mas que coisa poderá haver que expie uma usurpação e o assassínio de um filho? O assassínio de um filho num lugar sagrado? Que tudo isto se escreva, senhores, para que tais eventos possam servir de aviso a futuros tiranos. Como sabeis, Alfonso morreu na Terra Santa. Interromper-me-eis... Dir-me-eis que sua morte não foi coisa tão simples como eu digo... E é verdade... Porquê mais esta taça de fel que Manfredo tem de beber até às fezes?... Ricardo, meu avô, era o seu camareiro-mor... Deveria ocultar com um véu os crimes dos meus antepassados, mas é trabalho vão: Alfonso morreu envenenado. Fictício testamento logo empós declarou Ricardo seu herdeiro! Seus crimes o perseguiram; não perdeu todavia Conrado nem Matilda! Sou eu quem paga hoje o preço de todas as suas usurpações! Alterosa procela um dia o assaltou! Lembrado do seu crime, prometeu ele a S. Nicolau erigir uma igreja e dois conventos, se lograsse chegar com vida a Otranto. A oferenda foi aceite: apareceu-lhe em sonhos S. Nicolau, dizendo-lhe que a sua posteridade havia de reinar sobre Otranto, até que o seu legítimo senhor chegasse à idade de morar neste castelo e enquanto um filho varão da linhagem de Ricardo neste castelo existisse! Mas eis que desta inditosa raça, não resta já homem nem mulher a não ser eu... Termino... que os sucessos destes três últimos dias falam por si... De que maneira pode este mancebo ser de Alfonso o herdeiro, não saberei eu dizer-vos... Mas não hesito em crê-lo... Dele são estes domínios! A eles renuncio! Ainda que desconhecesse a existência deste herdeiro de Alfonso, não quero pôr em dúvida a vontade do céu... Será o resto da vida de Manfredo passado em pobreza e orações, até chegar a hora de ir para junto de Ricardo.

— Falta agora que eu conte a minha parte — disse Jerónimo. — Em seu caminho marítimo para a Terra Santa, foi Alfonso arrastado pela procela para as costas da Sicília. Outro barco, onde seguiam Ricardo e seu séquito, como Vossa Senhora há-de ter ouvido contar, seguiu rumo diverso, separando-os ali.

— É verdade — disse Manfredo. — O título que me atribuis é que fica mal a um proscrito como eu... Mas seja... Prossegui!

Jerónimo corou e seguiu sua narração:

— Três meses Dom Alfonso ficou, dados os ventos contrários, retido na Sicília. Ali se enamorou de uma formosa donzela de nome Victoria! — Demasiado pio para a atrair para prazeres ilícitos, com ela se casou. Parecendo-lhe todavia aquele amor muito em desacordo com a santa promessa de cavaleiro que havia jurado, determinou de esconder tais núpcias até ao seu regresso da cruzada, altura em que se propunha reconhecê-la por legítima esposa. Grávida a deixou. Na ausência dele, deu ela à luz uma filha. Mas, mal as dores de parto a tomaram, chegou-lhe aos ouvidos a fatal nova da morte de seu senhor e a da sucessão de Ricardo. Que podia fazer uma pobre mulher sem amigos e sem esperança? Alguém aceitaria como verdadeiro o seu testemunho! Tenho todavia em meu poder uma escritura autêntica...

— Não é necessária! — atalhou Manfredo. — Os horrores destes dias, a visão que há momentos nos foi dado contemplar, tudo isso corrobora melhor vosso relato do que milhares de pergaminhos. A morte de Matilda e a minha expulsão...

— Senhor, apacificai-vos — disse Hippolita. — Este santo homem não deseja reacender o lume do vosso pesar.

E Jerónimo prosseguiu:

— Não insistirei no que não for mister. A filha que Victoria deu à luz casou, uma vez mulher, comigo. Victoria morreu; eu mantive o segredo encerrado no meu peito. A narrativa que Teodoro vos fez já vos informou do resto.

Calou-se o frade. A triste companhia retirou-se para a parte do castelo que não ruíra. Ao alvorecer do dia seguinte, Manfredo assinou,

com a aprovação de Hippolita, a sua abdicação do principado, e ambos tomaram o hábito de religião nos conventos dos arredores. Frederico ofereceu sua filha ao novo príncipe, para estímulo do que muito concorreu a ternura de Hippolita para com Isabella.

O pesar de Teodoro era demasiado recente para que ele pudesse aceitar a ideia de um segundo amor; mas, ao termo de não muitas palavras trocadas com Isabella, a respeito da sua amada Matilda, pôde Teodoro persuadir-se de que a sua felicidade havia de residir na vida em comum com alguém com quem pudesse partilhar a melancolia que da sua alma se havia apoderado.

APÊNDICE

Na Biblioteca Nacional de Lisboa, proveniente da **Bibliotheca Colegii Campolitensis**, sob a cota L. 18.135, pode ler-se uma obra inglesa em dois volumes com o título simples de **Walpoliana** e que reúne notas, máximas, anedotas, cartas e outros escritos breves de Horace Walpole. Os volumes não têm data, mas situam-se nitidamente no último período da vida do autor. Nunca os vimos referidos nas Bibliografias de Walpole. Aqui se seleccionam alguns desses trechos, mormente os que se referem ao **Castelo de Otranto**, a factos políticos contemporâneos, e a curiosidades medievalescas, referentes a Inquisição, Cruzadas, mosteiros, etc. A numeração entre parêntesis é a que, no original, corresponde a cada um dos trechos transcritos. Todas as notas são do tradutor.

VOLUME I:

(VII). AFECTO CONJUGAL

Certo fidalgo francês, casado em segundas núpcias, lamentava muitas vezes a perda da sua primeira mulher, na presença da segunda que um dia lhe disse: **«Monsieur, je vous assure qu'il n'y a personne qui ne la regrette plus que moi.»** (1)

---

(1) «Garanto-vos, senhor, que sou eu quem mais lamenta a sua morte.» Compare-se o humor da piada com o da que tem o n.° XIX.

(VIII). ENTENDIMENTO CONJUGAL

Outra dama francesa escrevia ao marido esta carta: **«Je vous écris, parce que je n'ai rien à faire; je finis, parce que je n'ai rien à dire.»** (2)

(XIII). BONITA METÁFORA

Dito de Mrs. D... a respeito de certa jovem que casara com um homem de que gostava, quando teve que deixar as amigas que tinha na cidade, para acompanhar o marido à província: «Trocou vinte xelins por um guinéu.»

(XIV). FAVORES REAIS

Gloriava-se certo francês de o rei ter falado com ele. Perguntaram-lhe o que é que Sua Majestade lhe tinha dito e ele respondeu: «Ordenou-me que saísse da sua frente.»

(XVI). PROVAS GENEALÓGICAS

Sendo apresentado na corte a Luís XIV um certo fidalgo, mostrou o rei estranheza por o senhor daquele título ter tido filhos, visto ser tido como impotente. **«Oh, Sire** — disse Roquelaure — **ils ont été tous impuissants de pére en fils.»** (3)

(XIX). ANEDOTA

Incitava a duquesa ao duque para que tomasse certo remédio, dizendo convictamente: «Enforcada seja

---

(2) «Escrevo-vos por não ter nada que fazer; termino, porque não tenho nada a dizer.»

(3) «Oh, Sire, eles têm sido todos impotentes de pais para filhos.» Quem assim falava era Antoine de Roquelaure, barão e marechal na corte de Versalhes.

eu se esse remédio vos não for benéfico.» O Dr. Garth, que estava presente, exclamou: «Vá, tomai-o, senhor duque, pois se não beneficiardes de uma maneira, podeis beneficiar da outra.»

(XXXVIII). HORAS DA ESCRITA

Escrevi o **Castelo de Otranto** em oito dias, ou antes em oito noites; porque a hora mais habitual do meu trabalho de escrita vai das dez da noite às duas da manhã, caso tenha a certeza de que não vem nenhuma visita importunar-me. Enquanto escrevo, tomo muitas chávenas de café.

(XXXIV). ESCRITORES E ARTISTAS

Sempre me esforcei por fugir às relações e a conversas com escritores. Um escritor a falar da sua obra ou a censurar a dos outros é para mim uma dose de **hypocacuana**. Aprecio de facto alguns que, na conversação, se esquecem de que são escritores e falam como pessoas normais.

A conversa dos artistas é ainda pior. Os seus condimentos principais são a vaidade e a inveja. A vaidade é detestável por chocar com a nossa própria vaidade.

(XLII). JORGE I

Ainda me lembro de Jorge I. Meu pai levou-me a St. James, era eu criancinha. Depois de algum tempo de espera na antecâmara, vi aparecer um senhor todo vestido de castanho, incluindo as meias; no cabelo usava uma fita e trazia galões. Pegou em mim ao colo, beijou-me e acariciou-me durante uns momentos.

(XLVII). DR. ROBERTSON

Fui há dias recebido pelo Dr. Robertson. Falámos de vários assuntos políticos e ele exprimiu determinada

opinião, concluindo assim: «... porque deve saber, sir, que eu me considero um Whig [4] moderado». Eu respondi: «Sim, Doutor, eu tenho-o na conta de um Whig moderadíssimo.»

(XLIX). D. QUIXOTE

D. Quixote não é muito do meu agrado. Quando um homem é tão doido que confunde um moinho com um gigante, que pode escrever-se sobre ele senão uma insípida repetição de disparates ou uma incaracterística fuga aos mesmos?

(Em boa verdade, este meu juízo é apressado. É a minuciosa descrição da vida e dos tipos espanhóis o que mais nos interessa na leitura do D. Quixote e que nos leva a desculpar a extravagância da personagem principal e a insipidez das cenas pastoris. Os diversos episódios são maus, à excepção do episódio do espanhol cativo da moira, história contada com muita verdade e naturalidade.)

(LI). NOVO TIPO DE ROMANCE

Estou firmemente convencido de que é possível escrever uma história em que todos os incidentes tenham aparência de sobrenaturais, sendo afinal todos naturais [5].

---

[4] O partido Whig (liberal) e o partido Tory (conservador) eram os principais no tempo de Walpole. Ele próprio era do partido Whig.

[5] Vê-se onde Walpole quer chegar: uma narrativa em que real e imaginário se misturam, em que o imaginário se torna tão real que não é possível distingui-los. A definição moderna de Todorov está afinal contida nesta ideia de Walpole. Será Anne Radcliff quem levará tal tipo de romance às últimas consequências.

(LVIII). MILTON

Se Milton tivesse escrito em italiano, teria sido, a meu ver, o mais perfeito poeta das línguas modernas, pois o vigor do seu pensamento teria sido, na língua italiana, condensado e temperado de forma perfeita [6].

(LXXIV). ANEDOTAS DAS RUAS

Há um livro francês chamado **Anecdotes des Rues de Paris**. Iniciei um trabalho semelhante: **Anecdotes of the Streets of London**. Pretendia, à imitação do original, fazer o inventário das ruas e casas em que tivessem acontecido incidentes dignos de nota. Mas achei que dava trabalho demasiado andar a coligir materiais nas mais diversas fontes. Ao cabo de dez ou doze páginas pus tal plano de lado [7].

(LXXIX). HISTÓRIA

Pretendendo oferecer a meu pai qualquer distracção, numa altura em que ele estava já retirado da política, ofereci-lhe um livro de História, «Tudo menos História — disse ele. — Porque o dever da História é ser falsa.»

(CVIII). MÁXIMA DE GOVERNO

A grande máxima do governo de Sir Robert Walpole era **Quieta non movete** [8], máxima muito oposta às dos governos actuais.

---

[6] O prefácio à 1.ª edição refere este interessante assunto linguístico.

[7] O tradutor português ainda não desanimou de realizar um livro de **Anedotas as Ruas de Lisboa**. Haja editor...

[8] «Não mexais no que está quieto.»

(CX). GRAY

Gray era deísta e grande inimigo dos ateus como ele julgava que fossem Voltaire e Hume (se bem que, a meu ver, a opinião dele fossę errónea).

As querelas entre mim e Gray provinham de ele ser demasiado sisudo. Eu rompia com a disciplina da Universidade, gastava mais dinheiro do que o que possuía, era um perdulário. Gray gostava de antiguidades, etc... eu só queria bola e jogo. Quem estava errado era eu...

Gray era baixinho, tinha um semblante pouco gracioso.

(CXV). REPÚBLICAS

Embora em teoria admire os princípios republicanos, receio que tal política exija uma perfeição demasiada para a natureza humana. No século passado experimentámos a república e foi um falhanço. Deixemos que sejam os nossos inimigos a experimentá-la agora. Detesto experiências políticas.

(CXXIV). ÓPIO

Muito me surpreende a aversão dos nossos médicos contra o ópio. Eu tive um ataque febril de gota e não conseguia dormir. Consultei o médico: disse-me que não tomasse ópio. Mas ele saiu, fui por ele, tomei-o (uns quatro grãos, se bem me recordo), dormi muito bem e estou quase recuperado.

(CXXXIII). VOLTAIRE E ROLT

Voltaire cai por vezes nos erros mais estranhos. Quando o obscuro Rolt publicou a história da Guerra de 1741, tema também tratado pelo filósofo francês, Voltaire escreveu-lhe cartas bajulando-o, cognominando-o o maior historiador da nossa época.

(CXXXIV). MÃE DOS VÍCIOS

O Duque de Orleães, o Regente, tinha quatro filhas conhecidas pelos nomes dos quatro pecados cardeais. Alguém bem disposto escreveu no túmulo da mãe: **«Cy gist l'Oisiveté»**, Aqui jaz a Ociosidade, que, como se sabe, é considerada mãe de todos os vícios.

VOLUME II:

(XX). PREMATURO

Casou certo homem com uma moça que, ao cabo de seis semanas, lhe deu um filho. Diziam-lhe os amigos que a criança tinha vindo cedo demais. «Enganam-se — disse ele — o casamento é que se realizou com algum atraso.»

(XXIII). MORTE MODESTA

Gosto imenso de Fontenelle e de todas as anedotas que se lhe referem. Vieram dizer-lhe que certa actriz tinha morrido de **small-pox.** [9] «Que modéstia!» — exclamou ele.

(XXV). MÁXIMA SOBRE A ESCRITA

Devemos falar aos olhos, se quisermos atingir a mente [10].

---

[9] Traduzindo à letra, **pequena sífilis.** Em francês, língua de Fontenelle, a expressão é semelhante: **petite-vérole.** Corresponde à varíola ou varicela.

[10] **No original:** «We must speak to the eyes, if we wish to affect the mind.»

(XXXIV). DANTE

Dante é um autor difícil. Bom seria termos dele a tradução completa em prosa, com o original na página ao lado, como sucede com a edição francesa do **Inferno**, impressa em Paris em 1776.

(XLII). LEITURA ÚTIL

Lendo o filho do Dr. Bentley um romance, disse-lhe o pai: «Para quê ler um livro de que não vais poder fazer extractos?»

(LXXVI). UTILIDADE DOS MOSTEIROS

Certo embaixador do Cairo junto de Lorenzo de Médicis perguntava ao sábio príncipe como é que conseguiam ter tão poucos doidos em Florença, quando no Cairo eles eram tão numerosos. Apontando o sábio príncipe para um mosteiro, disse-lhe: «Encerramo-lo nestas casas.»

(XCI). VERDADE

Em todas as ciências, os erros precedem as verdades; aliás é melhor virem no princípio do que no fim.

(XCV). ESPERTEZA NO PERGUNTAR

Dominico, o arlequim, visitando Luís XIV à hora da ceia, deu com os olhos num prato de perdizes. O rei, que gostava de o ver representar, notou-o e disse:

— Dai esse prato a Dominico.

— E as perdizes também, sire?

Luís, compreendendo-lhe a esperteza, respondeu:

— As perdizes também!

O prato era de ouro.

(C). O DIABO

No tempo de Luís XIV, houve várias damas de posição que foram acusadas de práticas mágicas. Havia entre elas uma princesa que foi sujeita a exame por um magistrado cuja fealdade era famosa. Confessou a duquesa ter tido comércio com o diabo.

— Que aspecto era o dele? — perguntou com gravidade o magistrado.

— O da vossa própria pessoa. Parecia-se mais convosco do que costumam parecer-se duas gotas de água.

E, voltando-se para o escrivão, disse-lhe que escrevesse esta resposta. Temendo o ridículo, o magistrado não prosseguiu no exame.

(CIII). MANIA DA ERUDIÇÃO

Certo alemão escreveu um tratado muito elaborado onde prova que César nunca esteve na Gália. Seria este ou algum irmão deste o que demonstrou que Tácito não percebia a língua latina?

(CXII). MOINHOS

Os moinhos de vento foram introduzidos entre nós depois das Cruzadas. Antes usavam-se moinhos manuais.

(CXXI). POBRE NATUREZA HUMANA!

Contou-nos um historiador italiano que em 1212 surgiu na Alemanha a crença que o Mediterrâneo ia secar, para que os crentes pudessem ir para Jerusalém a pé. A Itália encheu-se de milhares de peregrinos alemães.

(CXXIII). ILUMINAÇÃO

Foi na Inglaterra que foram queimados os primeiros hereges, no reinado de Henrique IV, o Usurpador, tendo este o fim de ser agradável aos bispos que o tinham ajudado a depor Ricardo II.

(CXXXVI). CARTAS DE VOLTAIRE

A correspondência entre Voltaire e o imperador da Rússia é a melhor de toda a correspondência de Voltaire. Mas eu prefiro, às de Voltaire, as cartas do Imperador.

(CLXI). CASTELO DE OTRANTO

Lady Graven trouxe-me da Itália um gracioso presente: um desenho do Castelo de Otranto. É esquisito que a janela das traseiras corresponda à descrição que dela faço no romance. Quando escrevi este, nem sequer sabia que em Otranto havia castelo. Eu precisava de uma terra a Sul da Itália e o primeiro nome que encontrei no mapa foi Otranto [11].

(CLXXV). DEMOCRATAS

Os nossos democratas são fraca coisa. Cão que ladra nunca morde. O perigo, na França, está em que a acção deles é silenciosa e repentina. Nada dizem e fazem tudo... Os nossos dizem muita coisa e não fazem nada.

([11]) Esta nótula e as quatro anteriores são uma amostra da vasta erudição de Walpole nos assuntos que foram a matéria essencial do seu romance: as Cruzadas, a Igreja, a Itália...

(CXC). RETRATO DE NINON

Sempre desejei possuir um retrato de Ninon de l'Enclos. Consegui-o, mas não gosto dele. Ela tenta, de facto, parecer encantadora, mas afigura-se-me bêbeda ([12]).

([12]) Ninon (1620-1705), bela e inteligente duma francesa, tinha em Paris um salão frequentado pelos livres pensadores da época e pelos descontentes que deram origem à **Fronda**. Tida como amante de Condé e La Rochefoucauld.

LIVRO B

PUBLICADOS:

1. O ARRANCA CORAÇÕES/BORIS VIAN
2. O ELEFANTE/MROZECK
3. DO ASSASSÍNIO COMO UMA DAS BELAS-ARTES/THOMAS DE QUINCEY
4. A CASA DOS MIL ANDARES/JAN WEISS
5. FÁBULAS FANTÁSTICAS/AMBROSE BIERCE
6. MANUSCRITO ENCONTRADO EM SARAGOÇA/JEAN POTOCKI
7. ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO/LEWIS CARROLL
8. OS CONTOS CRUÉIS/VILLIERS DE L'ISLE-ADAM
9. A EMBRUXADA/BARBEY D'AUREVILLY
10. OS PARAISOS ARTIFICIAIS/CHARLES BAUDELAIRE
11. AS AVENTURAS DE GORDON PYM/EDGAR ALLAN POE
12. FRANKENSTEIN/MARY SHELLEY
13. SMARRA, OU OS DEMÓNIOS DA NOITE/CHARLES NODIER
14. O JARDIM DOS SUPLÍCIOS/OCTAVE MIRBEAU
15. AS FILHAS DO FOGO/GÉRARD DE NERVAL
16. O FANTASMA DOS CANTERVILLE/OSCAR WILDE
17. OS DEMÓNIOS DE RANDOLPH CARTER/H. P. LOVECRAFT
18. O CAPITÃO CAP/ALPHONSE ALLAIS
19. O ELIXIR DA LONGA VIDA/H. DE BALZAC
20. AVATAR/GAUTHIER
21. HISTÓRIAS DE VAMPIROS
22. AFORISMOS/LICHTENBERG
23. CONTOS FANTÁSTICOS/ERNST HOFFMANN
24. DICIONÁRIO DAS IDEIAS FEITAS/G. FLAUBERT
25. O OUTRO MUNDO OU OS ESTADOS E IMPÉRIOS DA LUA/ /CYRANO DE BERGERAC
26. O COCHEIRO DA MORTE/SELMA LAGERLÖF
27. O REI DA MÁSCARA DE OURO/MARCEL SCHWOB
28. O CAVALEIRO DAS TREVAS/PAUL FÉVAL
29. SHE/H. RIDER HAGGARD
30. O HORLA E OUTROS CONTOS FANTÁSTICOS/GUY DE MAU-PASSANT
31. O LOBISOMEM/ALEXANDRE DUMAS
32. O ALTAR DOS MORTOS/HENRY JAMES
33. O CASTELO DE OTRANTO/HORACE WALPOLE